

MÃE CORUJA PERNAMBUCANA



Um olhar histórico e afetivo

VOLUME 1







Um olhar histórico e afetivo

VOLUME 1



Programa Mãe Coruja Pernambucana

Paulo Henrique Saraiva Câmara
Governador do Estado de Pernambuco

João Henrique de Andrade Lima Campos
Gabinete do Governador

Renato Thiébaut
Chefe de Gabinete de Projetos Estratégicos

Ana Elizabeth de Andrade Lima
*Coordenadora do Programa Mãe Coruja Pernambucana e
Diretora de Políticas Estratégicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana*

SECRETARIAS

José Iran Costa Júnior
Secretário de Saúde

Frederico Amâncio
Secretário de Educação

Roberto Franca Filho
Secretário de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude

Alexandre Valença
Secretário de Micro e Pequena Empresa, Trabalho e Qualificação

Márcio Stefanni
Secretário de Planejamento e Gestão

Sílvia Cordeiro
Secretária da Mulher

Nilton Mota
Secretário de Agricultura e Reforma Agrária

Marcelino Granja
Secretário de Cultura

Felipe Carreras
Secretário de Turismo, Esportes e Lazer

P452m Pernambuco. Governo do Estado
Mãe coruja pernambucana : um olhar histórico e afetivo / Governo do Estado ;
Fundação Maria Cecília Souto Vidigal ; prefácio Paulo Câmara ; apresentação Eduardo
de C. Queiroz. – Recife : Cepe, 2017.
v. 1. : il.

Inclui referências.

1. PROGRAMA MÃE CORUJA PERNAMBUCANA. 2. ASSISTÊNCIA À
MATERNIDADE E À INFÂNCIA. 3. ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL. 4. CRIANÇAS –
DESENVOLVIMENTO – ASSISTÊNCIA SOCIAL. 5. GRAVIDEZ NA ADOLES-
CÊNCIA – ASSISTÊNCIA SOCIAL. 6. MÃES – PERNAMBUCO – ASPECTOS
SOCIAIS. 7. MÃES – PERNAMBUCO – CONDIÇÕES SOCIAIS. 8. BEM-ESTAR
SOCIAL – PERNAMBUCO. 9. FUNDAÇÕES E INSTITUIÇÕES BENEFICENTES
– PERNAMBUCO. 10. PROGRAMA MÃE CORUJA PERNAMBUCANA – HIS-
TÓRIA. I. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. II. Câmara, Paulo. III. Queiroz,
Eduardo de C. IV. Título.

CDU 364.4
CDD 362.198

Sumário

Prefácio	9
Apresentação.....	13
Parte 1 - Um olhar histórico	17
O grande desafio	19
Capítulo 1 – A construção de uma ideia	21
Capítulo 2 – Inaugurando vida nas vidas das pessoas	37
Capítulo 3 – Um dia após o outro	49
Uma vida menos severina	65
Parte 2 - Um olhar afetivo	67
Um caminho cheio de vida e esperança	68
Quando o amor vence a dor	74
Paciência que nasce do amor ao filho	82
Enfeites para dar ânimo e renda	90

Superação à base de doces e salgados	98
Círculos contra a depressão	108
Uma valente na paisagem sertaneja	116
Artesanato para enfeitar o futuro	126
Nasce uma bem-sucedida manicure	134
Sonhos possíveis da miúda e vaidosa Cleide	142
Comércio de doces em comunidade quilombola	150
Primeiro o susto, depois a vitória	160
Cinco encontros afetivos	170
A felicidade entre sonhos e festas	178
A arte de superar obstáculos e a cultura de ser feliz	184
Uma história de amor e superação	192
Documentos consultados	203

Autores: Sérgio Miguel Buarque
e Benira Maia

Às crianças pernambucanas





Foto: Aluisio Moreira/SEI

O Programa Mãe Coruja Pernambucana, resultado da inspiração e trabalho de muita gente e uma das estratégias mais bem-sucedidas do Governo Eduardo Campos, trouxe vida e esperança para milhares de mães e crianças do nosso Estado. Ao longo de quase uma década, o programa apresentou resultados expressivos, cresceu de forma sustentável e consistente, ganhou reconhecimento internacional e se consolidou como uma política de Estado. O Mãe Coruja é, hoje, um programa perene.

Falo isso com muita segurança porque acompanho e conheço detalhadamente o Mãe Coruja desde o seu início em 2007 – primeiro como Secretário de Estado (em três pastas diferentes) e depois como Governador – e desde cedo já estava muito claro que o programa seria algo capaz de ir além do alcance de cada um de nós, com respaldo político e reconhecimento social capaz de ultrapassar mandatos.

Como não poderia deixar de ser, as prioridades do Mãe Coruja são prioridades do meu Governo. E como costume dizer, prioridade não é conversa, é orçamento. Só tem prioridade aquilo que tem recursos garantidos. Por isso, ainda em 2016, enviei à Assembleia Legislativa um projeto de lei para tornar impositivo os recursos do Mãe Coruja Pernambucana. Em outras palavras, as rubricas destinadas ao programa serão protegidas por Lei. Também ampliamos o atendimento à primeira infância (crianças até seis anos), através de um plano de desenvolvimento infantil.

O Mãe Coruja é um exemplo para o Brasil e para o mundo. Por isso, vejo com muita satisfação essa história exitosa ser contada, com objetividade, profundidade e sensibilidade em livro. É mais uma forma de continuarmos levando ‘vida’ para a vida das pessoas.

Paulo Câmara
Governador de Pernambuco

*Governador Paulo
Câmara fala
sobre o Programa
Mãe Coruja
Pernambucana
durante o VI
Simpósio de
Desenvolvimento da
Primeira Infância*



Desde 2005, a Fundação Maria Cecília dedica-se a gerar e disseminar conhecimento para o pleno desenvolvimento da criança na primeira infância, período que vai do nascimento aos seis anos de idade.

Dentre as diversas formas de alcançar nossa missão, está o fomento à sistematização e a avaliação das práticas, programas e políticas de primeira infância existentes como um processo de aprofundamento, reflexão, qualificação e registro de tais experiências. Nesse contexto se insere a atuação conjunta com o Governo do Estado de Pernambuco, na avaliação e sistematização do Programa Mãe Coruja Pernambucana, que está há quase uma década em execução.

Conhecer essa história, sua metodologia, as fortalezas, os desafios e seus resultados traz relevantes aprendizados que podem ser inspiradores para os diversos gestores que hoje desejam priorizar, em suas políticas, essa importante etapa da vida.

Entendemos que o produto dessa sistematização pode contribuir para o aprimoramento das políticas públicas voltadas para a primeira infância. Governos que investem esforços em olhar para a efetividade de suas políticas identificando as ações que deram certo, bem como reconhecendo as que não obtiveram os resultados esperados, têm melhores condições de aprimorar seus programas e gerar impactos significativos à sua população.

O material apresentado aqui é fruto de um extenso trabalho de pesquisa de campo e documental sobre o programa, consolidado em quatro publicações para abordar a complexidade que o tema primeira infância exige, trazendo aos gestores informações valiosas sobre a experiência pernambucana.

Parabenizamos o Governo do Estado pela priorização da criança e de seus adultos de referência, pela iniciativa de avaliar e sistematizar sua política de primeira infância e constante preocupação em qualificá-la.

“Se mudarmos o começo da história, mudamos a história toda.”
– frase do documentário *O Começo da Vida*

Eduardo de C. Queiroz

Diretor Presidente da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal



A motivação inicial para a produção deste esforço de análise, sistematização e registro histórico foi a aproximação da data – 4 de outubro de 2017 – em que o Programa Mãe Coruja Pernambucana completa dez anos de contribuição ao bem-estar de gestantes e crianças na primeira infância. De repente, ficou claro que era necessário contar a história do programa, uma política pública que, ao longo de três mandatos governamentais consecutivos, não apenas foi preservada como ganhou abrangência e blindagem institucional. Implantado inicialmente em uma das 12 microrregiões do estado, agora está presente na maior parte do território pernambucano e protegido por legislação específica que o enquadra como política de Estado, tendo inclusive execução orçamentária impositiva por força de decreto assinado pelo governador Paulo Câmara.

Nestes quatro volumes, são apresentados registros captados a partir de diferentes olhares sobre o Programa Mãe Coruja Pernambucana. Há, em primeiro lugar, um olhar rememorativo, que desvela a crônica dos fatos que marcaram a trajetória do programa. E também um olhar afetivo – a visão das usuárias desde os anos iniciais. Há um olhar metodológico, que detalha os procedimentos utilizados em Pernambuco e que podem ser reproduzidos em outros lugares, caso se queira implementar programa semelhante. E há, por fim, o olhar externo, a mirada dos especialistas que documentaram e analisaram as percepções dos diferentes atores envolvidos no programa por meio de uma leitura qualitativa enquanto outros utilizaram recursos de mensuração para avaliar a eficácia do programa e propor aperfeiçoamentos.

Todo este esforço para estruturar uma narrativa sobre o passado, o presente e o futuro do Programa Mãe Coruja Pernambucana se tornou possível graças a uma parceria do Governo de Pernambuco com

*Reconhecimento
internacional:
Programa
Mãe Coruja
Pernambucana
recebe prêmio
da ONU na
Coreia do Sul*



Equipe do Programa Mãe Coruja Pernambucana na Coreia (esquerda) e o Governador Eduardo Campos cumprimentando participantes do programa

a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Ao governo interessava conectar a experiência vivida na construção e manutenção do Programa Mãe Coruja Pernambucana com a *expertise* de uma instituição que há 50 anos constrói articulações para lançar luz sobre projetos e disseminar boas práticas em favor da infância. Já a fundação identificou a chance de ver de perto uma experiência como a grande concertação de atores sociais – governos nas diferentes esferas e instituições da sociedade civil – que dá forma e sentido ao Programa Mãe Coruja Pernambucana.

O retrato que se desenha é complexo, multifacetado. O relato que se materializa, é polifônico, combinando as vozes de brasileiras que vivem em periferias e zonas rurais de municípios sertanejos em situação de vulnerabilidade com as leituras realizadas por estudiosos como Ricardo Paes de Barros e Tânia Bacelar, responsáveis pelas avaliações quantitativa e qualitativa, e Oswaldo Yoshimi Tanaka, que se encarregou de manualizar a metodologia.

A avaliação qualitativa mostrou que o programa tem pontos fortes como a efetividade na difusão de informação qualificada e no fortalecimento dos vín-



culos familiares, além da matriz intersetorial de sua atuação – e também alguns pontos fracos, sendo os mais evidentes a dificuldade na articulação com as instituições envolvidas e a carência de suporte que poderia ser suprida por novos parceiros a serem conquistados.

Já a avaliação quantitativa demonstrou, por exemplo, que o Programa Mãe Coruja Pernambucana ajudou a reduzir a incidência de gravidezes de adolescentes e impactou positivamente o aleitamento materno. Não foi possível, porém, detectar impacto na redução do principal indicador de resultado do programa, a mortalidade infantil, numa perspectiva nacional.

Pelos dois métodos, chegou-se à mesma conclusão: que o Programa Mãe Coruja Pernambucana tem como principal limitador dos seus resultados as fragilidades da rede de assistência às gestantes, principalmente das maternidades municipais.

As leituras aqui reunidas deixam patente, em suma, que a experiência do Programa Mãe Coruja Pernambucana fornece lições importantes para a concepção e a implementação de iniciativas voltadas à primeira infância.



Parte 1

Um olhar histórico



O grande desafio

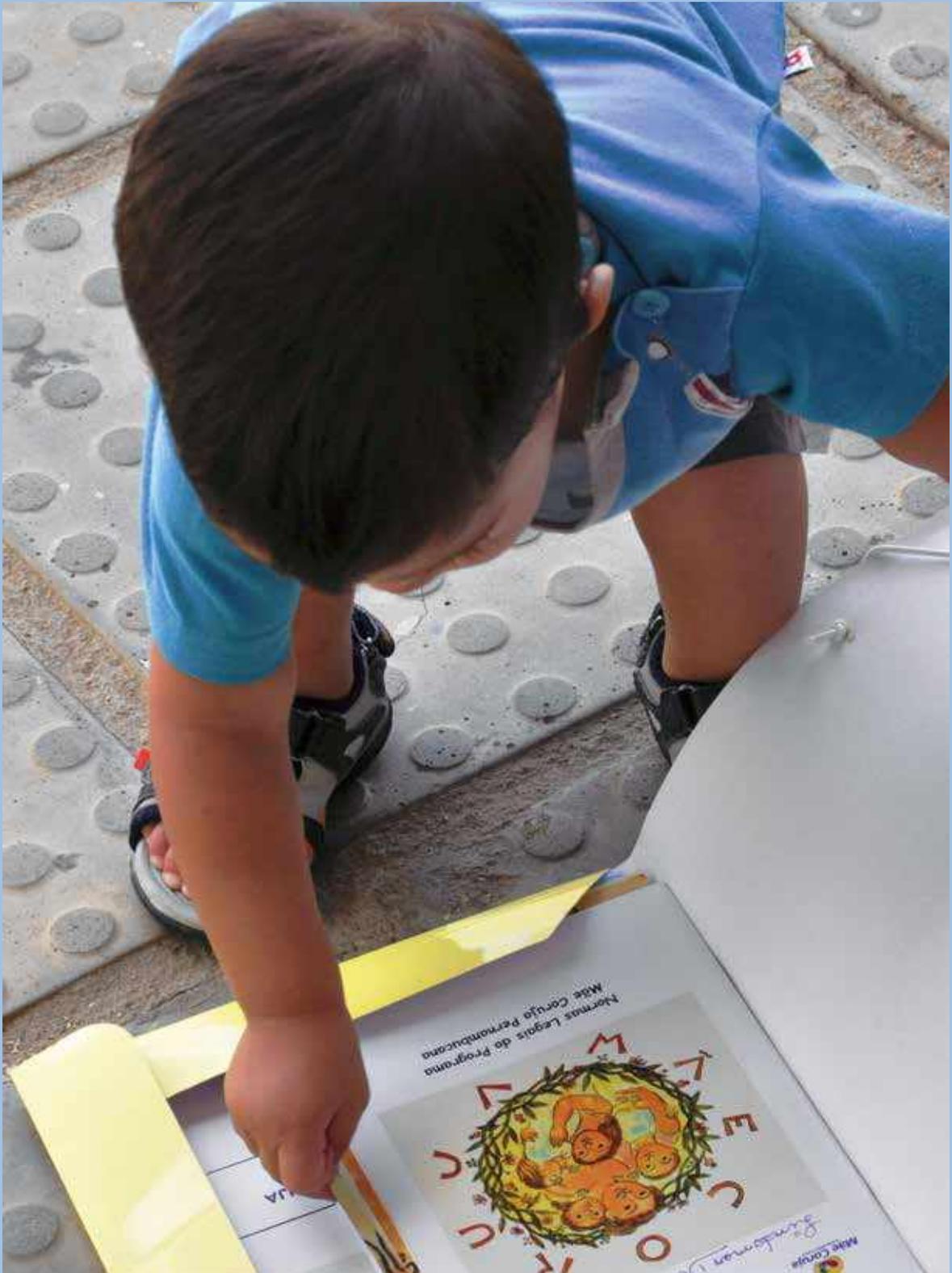
“Quando os problemas se tornam absurdos, os desafios se tornam apaixonantes”

Dom Hélder Câmara

*Abril de 2007:
cemitério
clandestino na
Serra da Ladeira,
em Ipubi*

Serra da Ladeira, chapada do Araripe, abril de 2007. Uma equipe de atendimento à atenção primária da Secretaria de Saúde de Pernambuco, que percorria o Estado colhendo dados para o que no futuro seria o Programa Mãe Coruja Pernambucana, chega ao aglomerado de cerca de vinte casas dispersas, localizado na zona rural de Ipubi, a 685 km do Recife. Depois de deixar o asfalto no distrito de Serrolândia e percorrer mais de 4 km por uma estreita estrada de barro, o grupo se depara com uma imagem chocante. No quintal de umas das casas da comunidade, cinco cruzeiros assinalavam as covas em que estavam enterrados cinco “anjinhos”, como os moradores da região chamam as crianças que morrem ainda bebês.

Para dar mais dramaticidade à cena, outras crianças brincavam em torno do cemitério clandestino. Todos da localidade, adultos e crianças, demonstravam total naturalidade com a situação. A cena na Serra da Ladeira era o retrato triste e fiel da banalização da morte e do pouco valor da vida. Era o símbolo de uma situação grave e que precisava ser combatida com todas as forças: a elevada taxa de mortalidade infantil em Pernambuco.



Capítulo 1

A construção de uma ideia

*“Não existem sonhos
impossíveis para aqueles que
realmente acreditam que o
poder realizador reside no
interior de cada ser humano,
sempre que alguém descobre
esse poder, algo antes
considerado impossível se
torna realidade”*

Albert Einstein

Esta é a história de como uma boa ideia, quando bem planejada e eficientemente executada, pode mudar o dia a dia de milhares de pessoas e de como, ao ser transformada em políticas públicas, pode salvar vidas. Como acontece com a maior parte das grandes ideias, a que deu origem ao Programa Mãe Coruja Pernambucana precisou de uma conjunção de fatores para se tornar realidade.

Uma história que começa, de forma efetiva, no ano de 2007, quando as pessoas certas – com pensamentos convergentes e com capacidade técnica diversas e complementares – cruzaram seus caminhos em um momento histórico propício e em um ambiente político favorável. O Programa Mãe Coruja Pernambucana é a construção complexa de uma concepção simples para solucionar um problema profundo: salvar a vida de milhares de mulheres e crianças em Pernambuco. Para entender todo esse processo de forma completa será preciso refazer, passo a passo, todo o caminho percorrido. Será preciso voltar alguns anos no tempo.

Conhecendo o problema

A imagem do cemitério clandestino no povoado da Serra da Ladeira, na zona rural de Ipubi, na época uma região com os piores indicadores socioeconômicos do Estado, era a face visível de um perturbador e alarmante dado estatístico: em 2007, de cada mil crianças que nasciam em Pernambuco, cerca de 22 morriam antes de completar um ano, segundo dados do Sistema de Informação Mãe Coruja Pernambucana. Isso, mesmo com avanços legais significativos, como o reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos e a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, além de uma série de bem-sucedidos programas sociais.



*Encontro de
sensibilização em
Bodocó*

O número, em uma proporção bem acima do parâmetro mínimo aceito pela Organização Mundial de Saúde, que é de até 10 óbitos por mil nascidos vivos, era a face mais cruel da enorme desigualdade que afligia e separava os pernambucanos desde o Brasil colônia.

No mesmo período, outro indicador tornava a situação ainda mais dramática no Estado. A quantidade de mortes de mães em relação ao número de nascimentos era muito elevada. A exemplo da mortalidade infantil, a mortalidade materna era assustadoramente superior ao mínimo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 2007, Pernambuco apresentava uma Razão de Morte Materna (RMM) de 71,73 para cada 100 mil nascimentos. Uma realidade bem distante da pactuada nas Metas do Milênio, que fixava uma taxa máxima de 35 mortes para cada 100 mil nascimentos até 2015.

Assim, no Pernambuco extremamente desigual de 2007, a vulnerabilidade das crianças e mulheres em sua trajetória de maternidade acentuava-se no interior das comunidades quilombolas, das aldeias indígenas, dos assentamentos e dos inúmeros bolsões de miséria urbanos e rurais. Naquele ano, os coeficientes de mortalidade infantil de Pernambuco refletiam cenários do abismo social existente no Estado. A desigualdade entre as pessoas era replicada também do ponto de vista geográfico.

Enquanto, na capital, ocorriam 12,7 óbitos por mil crianças nascidas vivas, no sertão, esse coeficiente subia para 25,8 óbitos por mil nascidos vivos,

segundo dados do Ministério da Saúde (mais atualizados em 2006), indicando que crianças nascidas na capital tinham maior chance de viver que as do interior pernambucano. No que tange à mortalidade materna, no sertão de Pernambuco os coeficientes registrados chegavam a 115 óbitos por 100 mil nascimentos e, na capital, 68 óbitos por 100 mil nascimentos, também com os dados mais atualizados do Ministério da Saúde em 2006.

Os primeiros dados levantados pelas equipes da Secretaria de Saúde, que se transformariam em um detalhado diagnóstico e que embasariam a criação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, já sinalizavam para um outro problema. Nesse cenário, acrescentava-se a presença de altos índices de gravidez na adolescência, em média 23% nas áreas menos favorecidas e na população em situação de vulnerabilidade, configurando-se como uma situação de risco (aqui não se trata de risco biológico e sim social), não só para adolescentes, mas também para as crianças frutos dessa geração, uma vez que a condição de imaturidade das futuras mães estava associada à baixa renda, a níveis de escolaridade precários e a situações de desigualdades no acesso às políticas públicas.

Por conta dos aspectos culturais específicos da Região Nordeste brasileira, a situação de vulnerabilidade da mulher era potencializada, à época, particularmente no interior do Estado, pela privação da condição de cidadã, ou seja, privação de direitos civis, políticos e sociais e pela ausência de políticas públicas voltadas ao gênero em Pernambuco. Essa privação da condição de cidadã se refletia principalmente nos índices de mortalidade materna e infantil.

Quando analisamos as grandes regiões do Brasil, as disparidades aumentam com o passar do tempo e, na Região Nordeste, verifica-se a maior vulnerabilidade do país quanto a esse indicador. Sua taxa equivale a mais que o dobro das taxas verificadas nas Regiões Sul (17,9 óbitos por 100 mil nascimentos), Sudeste (20 óbitos por 100 mil nascimentos) e Centro-Oeste (20,4 óbitos por 100 mil nascimentos).

Um dado do Ministério da Saúde deixava a situação em Pernambuco ainda mais desconfortável. Cerca de 92% dos óbitos maternos eram evitáveis, e a atenção integral à mulher poderia ajudar a diminuir consideravelmente o risco de vida das crianças e das mães. A conclusão é que o nível tão elevado de mortalidade materna refletia, além das condições de saúde e de vida da população, a ineficiente organização e atuação do sistema de saúde.

Os indicadores levantados em 2007 apontavam para uma situação injusta, indigna, cruel, desumana e inaceitável. Algo precisava ser feito.

A decisão política

O ano de 2007 também começava com uma mudança significativa, tanto do ponto de vista político quanto histórico, no governo de Pernambuco. Após ganhar as eleições estaduais em 2006, Eduardo Campos (PSB) assumia o Estado com a decisão política de enfrentar a mortalidade infantil. Logo nos primeiros dias do ano, por iniciativa do Governo do Estado, estiveram reunidos técnicos e gestores das Secretarias Estaduais de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos; Saúde; Educação; Juventude e Emprego; Agricultura; Mulher e Planejamento, construindo e consolidando um documento que conseguisse traduzir todas as diretrizes e interfaces institucionais na perspectiva da garantia de direitos para mulheres gestantes e crianças de 0 a 5 anos.

Publicamente, o governo do Estado de Pernambuco assumiu o compromisso de concentrar esforços para, de um lado, fazer convergir os indicadores sociais das várias regiões do Estado em direção a um patamar médio mais equitativo. E, de outro, desenvolver ações para elevar os referidos indicadores em direção à aproximação e, mais adiante, à superação das médias nacionais prevalentes nos mesmos.

Os registros daqueles primeiros dias de 2007 mostram que o novo governo chegava ao Palácio do Campo das Princesas decidido a implementar uma política pública centrada nos principais desafios e voltada para desenvolver ações que tivessem foco permanente em estratos mais vulneráveis da população e também nas áreas do território estadual em condições mais desfavoráveis.

*Café da manhã
do governador
com prefeitos e
primeiras-damas
envolvidos
no Programa
Mãe Coruja
Pernambucana*



O compromisso era de reconhecer os desníveis e diferenças econômicas, sociais, culturais e espaciais existentes e intervir para reduzir as diferenças entre os cidadãos pernambucanos. Essa proposição de caráter geral visava a promover um estilo de desenvolvimento equilibrado em Pernambuco, o que só seria possível com uma intervenção integradora do território estadual, ou seja, tratava-se de “integrar para desenvolver”.

Como se veria alguns meses mais tarde, esses seriam os princípios norteadores para a concepção do Programa Mãe Coruja Pernambucana, que sempre teve como foco de atenção a mulher e a criança em seu contexto familiar e, assim, enfrentar os indicadores alarmantes relacionados à mortalidade materna e infantil, e sua correlação com a exclusão social no Estado.

Os primeiros passos

Entre a decisão política tomada pelo governo do Estado de enfrentar o problema da mortalidade materno-infantil e o lançamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana houve um curto e intenso caminho a ser percorrido. Foram nove meses de construção, o tempo de uma gestação. O primeiro passo dado nessa direção foi o fortalecimento da atenção primária de saúde. Como o nome sugere, esse é o primeiro nível de atenção do Sistema Único de Saúde (SUS) e caracteriza-se por um conjunto de ações nos âmbitos individual e coletivo que abrange a promoção e proteção à saúde, a prevenção dos agravos, o diagnóstico, o tratamento e a reabilitação, sempre visando à manutenção da saúde.

Vale lembrar que, até então, a política pública, fragmentada e sem foco estratégico, não considerava também que os direitos da mulher e da criança se reforçavam reciprocamente, não entendendo que investir nos direitos da mulher favorecia a sobrevivência e o desenvolvimento da criança. Não existiam iniciativas de uma atuação multidisciplinar do Estado no sentido de cuidar de forma ampla da mulher e das crianças, de promover gestação saudável e de garantir às crianças nascidas em Pernambuco o direito a um nascimento e desenvolvimento saudável e harmonioso.

Para enfrentar esses desafios, o governo do Estado definiu, por meio da Secretaria de Saúde, a Política Estadual de Fortalecimento da Atenção Primária em Saúde como prioridade de governo, trabalhando os eixos transversais da universalidade, acessibilidade, linha de cuidado, vínculo, longitudinalidade, responsabilidade sanitária, humanização e equidade em um contexto de descentralização e controle social da gestão.

Na prática, a nova política significava uma mudança importante na forma como a saúde era conduzida pelo Estado. Em alguns pontos, chegava a haver uma inversão de valores. Antes, de maneira geral, o foco estava em tratar as doenças. Com a nova filosofia, o foco passou a ser a promoção da saúde. Uma das consequências diretas dessa “inversão” foi a mudança na lógica do acesso ao serviço de saúde. Se antes só funcionava se o paciente fosse até o posto de saúde ou hospital, depois, as equipes intensificaram o trabalho preventivo, indo até aonde as pessoas estavam.

Um detalhe importante precisa ser lembrado. Paralelo ao trabalho de atenção básica, as equipes da Secretaria de Saúde percorriam o Estado colhendo dados para a construção de um diagnóstico detalhado que serviria de base para o que viria a ser, mais tarde, o Programa Mãe Coruja Pernambucana.

A política foi instituída oficialmente em 12 de abril de 2007, pelo Decreto nº 30.353, assinado pelo governador Eduardo Campos, com o objetivo de fortalecer e qualificar a Atenção Primária no Estado, induzindo a ampliação da cobertura e qualificando os serviços. É importante destacar que tratava-se de uma política com financiamento (o Governo de Pernambuco foi cofinanciador) e com controle social, pois as certificações eram também validadas pelo Conselho de Secretarias Municipais de Saúde (Cosems).

Em seguida, a Secretaria de Saúde instituiu as normas e procedimentos de adesão a essa política, por meio da Portaria nº 720, de 12 de agosto de 2007. Essa portaria delimitou as áreas programáticas a terem prioridade e detalhou os componentes do decreto:

- Atenção integral à saúde da criança;
- Redução da mortalidade infantil e materna;
- Atendimento ambulatorial à gravidez e ao puerpério;
- Atenção às doenças prevalentes na infância;
- Assistência às carências nutricionais;
- Eliminação da desnutrição infantil;
- Eliminação da hanseníase;
- Controle da hipertensão arterial e diabetes;
- Saúde do idoso;
- Saúde bucal;
- Promoção à saúde;
- Atenção às populações rurais, assentamentos e reforma agrária, aldeias indígenas e quilombolas.



Com base nos cenários e índices de mortalidade infantil apresentados à época, atrelados à necessidade de ampliação de ações desenvolvidas dentro da Política Estadual de Fortalecimento da Atenção Primária, ficou clara a necessidade de desenvolvimento de um programa para cuidar de forma ampla e integral da mulher gestante e de suas crianças, fortalecendo os vínculos afetivos. Assim, em outubro de 2007, por meio do Decreto nº 30.859, foi criado pelo governo do Estado de Pernambuco o Programa Mãe Coruja Pernambucana.

As inspirações

Para estruturar o Programa Mãe Coruja Pernambucana, além do detalhado diagnóstico feito em Pernambuco, a equipe técnica que estava coordenando o projeto conheceu e estudou outros programas similares pelo Brasil e pelo mundo. Nessa busca, muita coisa boa foi encontrada.

Dessa forma, importantes referenciais teóricos passaram a fazer parte da história do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Algumas das experiências visitadas merecem menção, a exemplo do Programa Mãe Curitibana (Paraná), do Primeira Infância Melhor (PIM), do Rio Grande do Sul, ou mesmo do cubano *Educa tu Hijo*.

As visitas técnicas mostraram que a construção dos programas se dava à parte da estrutura de governo, geralmente em parcerias com organizações internacionais. Surge, então, um detalhe que foi fundamental para o sucesso do Programa Mãe Coruja Pernambucana e que também diferenciou o modelo pernambucano

Mandala dos desejos: uma das ferramentas usadas pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana para ouvir a população

das demais iniciativas semelhantes em outros locais do Brasil e do mundo: o então governador Eduardo Campos tomou a decisão política de construir o programa a partir do Estado, tendo os municípios como parceiros.

Pernambuco também adotou a estratégia de implantar um programa que não fosse um piloto, mas que pudesse atender à necessidade do Estado, integrando, articulando e fortalecendo políticas. Um programa que pudesse ser construído em conjunto pela sociedade civil, municípios e organizações governamentais. Um desafio que entendeu a importância do desenvolvimento social para melhorar os indicadores inaceitáveis da desigualdade ainda existente no Estado em 2007.

O conceito

No final de 2015, a Coordenação do Comitê Executivo do Mãe Coruja produziu um Relatório de Gestão no qual o conceito que fundamenta o programa está descrito de forma clara e objetiva. Segundo o documento, o Programa Mãe Coruja Pernambucana insere-se na perspectiva de garantir os direitos reprodutivos das mulheres e o direito à infância desde o primeiro ano de vida, de forma a contribuir diretamente para a redução da mortalidade, tanto materna quanto infantil, persistentes no Estado de Pernambuco. O Programa Mãe Coruja Pernambucana alicerça-se em dois pilares:

I. No reconhecimento dos direitos das mulheres, visto que são elas que engravidam e, quando não acompanhadas de forma sistemática e plena pelo Estado, pela sociedade e pela família, são as que mais sofrem consequências, muitas vezes, irreversíveis.

II. No entendimento da infância como um dos universos etários prioritários na formulação de políticas sociais conforme prega o Estatuto da Criança e do Adolescente e na Constituição Federal de 1988.

A garantia dos direitos reprodutivos liga-se diretamente ao campo da saúde e se faz mediante a efetivação de políticas públicas que permitam às mulheres desenvolver uma gravidez e realizar um parto assistido; e, às crianças, um nascimento e desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

O horizonte ético de uma proposta voltada para a redução da mortalidade materno-infantil é o próprio compromisso de promoção da saúde e do desenvolvimento de mulheres gestantes e de crianças de 0 a 5 anos. Esse compromisso toma forma de ação governamental efetiva por meio da identificação e articulação de

eixos estratégicos, assim como dos objetivos e competências institucionais específicas. Esse processo se estabelece a partir da confirmação da gravidez pela rede de saúde; seguida do acompanhamento do pré-natal, com estímulos ao fortalecimento das relações familiares e esforços para a vinculação à maternidade; o parto humanizado; segurança alimentar e nutricional sustentável de mãe e filho; até o estímulo à autonomia socioeconômica por meio do direito à documentação, além da oferta de formação e profissionalização para as mulheres atendidas.

É no entrelaçamento dessa teia social que o Programa Mãe Coruja Pernambucana se apresenta. Na conjunção de objetivos, eixos estratégicos, justificativas e metodologias; na garantia dos direitos das mulheres e de suas famílias.

O modelo

O programa tem um modelo de gestão intersetorial e descentralizado com uma construção integrada desde o planejamento, execução, acompanhamento, monitoramento e avaliação. Integram o programa: Gabinete do Governador; Gabinete de Projetos Estratégicos; Secretaria de Saúde; Secretaria de Educação; Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude; Secretaria da Mulher; Secretaria de Planejamento e Gestão; Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária; Secretaria de Micro e Pequena Empresa, Trabalho e Qualificação; Secretaria de Cultura; Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer; além da Assessoria Especial do Governador.

Enfrentar as questões intersetoriais exige das autoridades, gestores e técnicos conhecer a realidade, focalizar as políticas públicas com planejamento e decisões racionais para priorizar esse ou aquele tipo de ação, e conseguir a maior efetividade e eficiência no uso dos escassos recursos para a promoção de políticas sociais.

O Programa Mãe Coruja Pernambucana está inserido no modelo de gestão estadual com foco em resultado. Agrega instrumentos como o mapa da estratégia do Estado e do programa, sala de situação em todos os Cantos Mãe Coruja e o monitoramento permanente de todas as ações entre as quais a vigilância dos óbitos infantis e maternos. É meta prioritária de governo, sendo monitorado pelo governador do Estado mensalmente.

A gestão e o monitoramento do programa são descentralizados e ascendentes, percorrendo os níveis local, regional, estadual, e sua coordenação central, da qual participam as secretarias que fazem parte do programa e o próprio governador.

Um outro ponto importante e que pode ser considerado um diferencial do programa é que a inclusão social da mulher e de sua família saem do paradigma biológico para o da promoção social, criando uma “Rede de Cuidado” intersetorial.

Nesse contexto, são realizadas ações de fortalecimento e empoderamento das mulheres, como círculos de educação e cultura, cursos de qualificação profissional, oficinas de segurança alimentar e nutricional, inclusão em programas sociais nos Centros Regionais de Assistência Social, fornecimento de kits do bebê para as gestantes, fortalecimento da atenção ao pré-natal com sete ou mais consultas realizadas, parto e puerpério e reorganização da rede de atenção ao parto. As crianças cadastradas no programa são acompanhadas por ações de incentivo ao aleitamento materno, à imunização, ao acesso ao registro de nascimento, e ao acompanhamento de seu crescimento e seu desenvolvimento.

Em resumo, o Programa Mãe Coruja estruturou-se a partir de um modelo de gestão por resultado, utilizando o trabalho intersetorial e o monitoramento integrado baseados na leitura sistemática do território e ferramentas de planejamento, como a criação de um sistema de informações próprio do programa – o SIS Mãe Coruja.

*Festa de
lançamento
do Programa
Mãe Coruja
Pernambucana,
em Ouricuri,
contou com a
participação da
população*

A escolha do nome

Olhando agora, com praticamente uma década de caminhada, fica difícil imaginar uma outra maneira de nomear o programa. Isso porque existe uma identificação muito forte entre o nome, o conceito e a essência do projeto. Chega a ser até autoexplicativo.

Em 2007, no documento que continha as diretrizes para o lançamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana, constava a seguinte explicação para o seu nome:



“A escolha do nome Mãe Coruja Pernambucana deve-se a uma reflexão sobre o desejo de realizar um programa de cuidados de forma ampla da mulher gestante e de seus filhos, que fortalecesse os vínculos afetivos, que promovesse uma gestação saudável e que garantisse às crianças nascidas no território pernambucano o direito a um nascimento e um desenvolvimento harmonioso.”

“A expressão ‘mãe coruja’ faz parte da cultura popular e diz respeito às mães que cuidam e se orgulham de seus filhos. Conta a fábula, de origem incerta e atribuída a vários autores, de La Fontaine a Monteiro Lobato, que uma coruja teve seus filhotes devorados por uma águia, pois, ao referir-se a eles, só ressaltava suas qualidades.”

“A coruja também é o símbolo clássico da filosofia. Pode movimentar-se em 360º, olhar em todos os ângulos. Une as partes e compreende o todo. Tem intuição e sabedoria. Possui boa visão durante o dia, apesar de muitos pensarem o contrário, tem a capacidade de ampliar seu campo de visão durante a noite, dilatando suas pupilas para aproveitar o máximo da claridade.”

“Na tradição Guarani, o Grande Espírito manifestou-se em forma de colibri e de uma coruja.”

“O Programa Mãe Coruja Pernambucana enxerga o todo, compreende e articula as partes e age de forma integrada com as diversas secretarias, tendo como objetivo principal combater a mortalidade infantil e materna nas regiões e comunidades mais vulneráveis do Estado de Pernambuco.”

As histórias fundadoras

O Programa Mãe Coruja Pernambucana tem, sobretudo, uma forma diferenciada de olhar, enfrentar e resolver os problemas encontrados nessa exitosa caminhada. O traço de afetividade, outra marca registrada, tem muito a ver com duas histórias que surgiram bem no início do programa e que marcaram profundamente as pessoas envolvidas e, por incrível que pareça, de muitos que entraram nos anos seguintes.

A primeira delas é de perda e dor.

No início de 2007, no Hospital de Ouricuri, uma equipe da Secretaria de Saúde comandada pela médica Ana Elizabeth de Andrade Lima, que, mais tarde iria coordenar o Programa Mãe Coruja Pernambucana, encontrou uma criança no corredor do hospital desfalecendo nos braços da mãe. A criança tinha cerca de três meses e estava desnutrida. Estava “largada” porque nenhum profissional havia conseguido “pegar sua veia”. Ao ver a situação, chocada,

Bebeth, como é conhecida Ana Elizabeth, atuou e fez com que Vágner, esse era o nome do bebê, recebesse o atendimento. Com o quadro de saúde grave, o menino teve de ser transferido para o Recife, mas não resistiu. Foi um caso que mexeu muito com a equipe.

Após o ocorrido, a mesma equipe foi investigar a história dos poucos meses de vida de Vágner. No posto de saúde de Videu (distrito de Ouricuri), onde a criança havia recebido os primeiros atendimentos, um bilhete escrito na ficha médica do recém-nascido dava a dimensão do drama e da precariedade do atendimento de saúde naquele ano de 2007. Na ficha, o agente de saúde pedia para que quem viesse a atender Vágner tivesse uma atenção especial com a criança, que estava muito mal, pois ela seria o terceiro filho que aquela mãe iria perder.

Ainda impactados pelo triste conteúdo do bilhete, o passo seguinte foi ir à casa da família de Vágner, na Zona Rural de Ipubi, município vizinho a Ouricuri. Ao chegar lá, além de toda falta de estrutura, a equipe encontrou, no terreno atrás da residência, a cova em que o “anjinho” estava enterrado. Aquela cruz de madeira improvisada no quintal era o desfecho e o símbolo de uma história que não poderia mais se repetir.

A segunda história “fundadora” do Programa Mãe Coruja Pernambucana aconteceu alguns meses depois da de Vágner, em novembro de 2007. Dessa vez, porém, teve um final feliz.

Na reta final de implantação do programa no município de Exu, toda equipe do Programa Mãe Coruja Pernambucana tinha ido do Recife e estava reunido na cidade para um Encontro de Sensibilização. No meio da reunião, chegou a notícia de que a primeira criança do programa estava para nascer. A informação era que a bolsa havia rompido antes do tempo e a futura mamãe, uma sertaneja forte chamada Janimeire, estava tendo problemas com o trabalho de parto e não poderia ser atendida na maternidade da cidade, já tendo sido transferida para Salgueiro, distante cerca de 100 km dali.

Começou, então, a mobilização. Várias pessoas envolvidas, agindo de forma coordenada e fazendo acontecer. Foi o primeiro exercício de cuidado com muitas articulações. Com o empenho do pessoal do Programa Mãe Coruja Pernambucana, Janimeire foi transferida para o Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip), no Recife. No dia 30 de novembro de 2007 nascia Gabriele Vitória. O Programa Mãe Coruja Pernambucana deixava de ser uma ideia e ganhava vida.



Gabriele ao lado da mãe, Janimeire, e do pai, Paulo Henrique

Posto de Saúde da Família do distrito do Videu, em Ouricuri, que acompanhou o caso Vágner



Capítulo 2

Inaugurando vida nas vidas das pessoas

“Assumimos a tarefa de escrever, com serenidade e determinação, uma história diferente, que inaugure um novo tempo para Pernambuco”

Eduardo Campos, em seu discurso de posse como governador de Pernambuco em 1º de janeiro de 2007

Depois de abril de 2007, quando a Política Estadual de Fortalecimento da Atenção Primária em Saúde foi instituída oficialmente pelo Governo do Estado, as viagens por todas as regiões de Pernambuco feitas pela equipe que se tornaria o núcleo inicial do Programa Mãe Coruja Pernambucana começaram a se intensificar. Concluída a fase de diagnóstico de campo e de acúmulo de conhecimento, tanto prático quanto teórico, chegava a hora de colocar o programa para funcionar.

Em outubro, o Programa Mãe Coruja Pernambucana era implantado, sendo posteriormente oficializado pelo Decreto nº 30.353. Na letra da lei, estavam traçados formalmente os objetivos construídos, durante os meses anteriores, sobre o sólido alicerce do contato permanente com a realidade: reduzir a mortalidade materna e infantil, por meio de ações estratégicas articuladas e intersetoriais dos eixos de saúde, educação e desenvolvimento social, cuidando de forma ampla da mulher e das crianças; fortalecendo os vínculos afetivos; promovendo uma gestação saudável; e garantindo às crianças nascidas no território pernambucano o direito a um nascimento e um desenvolvimento saudável e harmonioso.

A escolha da região e dos municípios por onde o programa começaria a ser implantado obedeceu a critérios técnico e lógico, levando em consideração as onze Gerências Regionais de Saúde (Geres) do Estado, nas quais havia 185 municípios nas seguintes condições:

a) taxa de mortalidade infantil igual ou maior que 25 óbitos por mil nascidos vivos;

b) Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e índice de desenvolvimento infantil (IDI) baixos;

c) nos casos em que 50% dos municípios situados na área adscrita à Geres apresentassem taxa de mortalidade infantil maior que 25 óbitos por mil nascidos vivos, o programa seria implantado em todos os municípios da Geres.

Da análise das estatísticas de mortalidade infantil e materna, junto de outros indicadores não menos importantes, foi definida a implantação do programa, inicialmente no Sertão do Araripe (IX Geres) e, em seguida, no Sertão do Moxotó (VI Geres), que detinham os piores indicadores de mortalidade infantil do Estado. Assim, 24 municípios passaram a ser beneficiados naquele primeiro momento.

Em um Estado desigual como Pernambuco, a região do Sertão do Araripe situava-se no extremo mais pobre do espectro social. Se, em 2007, o Coeficiente de Mortalidade Infantil (CMI) no Estado já era assustador, ficando em torno de 22 por mil nascidos vivos, nos 11 municípios do Araripe, a média era de inacreditáveis 33,3 por mil nascidos vivos. Em Araripina e Ouricuri, o CMI chegava, naquele ano, a 34,8 óbitos por mil nascidos vivos e 32,8 óbitos por mil nascidos vivos, respectivamente.

A economia da região é caracterizada pela exploração da gipsita no chamado Polo Gesseiro (concentra 40% das reservas de gipsita do mundo), pelas culturas de subsistência nas áreas de sequeiro e pela pecuária extensiva (exploração da bovino/caprinocultura) e pela agricultura diversificada na Chapada do Araripe (principalmente da mandioca). Mesmo assim, os municípios do Sertão do Araripe, além da elevada taxa de mortalidade infantil, também registravam grandes carências nas condições de vida de sua população, notadamente nas áreas de renda, esgotamento sanitário, abastecimento de água e educação básica.

Foi essa região, considerada longínqua e esquecida, que não fazia parte da agenda de políticas públicas, o local escolhido para iniciar a implantação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, que sonhava mudar a realidade e transformar vidas.

Ouricuri

Para contar a história do Programa Mãe Coruja Pernambucana é preciso falar de Ouricuri. Isso porque a cidade, distante 623 quilômetros do Recife, foi a es-



*Renata e
Eduardo Campos:
personagens
centrais na história
do Programa
Mãe Coruja
Pernambucana*

colhida para o lançamento estadual do programa, no dia 4 de outubro de 2007. A festa aconteceu no pátio em que funciona a feira, uma grande área central onde pulsa a vida do município, e foi um sucesso sob todos os aspectos: político, cultural, estratégico e operacional. No evento, estavam presentes representantes dos onze municípios que integram a IX Geres. Lá, puderam apresentar sua cultura e também participar de reuniões de sensibilização. De certa forma, era uma espécie de “batismo” no Programa Mãe Coruja Pernambucana.

A festa contou com a presença do então governador do Estado, Eduardo Campos, de várias autoridades, das mais variadas atrações artísticas e, principalmente, com intensa participação da população. Foi a culminância de um processo de construção coletiva, solidária, democrática e muito organizada do Programa Mãe Coruja Pernambucana. A maneira como o evento foi colocado em prática mostrava, logo de partida, que algo diferente de tudo que já havia sido feito em termos de políticas públicas estava acontecendo. Ali estavam a semente e a essência do que o programa se tornaria: a síntese entre uma estrutura extremamente organizada – focada em resultados, monitorada nos detalhes – e um ambiente afetivo, acolhedor e inclusivo.

Nesses primeiros dias de trabalho, já ficava claro o envolvimento profundo das pessoas que faziam parte do programa, característica que faz parte da cultura e do DNA do Programa Mãe Coruja Pernambucana. As pessoas vestiam e suavam a camisa de verdade. Ninguém se contentava em ficar apenas “dentro da sua caixinha” no organograma. Motoristas montavam barracas junto com o pessoal de saúde ou com quem tivesse livre na hora e também falavam em encontros de sensibilização. Jornalistas carregavam caixas, pregavam cartazes

distribuíam panfletos nas ruas. Faziam um trabalho de “formiguinha” e falavam sempre “nós”.

Outro traço marcante, que já estava ali em Ouricuri nos momentos iniciais, era a maneira afetiva com que a equipe interagia com qualquer um que cruzasse o caminho do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Daí a sensação muito clara de pertencimento que as pessoas demonstravam sentir em relação ao programa.

Uma característica importante do Programa Mãe Coruja Pernambucana, presente desde a sua estruturação em Ouricuri, foi a capacidade de diálogo. A predisposição para ouvir começava desde as primeiras abordagens, ainda nos escalões superiores. Até mesmo o governador estava envolvido nesse processo já que, geralmente, o primeiro contato era entre o chefe do executivo estadual e o prefeito.

Para isso, Eduardo Campos desenvolveu um verdadeiro processo de convencimento que iniciava com um convite para o prefeito tomar um café da manhã com o governador e a primeira-dama. Lá, ele era apresentado ao programa e, via de regra, saía do encontro convencido e entusiasmado. Tanto empenho por parte de Eduardo Campos nasceu do fato de ele ter, desde que o Programa Mãe Coruja Pernambucana começou a ser concebido, a percepção da importância de o Estado desenvolver parcerias com os municípios. Para o governador, esse era um ponto-chave para o sucesso da iniciativa.

Depois do primeiro contato do governador com o prefeito, a “bola era passada” para as equipes técnicas, que tratavam das questões operacionais. Claro que o Programa Mãe Coruja Pernambucana tinha seu escopo montado, tinha objetivos, metas e processos, mas as conversas com as equipes aconteciam de forma aberta, horizontal e existia uma verdadeira predisposição para ouvir. Esse comportamento, entre outras coisas, estimulava um maior engajamento de todos os envolvidos. O diálogo permanente também permitia uma melhor adaptação às especificidades locais.

Essa maneira de agir, claro, chamou a atenção das pessoas positivamente. Nos vários depoimentos gravados durante as diversas atividades que precederam o lançamento do programa, era recorrente a referência de como o projeto não veio pronto, de cima para baixo. Todos estavam felizes e até mesmo surpresos de serem ouvidos. Era uma novidade. “Nem parecia coisa do governo”.

Dentre os depoimentos dados naqueles primeiros dias, um parecia profético. Na época, atuando como agente de saúde, Rita Cláudia Oliveira participou do encontro de sensibilização em Ouricuri. Ao tomar conhecimento de como



funcionaria o programa, que ela achou muito ousado, ficou encantada. Diante da câmera, ela falou algo que parecia um pouco exagerado para um projeto que começava a sair do papel: “Em dez anos, o Mãe Coruja será referência nacional”. O tempo mostrou que ela estava certa.

A consolidação

O segundo passo do Programa Mãe Coruja Pernambucana foi dado seis meses depois do lançamento em Ouricuri. Em maio de 2008, o programa chegava ao Sertão do Moxotó (VI Geres), composto por 13 municípios e onde a mortalidade infantil e os demais indicadores sociais também, a exemplo do Sertão do Araripe, eram alarmantes.

A festa de lançamento aconteceu em Arcoverde, seguindo o mesmo modelo e a mesma dinâmica da que havia acontecido em Ouricuri. Os preparativos também foram feitos na mesma linha que marcou a implantação do Programa Mãe Coruja Pernambucana nas demais regiões de Pernambuco. A diferença era que o programa não era mais uma promessa. Com seis meses de estrada, já tinha resultados positivos para mostrar, exemplos concretos para dar. Além

*Programa
Mãe Coruja
Pernambucana foi
lançado com festa
e apresentações
culturais em
Ouricuri*

disso, as equipes estavam mais estruturadas e as Secretarias de Estado envolvidas funcionavam de forma mais articulada.

Podia-se afirmar, sem medo, que o Programa Mãe Coruja Pernambucana estava consolidado. Se, em Ouricuri, as pessoas falavam com entusiasmo das possibilidades que se abriam, em Arcoverde, o tom era de “agora vamos crescer e alcançar todo Pernambuco”. Em seu discurso, o governador Eduardo Campos fez questão de enfatizar que aquele era um “programa de Estado e não de um governo”.

A alma do programa

A percepção do Programa Mãe Coruja Pernambucana pela população era diferente porque o programa já começou essencialmente diferente. Um ponto fundamental para isso era a sua característica multidisciplinar, que fugia totalmente ao padrão usual. Chamava a atenção um programa de combate à mortalidade materno-infantil não ser formado apenas por profissionais da área de saúde e também a forma “simples e de fácil compreensão” com que esses profissionais se comunicavam. Um símbolo desse “modo de ser” diferente estava no Grupo Alma.

*Grupo Alma
comandava
as reuniões de
sensibilização*

Em um documento produzido pela Coordenação de Comunicação e Arte do Mãe Coruja, em 2015, consta uma definição que resume o trabalho e o significado do grupo para o programa. “O grupo Alma (Amor, Literatura, Movimento



e Arte), pensado pela Diretoria de Gestão do Programa, era composto por artistas plásticos, músico, jornalista, agente de saúde e lideranças populares. Eram as pessoas que mais chamavam a atenção da população quando chegavam em uma cidade onde o programa começava a ser implantado. Curiosamente, na maioria das vezes, eram também os primeiros a criar (e manter) vínculos com as pessoas do lugar. Foi o primeiro movimento que viabilizou o que é hoje a Coordenação de Comunicação e Arte.

A contribuição do Alma para o Programa Mãe Coruja Pernambucana era tão diversa quanto eram diversos seus integrantes. Incorporavam uma outra característica marcante nas pessoas envolvidas com o programa: eram “pau para toda obra”; já em 2007, o grupo contribuiu nos fóruns e seminários para a construção da política da Pessoa com Deficiência, do Homem, do Idoso e da Saúde do Trabalhador, com atividades que ajudavam na reflexão para a necessidade dessas políticas e também no I Encontro da Atenção Primária, no qual o governo do Estado firmava recursos para o incentivo ao fortalecimento da atenção primária.

Canto Mãe Coruja

Em Ouricuri também passou a funcionar o primeiro Canto Mãe Coruja, um espaço de acolhimento, no qual ocorre o cadastramento das gestantes, funcionando como ponto de apoio para os profissionais selecionados pelo Estado para atuarem nos municípios como articuladores do programa no âmbito lo-



*Em Ouricuri,
nasceu o primeiro
Canto Mãe Coruja*



Logo os Cantos se espalham por outras cidades pernambucanas

cal. Fazendo uma analogia com o corpo humano, os Cantos Mãe Coruja seriam as células, unidades com forma e funções definidas, que, juntas, formam todo o organismo.

O Canto Mãe Coruja monitora a gestante desde o momento em que a gravidez é diagnosticada. Esse acompanhamento é feito por meio de cadastramento, monitoramento do pré-natal, parto e pós-parto. A criança é acompanhada desde o nascimento até os 5 anos de idade, assim como seus familiares.

Os profissionais contratados pelo Estado para atuarem nos cantos devem realizar o cadastramento das gestantes nesse local ou, em caso de dificuldade de deslocamento das gestantes, devem criar alternativas para o atendimento das mesmas junto aos postos de Programa de Saúde da Família (PSF), Centros de Referência de Assistência Social (Cras) e Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA).

O Canto Mãe Coruja é mais que um espaço físico. Ele é, sobretudo, as pessoas que trabalham lá. Os profissionais do Canto são selecionados e contratados pelo Estado para atuarem nos municípios beneficiados pelo programa. Seu trabalho consiste em cadastrar e monitorar as gestantes identificadas por eles mesmos ou pelo PSF, articulando, no território do município, as ações das diversas secretarias estaduais e municipais que participam do programa, potencializando os diversos instrumentos governamentais e da sociedade organizada que trabalham na promoção da melhoria das condições de vida das gestantes, crianças e seus familiares.

Uma importante estratégia de disseminação do conhecimento e de fortalecimento dos laços afetivos entre as equipes dos Cantos Mãe Coruja, as participantes do programa e suas famílias são os Círculos de Educação e Cultura. Nos Círculos, através de um processo interativo, são realizadas ações de fortalecimento e empoderamento das mulheres, com a finalidade de construir um conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações.

Todo esse trabalho educativo leva ao fortalecimento dos laços familiares, proporcionando às crianças nascidas das gestantes atendidas pelo programa um lar mais acolhedor. No final da participação nos Círculos de Educação e Cultura, cada participante recebe um certificado contendo a carga horária vivenciada e os conteúdos abordados.

Parcerias

Existe uma lógica própria na organização do Programa Mãe Coruja Pernambucana que é descentralizada e com capilaridade, formando uma rede intersectorial e integrada. Cada Canto estabelece parcerias ou encontra soluções para os problemas de acordo com as necessidades e com as peculiaridades dos municípios. Para isso, existem modelos e fluxos de informações que estimulam a troca de experiências, mas não há fórmulas prontas.

A gestão integrada é um espaço de pactuação e monitoramento entre todos os gestores envolvidos na gestão do programa. É constituído por:

- I. Um Conselho Consultivo, formado pelos secretários e coordenado pela pessoa designada por ato do governador;
- II. Um Comitê Executivo, formado pelos representantes das secretarias que compõem o programa, coordenado pela Secretaria de Saúde;
- III. Um Comitê de Assessoramento;
- IV. Onze Comitês Regionais;
- V. Doze Cooodenações Regionais localizadas nas Geres e coordenadas pelos coordenadores regionais do programa com a participação de representantes municipais da região;
- VI. Cento e três Cantos Mãe Coruja localizados nos municípios do programa com dois profissionais de monitoramento e gestão do Estado, em cada Canto trabalhando em parceria com municípios, sociedade civil, universidades e organizações não governamentais.



Capítulo 3

Um dia após o outro

“O que vale na vida não é o ponto de partida, e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”

Cora Coralina

Aos poucos, o Programa Mãe Coruja Pernambucana foi ganhando o Estado, em um processo de crescimento planejado, contínuo e sustentável. Seguindo critérios técnicos, a implantação ocorreu em períodos diferenciados nas 12 Geres. O primeiro a ser contemplado foi o Sertão do Araripe, depois, o Sertão do Moxotó, em 2007 e 2008, respectivamente. Os municípios das V e VII Geres foram atendidos em 2009; os das VI, X, XI em 2010 e os das I, II, III, IV e XII em 2011. Dessa forma, em 2016 o Programa Mãe Coruja Pernambucana já atuava em 103 municípios no Estado. Para contar a história desse longo caminho, construído cotidianamente, será preciso voltar a 2007.

Logo após o lançamento em Ouricuri, com o objetivo de garantir a efetividade do Programa Mãe Coruja Pernambucana já nos primeiros meses de implantação, suas ações foram operacionalizadas nos 26 municípios do Estado que apresentavam taxas de mortalidade infantil superiores a 25 óbitos por mil nascidos vivos. Por conta desse critério, a região do Sertão do Araripe, onde Ouricuri está localizada, foi a primeira área contemplada.

Paralelo a isso, ainda em 2007, intensificou-se o trabalho de institucionalização do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Nesse período, foram estruturados grupos de trabalho para desenvolver manuais e definir metodologia de monitoramento. Também foi publicado um decreto que legalizou a forma de adesão dos municípios ao programa, detalhando informações do cadastramento das gestantes e determinando as atribuições das secretarias estaduais.

Ainda nesse período, o programa foi incorporado ao Mapa da Estratégia do Governo, estando vinculado ao Objetivo Estratégico relativo à promoção da cidadania. Do ponto de vista prático, isso possibilitou que outros programas já

em curso no Estado passassem a ter ações atreladas ao Programa Mãe Coruja Pernambucana, tais como os Programas Leite de Todos, Nenhuma Pernambucana sem Documentos e Minha Certidão.

Além de crescer internamente, o Programa Mãe Coruja Pernambucana começava a desenvolver uma de suas mais importantes características: o trabalho em parceria. No início de 2008, objetivando solidificar e ampliar a estratégia da construção da rede de solidariedade junto aos municípios, entidades não governamentais, instituições privadas e governo federal, foram firmados, entre o Programa Mãe Coruja Pernambucana e essas organizações, diversos termos de cooperação e convênios. E, para possibilitar o repasse, aos entes municipais, de recursos estaduais voltados ao enfrentamento da mortalidade infantil, foi promulgado decreto que normatizou as transferências do Fundo Estadual de Saúde para os Fundos Municipais criados especificamente para esse fim.

Aqui, destaca-se outro ponto muito importante e que tem um grande peso no êxito do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Em 2008, foi iniciada a sistemática de monitoramento regular do programa, envolvendo os coordenadores regionais em reuniões realizadas nos Cantos Mãe Coruja. Desde então, são analisados, nesses encontros mensais, a mortalidade infantil, sempre com o foco na redução desse indicador, e o andamento das ações programadas em cada região.

Com resultados cada vez mais sólidos e ampliados e visando a tornar a política pública de atenção às gestantes uma ação permanente no Estado, ao final de 2009, o Programa Mãe Coruja Pernambucana passou a ser regulamentado por uma lei estadual, revogando-se o decreto de sua criação promulgado em 2007.

Em 2011, em outro passo importante dessa caminhada, foram estabelecidos os indicadores específicos do programa, voltados para a avaliação dos resultados e andamento dos processos. Junto com isso também foi elaborado o Mapa da Estratégia do Programa. As duas ações melhoraram significativamente a qualidade da gestão do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Uma questão importante diz respeito aos dados dos beneficiários do programa. Inicialmente, o processo de cadastramento dos atendidos pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana e o acompanhamento das ações realizadas junto às várias instituições envolvidas eram feitos por meio de fichas, planilhas eletrônicas e sistemas específicos da Secretaria de Saúde. A partir de 2011, foi desenvolvido um sistema informatizado específico para o programa, capaz de conferir automação às ferramentas de controle e monitoramento. Em 2012 esse sistema, chamado SIS Mãe Coruja, foi posto em operação, integrando dados e todas as áreas envolvidas, substituindo as planilhas, fichas de cadastro

e diversos relatórios produzidos em papel. Atualmente, o sistema encontra-se em sua segunda versão, permitindo aos gestores e coordenadores seu monitoramento e gestão.

No ano de 2012, o Programa Mãe Coruja Pernambucana passou a ter orçamento próprio. Além do simbolismo que isso representava, a medida trazia mais autonomia e agilidade nos processos. Também, de certa forma, completava o processo de institucionalização do programa.

Atualmente presente em 103 municípios de Pernambuco, o Programa Mãe Coruja Pernambucana envolve 206 profissionais atuando diretamente junto às gestantes, seus filhos e familiares. Esses profissionais interagem, em tempo real, via web, com os gestores e coordenadores regionais e estaduais, que monitoram e avaliam o andamento do programa e seus resultados. Além disso, em 2 municípios (Recife e Ipojuca), o programa tem gestão municipal e apoio e cooperação técnica do Estado.

Evolução da estrutura

Com a criação do programa, em 2007, parte do grupo de trabalho inicialmente montado para a realização dos estudos, composto por servidores das secretarias participantes, com diversas formações profissionais; entre elas: médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, nutricionistas e administradores; passou a compor os comitês e a equipe técnica. Essa equipe, composta por 33 profissio-



Reuniões de monitoramento estão na essência do programa

nais, dentre eles, a então primeira-dama do Estado, Renata Campos, que assumiu a Coordenação Geral do Programa; passaram a se reunir semanalmente, atuando nas demandas voltadas ao desenvolvimento das ações e à articulação dos atores envolvidos. Ao final de 2007, com a implementação das primeiras ações, foram agregados às equipes dez técnicos da Secretaria de Saúde.

Para atuar nos Cantos Mãe Coruja e coordenadorias regionais, foi realizada, em 2010, uma seleção pública simplificada para contratar profissionais de nível superior nas áreas de saúde, educação e ciências sociais, com capacidade de articulação e monitoramento das gestantes e conhecimentos em informática. No perfil dos profissionais selecionados, pode-se perceber claramente o caráter multidisciplinar do programa. Inicialmente, 52 profissionais foram contratados, para atender os 26 municípios prioritários.

No que tange aos recursos técnicos e materiais, o programa tem sede no Centro de Convenções de Pernambuco. Nos municípios, o Canto Mãe Coruja é instalado em espaços cedidos pelas Prefeituras ou pelo Instituto Agrônomo de Pernambuco, para os quais o mobiliário e equipamentos foram adquiridos com recursos próprios do programa. Como já mencionado, seu sistema informatizado específico interliga todas as áreas.

Resultados

Embora os municípios beneficiados pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana tenham apresentado uma redução em suas taxas de mortalidade infantil mais acentuada que os demais municípios do Estado entre 2008 e 2014, verificou-se, na avaliação de impacto, que tal redução não se deve a um efeito isolado do programa. Para mais detalhes sobre a avaliação de impacto, ler a publicação específica.

Da mesma forma, a taxa de mortalidade materna foi reduzida, em média, no mesmo período, em 14% nos municípios de aplicação do Programa Mãe Coruja Pernambucana e em 5% em todo o Estado, de acordo com dados do Comitê Estadual de Morte Materna. Essa redução pode indicar um possível resultado do programa, porém esse indicador não foi analisado na avaliação de impacto, sendo necessária uma avaliação mais detalhada para comprovar o efeito isolado do programa.

A partir da implantação do programa, outros ganhos mensuráveis foram observados: de acordo com dados da Câmara Intersetorial de Segurança Alimentar e Nutricional de Pernambuco, houve redução de 34%; 14% e 26%, res-



*Mais de 50 mil
crianças já foram
acompanhadas
pelo programa*

pectivamente, nos percentuais de mulheres gestantes, nutrizes e crianças de seis meses a um ano em situação de insegurança alimentar leve, moderada ou grave. Registrou-se, também, o aumento do percentual de gestantes que são atendidas pela rede estadual de atenção à saúde com sete ou mais consultas de pré-natal: o quantitativo cresceu em 17%, passando para 48% das gestantes assistidas pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana, mesmo considerando a expansão territorial do programa.

Outro importante resultado é a ampliação da inclusão das famílias em políticas sociais integrantes do programa, de acordo com a sua necessidade, que desde 2008 vem apresentando um crescimento médio de 132%, passando para um patamar de mais de 100 mil mulheres atendidas e mais de 50 mil crianças acompanhadas. Esse resultado tem sido alcançado por meio do trabalho matricial e indutivo dos Cantos Mãe Coruja que, concomitantemente, identificam e inserem as famílias ao programa, realizam o diagnóstico da situação e fazem os encaminhamentos necessários para as secretarias envolvidas.

O fortalecimento da política de atenção primária, alavancada pela atuação integral, intersetorial e coparticipativa do programa é outro resultado de destaque. A partir do Programa Mãe Coruja Pernambucana, foi firmado um número maior de convênios com várias entidades, o que possibilitou a realização de novos investimentos financeiros em equipamentos, estrutura física e leitos da rede materno-infantil dos territórios atendidos.

Monitoramento

Desde a sua implantação, em outubro de 2007, as ações do Programa Mãe Coruja Pernambucana são permanentemente acompanhadas pelo Conselho Consultivo do Programa e pelos profissionais locais dos municípios.

Com a inclusão do programa, no início de 2008, no Mapa da Estratégia do Estado, o Mãe Coruja passou a ser também monitorado pelo governo do Estado, no escopo do Modelo Todos por Pernambuco. Nesse processo, que culmina com reuniões semanais presididas pelo governador e organizadas em torno de cada objetivo estratégico, a ação estratégica, chamada de Meta Prioritária, é acompanhada, na sua realização física e financeira, por meio de indicadores de processo.

A metodologia de monitoramento utilizada no Modelo Todos por Pernambuco foi agregada, no início de 2008, à sistemática de monitoramento regular do programa, envolvendo os coordenadores regionais em reuniões mensais de acompanhamento realizadas nos Cantos Mãe Coruja (nas diversas regionais de saúde), envolvendo o Conselho Consultivo; os coordenadores estaduais (membros do Comitê de Assessoramento do programa) e coordenadores regionais, em nível estadual; e os profissionais dos Cantos Mãe Coruja, articuladores municipais e secretarias municipais, em nível regional.

Em 2011, com a oficialização de indicadores específicos do programa, as reuniões de monitoramento realizadas pelo Conselho Consultivo tomaram nova dinâmica deliberativa, passando a focar também a avaliação dos resultados das ações realizadas e utilizando a ferramenta “Sala de Situação”, que acompanha os indicadores de forma gerencial. Também é feita a análise final da vigilância do óbito, à luz da evitabilidade.

Os obstáculos

Uma das dificuldades na implantação do Programa Mãe Coruja Pernambucana foi a desigualdade observada nas diversas regiões de atuação do programa, cada uma com problemas e especificidades que influenciavam de maneira particular as causas da mortalidade infantil e as condições das famílias observadas, inviabilizando a construção de uma solução única, aplicável a qualquer território. Foi preciso estudar essas regiões, uma a uma, e definir abordagens diferentes para o combate à mortalidade e outras ações de qualidade de vida, customizando-as para cada região.



O programa implementou iniciativas eficazes, como a distribuição de enxovais de bebês para mães com, pelo menos, sete exames pré-natal

Um obstáculo importante residiu nas diferenças de estruturas básicas de atenção primária existentes nos diversos municípios. Para superar esse problema, buscou-se, por meio das parcerias com municípios, promover o compartilhamento dos equipamentos disponíveis em cada território, bem como realizar convênios com organizações não governamentais e entidades de fomento para alocação de recursos destinados à aquisição de equipamentos.

A escassez de profissionais locais com conhecimentos e qualificações desejadas para os postos de trabalho municipais foi outro obstáculo apresentado. A solução encontrada para esse caso foi o desenvolvimento de formação continuada, com a realização de treinamentos que foram ministrados pela coordenação do programa.

Por se tratar da aplicação de um programa com ações interinstitucionais executadas de forma integrada por órgãos estaduais, municipais e instituições não governamentais, outro obstáculo enfrentado foi a articulação dos diversos atores envolvidos. Em alguns casos, por dificuldades nessa articulação, foi necessário modificar planos de atuação para que o programa não sofresse impacto na sua condução e na consecução do seu objetivo. Para minimizar esse problema, a Coordenação Geral do programa promoveu reuniões, oficinas e capacitações com todos os envolvidos, visando a esclarecer papéis, mobilizar, sensibilizar e comprometer os diversos atores.

Por fim, ao ser implantado o sistema informatizado específico para o programa, observou-se que nem todos os municípios possuíam cobertura de internet satisfatória, o que comprometia a comunicação de alguns Cantos Mãe Coruja

com sua coordenação. Foi preciso realizar investimentos para ampliação da internet local nos municípios em que essa comunicação era mais precária.

Conquista da cidadania

A implantação do Programa Mãe Coruja Pernambucana dá oportunidade às mulheres gestantes submetidas a condições de vulnerabilidade e às suas crianças o resgate do direito à cidadania, uma vez que, enquanto política pública intersetorial, levou serviços públicos a áreas até então pouco assistidas pelo Estado, na forma de ações integradas voltadas à assistência à saúde, ao fortalecimento das relações familiares e à segurança alimentar e nutricional sustentável de mãe e filho. Além disso, leva o estímulo à autonomia socioeconômica dessas mulheres por meio do direito à documentação e da oferta de formação e profissionalização.

O Programa Mãe Coruja Pernambucana, por meio das ações na área da educação e na área social, possibilitou também um impacto direto na contribuição para a promoção da inclusão produtiva e para consolidar os direitos de cidadania e alfabetização das gestantes e familiares. Desde 2009, foram realizados mais de 500 Círculos de Educação e Cultura, consolidando processos de alfabetização, letramento e elevação de escolaridade.

Ainda dentro desse contexto, no que tange a ações focadas em promover a inclusão das gestantes e respectivas famílias em programas de qualificação profissional, mais de 22 mil mulheres concluíram cursos profissionalizantes ofertados pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana, possibilitando sua maior inserção no mercado de trabalho. No escopo do programa, outro importante benefício foi a emissão de registros civis para os recém-nascidos. Os registros civis passaram a ser emitidos, a partir de 2012, por um sistema informatizado que interligou 201 cartórios a 197 maternidades públicas em todo o Estado, de maneira que nenhuma criança atendida pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana deixou a maternidade sem a certidão de nascimento.

Iniciativas simples, mas eficazes, tais como a distribuição de mais de 100 mil enxovais de bebês, a partir da confirmação da realização de, pelo menos, sete exames pré-natal pela gestante cadastrada, ajudaram a atrair cada vez mais beneficiárias para o programa, ampliando seu alcance. De 2007 a 2016, 150.615 mulheres cadastradas e 101.722 crianças foram acompanhadas. Além desse aumento da capilaridade e da expansão do número de pessoas atendidas, o Programa Mãe Coruja Pernambucana tem sido efetivo enquanto política

pública ao preparar os Cantos Mãe Coruja de modo a funcionarem como espaços de acolhimento e convivência voltados para o fortalecimento dos vínculos afetivos entre gestantes, seus filhos e sua família, ali ofertando atividades e serviços voltados ao desenvolvimento biopsicossocial das crianças e à inclusão socioprodutiva dos adultos.



*O diálogo sempre
foi uma marca na
história do Mãe
Coruja*

O aprendizado

A experiência acumulada com o sucesso na implantação e operacionalização de um programa dessa magnitude, de tamanha cobertura geográfica, direcionado a um público com tantas carências, e com um propósito tão desafiador possibilitou algumas oportunidades de aprendizado.

Inicialmente, destaca-se a crença de todos os envolvidos no programa que a mortalidade materna e infantil não são apenas problemas de saúde pública, para os quais soluções devam ser encontradas nos ramos da medicina, da assistência básica ou da nutrição. Desde a sua concepção, o Programa Mãe Coruja Pernambucana parte do princípio que existem componentes sociais, educacionais, políticos, econômicos e até emocionais que afetam igualmente a realidade, devendo ser igualmente considerados na formulação da política pública, e por ela trabalhados a partir de ações concretas.

Em segundo lugar, vê ser de fundamental importância para o sucesso da melhora da qualidade de vida, a integração de políticas públicas que estejam sendo executadas por atores interessados na transformação da realidade, se-

jam eles públicos ou não. A estratégia adotada pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana, focada na articulação com esses entes e voltada para a montagem de uma rede de solidariedade entre os programas e ações desenvolvidos por esses atores, viabilizando a realização de convênios e alianças com municípios, com organizações não governamentais, com o setor privado e com a sociedade civil, possibilitou ganhos e resultados positivos no cumprimento das metas estabelecidas.

A decisão de envolver, de forma direta, oito diferentes Secretarias de Estado em todas as fases do ciclo de gestão dessa política pública (formulação do programa, implementação de ações, monitoramento do processo e avaliação dos resultados) mostrou-se fundamental para o êxito do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Essa abordagem possibilitou que fossem priorizadas também, no escopo do programa, ações nas áreas de educação, desenvolvimento social, direitos humanos, agricultura, trabalho e empreendedorismo, o que contribuiu decisivamente para o alcance dos resultados.

O programa também tem como conceito que, para gerenciar um programa com tal amplitude, é essencial automatizar suas práticas, controles e atividades por meio de uma solução de tecnologia da informação primordialmente voltada para a disseminação, em tempo real, de informações sempre atualizadas entre executantes e gestores, visando a remover eventuais obstáculos na execução das ações.

A recomendação que o Programa Mãe Coruja Pernambucana guarda para o futuro e que compartilha com as demais entidades do Poder Público é a de que é preciso continuar priorizando o desenvolvimento contínuo dos processos e práticas da gestão por resultados. Essa abordagem, utilizada desde a sua concepção, possibilita aos entes públicos a consolidação de uma cultura de intersetorialidade, a formulação estratégica de planos de ação, a definição clara de metas e recursos para cada um dos segmentos envolvidos, a rápida identificação de gargalos e de busca de soluções para eventuais problemas e, principalmente, a geração de valor à população com a prestação dos serviços públicos.

O reconhecimento

Junto com os resultados veio o reconhecimento. O Programa Mãe Coruja Pernambucana já recebeu várias honrarias. Dois desses prêmios, em especial, ajudam a dar a dimensão que o programa conquistou dentro e fora do Brasil.



O governador Paulo Câmara recebeu o Prêmio Interamericano de Inovação para a Gestão Pública Efetiva conquistado pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana

O primeiro deles foi o Prêmio das Nações Unidas para o Serviço Público (UNPSA) 2014, um dos mais prestigiados reconhecimentos internacionais por excelência no serviço público, que reúne ações de organizações públicas e agências de todo o mundo, em níveis nacional, estadual e municipal. Na saudação do subsecretário-geral da ONU para Assuntos Econômicos e Sociais, Wu Hongbo, fica clara a importância da premiação. “Essas instituições vencedoras demonstram os princípios que apoiam uma governança transparente, responsável e colaborativa. Elas têm explorado novos caminhos para melhorar o papel da governança participativa e responsável para o desenvolvimento sustentável.”

O outro reconhecimento internacional que precisa ser destacado foi o Prêmio Interamericano de Inovação para a Gestão Pública Efetiva – na categoria Qualidade de Políticas Públicas, concedido pela Organização dos Estados Americanos (OEA), em 2015. O prêmio da OEA tem como objetivo identificar iniciativas inovadoras em gestão pública, realizadas por diversas instituições públicas da América Latina, que sejam identificadas como iniciativas úteis e que possam ser replicadas em outros lugares.

Na oportunidade, o Programa Mãe Coruja Pernambucana foi avaliado pelos critérios de originalidade; impacto ao cidadão; replicabilidade; eficácia;

eficiência; complexibilidade da solução de problemas; sustentabilidade da experiência; e perspectiva de gênero. Ao todo, foram 74 candidaturas, representando instituições públicas de todos os níveis administrativos de 13 países membros da OEA.

O Prêmio Zilda Arns, concedido pela Pastoral da Criança em Pernambuco ao Programa Mãe Coruja Pernambucana, também merece destaque. O prêmio, entregue em abril de 2011, reconheceu o trabalho realizado por entidades, programas ou ações que se destacaram em favor da vida, do cuidado com crianças, jovens e adultos, que se preocupam com a cidadania – mesma missão da Pastoral da Criança, criada pela médica e sanitarista Zilda Arns.

O governador Paulo Câmara considera o Programa Mãe Coruja Pernambucana como uma das prioridades da sua gestão



Um olhar para o futuro

Em um país onde é comum novos governos abandonarem projetos criados pelos antecessores, a perenidade do Programa Mãe Coruja Pernambucana começou a ser garantida em 15 de dezembro de 2009, quando o então governador de Pernambuco, Eduardo Campos, sancionou a Lei nº 13.959. A medida, na prática, fez com que o Programa Mãe Coruja Pernambucana deixasse de ser um programa de uma gestão para se transformar em política de Estado.

Reforçando esse conceito, o governador Paulo Câmara, que assumiu o governo de Pernambuco em janeiro de 2015, assegurou uma rubrica orçamentária em cada uma das secretarias estaduais com participação no Programa Mãe Coruja Pernambucana. Além disso, em 2016, Paulo Câmara implementou o orçamento impositivo, assegurando as ações do programa em Pernambuco, mesmo em um momento de grave crise socioeconômica que assolava o país. Dessa forma, o governo do Estado reafirmou seu compromisso de tratar com prioridade as crianças, como assegura a Constituição Federal de 1988. Na verdade, quem acompanha desde o começo e conhece a fundo o Programa Mãe Coruja Pernambucana costuma falar que ele vive um “eterno recomeço”. Em outras palavras, o programa está em permanente círculo virtuoso de avaliação, reflexão, aprendizado e aperfeiçoamento. Por isso, os próximos passos já vêm sendo planejados.

Em quase uma década de existência, o programa começou focado na mulher grávida. Depois, passou a atender a mulher como um todo e, agora, o desafio será cuidar da família como um todo. O próximo passo, que já está sendo preparado, será acompanhar a criança e a família, respeitando a sua cultura (no sentido antropológico). Nesse sentido, além dos três eixos iniciais (saúde, educação e desenvolvimento social), o programa também irá focar na cultura, no esporte e no lazer.

Um ponto forte do Programa Mãe Coruja Pernambucana sempre foi o eficiente monitoramento de suas ações e processos. Por isso, os indicadores têm grande importância. Desde o início, ainda mesmo na sua fase de diagnóstico de planejamento, foram usados os indicadores básicos (mais de 20 indicadores dentro dos eixos de saúde, educação e desenvolvimento social). Agora, com as novas etapas e objetivos que se desenham, o programa também começa a trabalhar na elaboração de seus próprios indicadores. No caso, seriam construídos indicadores que ajudem no monitoramento, controle e aperfeiçoamento de aspectos muito peculiares e originais do programa. Trata-se, como tem sido uma de suas marcas, de uma ideia ousada. Trata-se de um indicador para medir, por exemplo, “grandezas” como o sentimento de pertencimento das pessoas em relação ao programa. Apesar da aparente subjetividade, a elaboração desse indicador de processos e grandezas está sendo tratada de forma científica.

Os desafios que se apresentam para o Programa Mãe Coruja Pernambucana são grandes. Assim, ele segue na constante busca pelo aperfeiçoamento, sonhando com o dia em que não precise mais existir.



Uma vida menos severina

“... E não há
melhor resposta
que o espetáculo
da vida”

João Cabral de Melo Neto
Morte e Vida Severina

*Julho de 2016: a
esperança tomou o
lugar do cemitério
clandestino na
Serra da Ladeira*

Serra da Ladeira, chapada do Araripe, julho de 2016. Quase dez anos depois da primeira visita, uma equipe do Programa Mãe Coruja Pernambucana chega ao aglomerado de cerca de 20 casas dispersas, localizado na zona rural de Ipubi, a 685 km do Recife. No quintal onde antes havia um cemitério clandestino, agora, existe uma roça que ajuda na subsistência dos moradores do local. Desde que aquela foto com as covas dos “anjinhos” foi tirada, no já distante ano de 2007, muita coisa mudou por lá. O mais importante é que mais nenhum bebê morreu.

As crianças que, na foto, brincavam em torno das sepulturas cresceram e, uma delas, Cláudia, acaba de ter um filhinho. Sua gravidez foi acompanhada pela equipe do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

A outra, Jaqueline, que, na época, estava com 9 anos, ganhou mais dois irmãos: Janiele, hoje com 6 anos, e João Miguel, com 2 anos. Junto com a mãe, Maria Cleonice, as crianças foram assistidas de perto pelo programa. Já no fim da visita, Maria Cleonice recebeu de presente a foto com Jaqueline ainda pequena. Sorriu, surpresa, agradeceu com educação e guardou aquela inesperada lembrança de um tempo difícil, que ela espera que não volte mais.



Parte 2

Um olhar afetivo

Janimeire

Um caminho
cheio de vida
e esperança

“É o sonho de consumo de toda mãe chegar em uma maternidade e ter seu filho com dignidade, sendo bem atendida. Por isso, acredito muito no Mãe Coruja”.





Foto: Leônia Carvalho



Foto: Leônia Carvalho

*Comunidade da
Boa Esperança,
em Exú*

O nome do lugar não poderia ser mais apropriado. Quis o acaso que, na pequena comunidade de Boa Esperança, situada às margens da PE-585, no meio do caminho entre Exu (PE) e Crato (CE), começasse efetivamente a exitosa caminhada do projeto que ajudou a melhorar a vida de milhares de pessoas em Pernambuco. No isolado e pacato aglomerado de casas, a 36 km da sede do município, morava (e ainda mora) Janimeire Bacurau. No dia 30 de novembro de 2007, ela deu à luz Gabriele Vitória, tornando-se a primeira das mais de 150 mil mães atendidas até hoje pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana.

A “relação”, que já dura quase dez anos, começou por acaso. A primeira vez que Janimeire, uma sertaneja nascida e criada no coração da Chapada do Araripe, ouviu falar do Programa Mãe Coruja Pernambucana nem sabia que estava grávida. Como era presidente da Associação de Moradores da Comunidade da Boa Esperança, ela foi convidada para participar de um seminário sobre o programa, que começava a ser desenhado naqueles primeiros meses de 2007. Gostou do

que ouviu, achou tudo muito interessante e torceu para que todas aquelas ideias vi-rassem realidade. Nem de longe imaginava que teria um papel importante na história que começava a ser construída.

Dois meses depois, já com a barriga co-meçando a aparecer, um encontro casual a aproximou definitivamente do progra-ma. Anoitecia quando dois participantes da equipe do programa, que aproveitavam o momento de folga para uma longa ca-minhada de Exu ao Crato, cruzaram com Janimeire. Conversa vai, conversa vem, hospitaleira, ela convidou os dois para per-noitarem em sua casa. Foi a segunda vez que ouviu falar do projeto que estava sendo construído com o objetivo de acabar com a mortalidade materno-infantil em Pernambuco. A essa altura, já estava en-cantada com a ideia.

Na terceira vez que ouviu falar do Programa Mãe Coruja Pernambucana, cerca de 15 dias depois, já foi para se cadastrar e ter sua gravidez acompanhada de per-to. Fez os exames pré-natais necessários, participou das atividades promovidas. Como já tinha uma filha, na época Jordana estava com 8 anos, pôde comparar como é uma gestação assistida com uma não assistida. “A diferença é grande, me senti muito mais segura.”

No final de novembro de 2007, a vida de Janimeire seguia seu curso normal. Aos 33 anos de idade, a professora dedicada dava aulas na escola Henrique Por-fírio, cuidava da filha Jordana (na época com 9 anos), do marido Paulo Henri-que e da roça que mantinha em Boa Esperança. Ainda preparava o enxoval para Gabriele, que deveria nascer em janeiro de 2008, quando um imprevisto e uma coincidência aceleraram as coisas e mudaram seu destino.

O imprevisto aconteceu no dia 29 de novembro. Sem mais nem menos, sua bolsa rompeu e Janimeire foi imediatamente para Exu. Ao chegar à maternidade, soube que não tinha como ser atendida por lá. Não teve dúvidas e correu para Salgueiro, que fica a cerca de 100 km de distância. O caso era mais complicado do que se pensava. Foi aí que veio a coincidência.

Na reta final de implantação em Exu, todo o estafe do Programa Mãe Coruja Pernambucana tinha ido do Recife e estava reunido na cidade para um Encontro



Gabriele
continuou
sendo atendida
pelo Programa
Mãe Coruja
Pernambucana
até os 6 anos
de idade



Foto: Leônia Carvalho

Janimeire, ao lado da filha, teve todo o apoio do marido, Paulo Henrique, durante a gravidez

de Sensibilização. No meio da reunião, ficaram sabendo do caso de Janimeire e começou, então, a mobilização. Várias pessoas envolvidas, agindo de forma coordenada e fazendo acontecer. Foi o primeiro exercício de cuidado com muitas articulações. Sem saber, estavam inaugurando o espírito que permearia o programa nos anos seguintes.

Com a articulação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, Janimeire foi transferida para o Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip), no Recife. No dia 30 de novembro de 2007, nascia Gabriele Vitória, o primeiro bebê nascido com o acompanhamento do programa. “Se não fosse o Mãe Coruja, teria morrido mãe e filha”, lembra ela emocionada.

Janimeire faz questão de contar como foi bem atendida no Imip. “É o sonho de consumo de toda mãe chegar em uma maternidade e ter seu filho com dignidade, sendo bem atendida. Por isso, acredito muito no Mãe Coruja.”

Janimeire ao lado das filhas: uma família feliz

Gabriele continuou sendo acompanhada pelo programa até os 6 anos de idade. Isso, formalmente, porque, segundo a mãe, informalmente, continua até hoje. “O nosso vínculo com o Mãe Coruja ficou para sempre.”



Foto: Leônia Carvalho

Gerci

Quando o amor vence a dor

“No Canto, a mãe pode contar com qualquer outra mãe. Uma vai ajudando a outra, contando suas histórias”





Um rio, uma tragédia agosteira, uma dor infinita e um acolhimento com jeito de “colo de mãe”. Juntos, esses elementos sintetizam a história de superação da alagoana Gerci Gomes da Silva, hoje com 35 anos, moradora de Xexéu, município pobre da região denominada Mata Sul de Pernambuco, na divisa com Alagoas. O local tem o pior IDH da região, de apenas 0,552.

O rio, grande divisor de águas e, nesse caso, da vida de Gerci, é o também alagoano Jacuípe, que alcança dois municípios de Pernambuco e, em 2006, passava ao lado do quintal da casa em que Gerci morava, na parte baixa do distrito de Campos Frios, a 15 km do Canto Mãe Coruja de Xexéu. Era mês de agosto, no domingo em que comemorava o Dia dos Pais, quando ela viveu a maior tragédia da sua vida. Gean, então com 3 anos de idade, caçula de três filhos, brincava com mais um menino e duas meninas quando “saiu pra trás do quintal” nas palavras da mãe. De lá, só voltou carregado por Gerci, já morto. O menino havia se afogado naquelas águas, que eram fundas. O corpo foi achado pela irmã mais velha,

Jéssica, então com 8 anos, que saíra à procura do garoto junto com a mãe. “Ele ainda deu o último suspiro”, recorda a garota, hoje com 18 anos.

Naquele domingo, também ficava para trás uma Gerci sorridente e surgia uma mãe incompleta, extremamente triste e com uma ferida “que nunca cicatriza”. “Foi o mesmo que arrancar uma parte de mim. Pensava em parar e desistir.” No mesmo dia, chegou a colocar veneno contra rato na boca, mas cuspiu depois que veio à mente a lembrança dos outros dois filhos. Desnorçada, no dia seguinte, pulou o muro do cemitério em que o filho estava enterrado, pois queria “dar de mamar” ao garoto.





A perda do filho, acredita, havia sido vislumbrada em sonho. Ela recorda que, tempos antes do afogamento, teve um sonho em que tirava o filho de dentro do rio. Gerci acredita mesmo em revelações durante o sonho; tanto que, cinco meses após a morte do filho, foi a um ginecologista acreditando estar grávida porque sonhara com Gean avisando que ela estava esperando outra criança. O médico refutou a ideia porque, lembra, estava menstruada, mas a certeza era tanta que o marido, Geovani, o Galego, como o chama, “tirou o dinheiro da feira” para que pudesse realizar uma ultrassonografia. Sim, estava grávida e, sete meses mais tarde, nascia João Gabriel, hoje com 7 anos.

Rio Jacuípe, que mudou a vida de Gerci e sua família

O nascimento do quarto filho não reanimou Gerci. Além do pequeno Gean, perdera uma grande amiga e o próprio pai. Sua vida não tinha sido fácil até ali. Segunda de oito filhos de uma família de baixa renda, se mudou de Murici, em Alagoas, para Xexéu no início da adolescência. Assim como mais de 32% da população xexeense, era analfabeta e, em um ato de rebeldia, fugiu de casa aos 16 anos com o namorado que conheceu havia apenas um mês e que era cortador de cana, a principal atividade econômica da região. Teve Jessica e Edinaldo Luiz e precisou trabalhar como empregada doméstica. Separou-se, casou com Galego e veio a tragédia.

“Pensava em desistir...”, repete, “de tudo. De marido, de filhos, da vida”. O marido tentou, por inúmeras vezes, convencê-la a ir a um médico, buscar tratamento contra depressão. Mas ela retrucava, com o desânimo instalado: “Por que procurar um remédio se quero morrer?”

O rio que levou o filho voltou a entrar na vida da família de Gerci de forma também devastadora. Na cheia que se abateu sobre a região da Mata Sul, em 2010, o local em que morava, na parte baixa de Campos Frios, distrito rural do município onde se concentra quase 35% da população de pouco mais de 14 mil moradores, foi atingido. A água chegou a mais de meio metro dentro do vão, uma espécie de garagem nos fundos do imóvel.

Em meio a esse cenário e à dor infinita, Gerci engravidou pela quinta vez. Aos quatro meses de gestação, resolveu aceitar o convite de uma amiga que tinha filho e ir visitar o Canto Mãe Coruja instalado na subprefeitura do distrito rural, na parte baixa de Campos Frios. Define o convite como algo divino: “Foi uma coisa de Deus”. A crença não é à toa: “*Tava* em tempo de querer me matar”, recorda.

Ela não sabe precisar quantas foram as idas ao espaço, mas sabe que, lá, encontrou acolhimento. Não define com essa palavra; prefere outra: Paz. “Foi aí que encontrei um pouco de paz”, conta. No Canto Mãe Coruja, ela costumava desabafar junto às coordenadoras do espaço: “Elas não são psicólogas, mas era como se fossem. Eu desabafava, conversava”.

De mais particular, a conversa foi se ampliando. Passou a participar dos chamados Círculos de Educação e Cultura, nos quais as mães trocam experiências entre si, contam suas histórias e, principalmente, recebem orientações. No Canto Mãe Coruja de Campos Frios, há círculos regularmente. Ao todo, no município, há mais de 900 mães cadastradas. Xexéu integra uma Regional de Saúde do Estado, a terceira, que congrega 22 municípios da Mata Sul e contabiliza mais de 12 mil participantes do programa.



Sara nasceu em 2012 e mudou a vida de Gerci

À entrada do Canto Mãe Coruja, no bairro de Nova Xexéu, a frase da escritora francesa Simone de Beauvoir é um chamamento. Pintada com cuidado na parede, diz: “Não se nasce mulher; torna-se mulher”. Gerci acredita. “Lá, encontrei tudo o que não encontrei na minha família”, desabafa, explicando que as participantes do projeto, o qual chama de “Mamãe” Coruja, a ajudaram a se manter erguida e, principalmente, viva. “As pessoas de lá me tiraram do fundo do poço”, sintetiza. “No Canto, a mãe pode contar com qualquer uma outra mãe; uma vai ajudando a outra, contando suas histórias”, reforça Elizângela Batista, de 38 anos, uma das coordenadoras do Canto.

O trabalho do Canto Mãe Coruja é o de fazer um apelo diário pelas ruas de Xexéu, nem sempre pavimentadas. “As coordenadoras saem chamando, resgatando as mães de suas casas. São reuniões, atividades, festas de crianças”, conta Gerci. Em Campos Frios, essas convocações contam com a ajuda dos agentes de saúde – inicialmente, Pedro e, depois, Vânia.

Foi participando do programa que Gerci, aos poucos, superou sua tragédia pessoal

Foi conversando e participando das atividades que Gerci, aos poucos, semana a semana, ano a ano, escalou o tal poço e, mais tranquila, teve Sara, em 2012. A saudável e bonita menina, hoje com 4 anos, só se alimenta do leite da mãe.

“Ela não veio para substituir Gean, mas para preencher um vazio”, afirma. Durante toda a gestação, Gerci não deixou de comparecer ao Canto, tampouco ao ginecologista. Como define o programa, com as sete visitas confirmadas ao médico, ganhou o *kit* do bebê. Chegaram a ser entregues 71 *kits* em Xexéu.

Na casa onde hoje mora a família, na parte alta do distrito, recebida após a devastação das águas do rio Jacuípe, a foto de Gean está em uma das paredes da sala. Na parede vizinha, outras imagens formam um painel com registros de todos os filhos e de sorrisos estampados nos rostos. Nas portas que dão acesso aos dois quartos e ao banheiro, há enfeites de flores e palhaços feitos pelas mãos maternas. O artesanato foi fruto de um curso realizado no Canto Mãe Coruja. Além disso, ela fez curso de ornamentação de festas e, em 2015, realizou mais um voltado para o empreendedorismo. “Aprendi mais sobre lucro, comissão”, conta.

Hoje, mais sorridente, Gerci faz planos e sonha também acordada. Um sonho mais alicerçado após as aulas de empreendedorismo. Deseja revender roupas. “Quero ter condições de trabalho para sustentar os quatro filhos e não depender de ninguém”, afirma, confiante. O dinheiro almejado viria a ajudar o pouco que o marido recebe atualmente vendendo botijões de gás. Galego ganha cerca de 150 reais por semana e engorda a triste estatística de Xexéu que aponta que mais de 30% da população recebe só, mensalmente, até um quarto de salário mínimo.

Gerci espera reverter esse quadro financeiro familiar, sim, mas já se sente mais feliz. “O que importa não é dinheiro, carro. É a paz, a alegria. Ter paz e alegria para passar *pros* outros”, ensina. Uma paz anunciada já na entrada da pequena casa, no árido conjunto no topo do distrito: um pé de capim-santo coloca um pouco de verde na paisagem. Nesse cenário idealizado por ela, a evangélica da Assembleia Ministérios de Madureira costuma entoar louvores durante o dia enquanto arruma a casa e cuida dos filhos. Tem por hábito louvar junto com Sara, que já aprendeu





algumas letras. Quando vai ao “Mamãe Coruja”, também leva a menina, que brinca de desenhar e pintar.

A mudança no semblante da alagoana é observada e sentida por toda a família. “Antes de ela ir ao Canto, ela gritava muito em casa”, lembra, sorrindo, a primogênita Jessica. Apesar de, até a entrevista para este texto, nunca haver acompanhado a esposa ao espaço, Galego é só incentivo. Com poucas palavras, resume: “Ela ficou melhor, mais calma. Gostei”. E, principalmente, Gerci tem gostado. Tanto que o principal sonho dela é transmitir sua história de superação para que possa ajudar outras pessoas que, como ela, tiveram à frente apenas um “fundo do poço”. Pronto, Gerci, sonho realizado. Seu depoimento está aqui. Gravado.

*Gerci com as
filhas, Sara e
Jessica, e o marido,
Galego*

Marluce

Paciência que nasce do amor ao filho

“O Mãe Coruja foi meu pé e minha mão. Ajudou a procurar os vários médicos; conversou comigo, orientou...”







Marluce mora com a família no município de Macaparana

“**M**eu filho me ensinou a ter paciência”. Muitas mães devem pensar como a pernambucana Marluce Maria da Silva. A agitada morena magrinha que hoje prega paciência parece exalar vigor a cada gesto e, em seus 34 anos de vida, não imaginou que teria, sim, que imprimir mais calma à sua vida por causa de Ênio. Hoje com 5 anos, o menino foi diagnosticado com autismo aos 3 e, desde então, Marluce deixou o trabalho de vendedora ambulante de DVDs para se dedicar exclusivamente ao “ofício” de mãe, na cidade de Macaparana, na zona da Mata Norte de Pernambuco, distante 84 km da capital do Estado.

O novo ofício de Marluce, que estudou até o segundo ano do ensino médio, é praticamente sem trégua. Marluce fica atenta o tempo todo ao filho quando ele está em casa – pela manhã o garoto vai à escola. “É preciso ficar mais alerta; fazendo uma coisa e de ouvido atento a ele”, conta ela, emendando: “Quando o filho é sem problema, a gente relaxa mais”. O transtorno de desenvolvimento,



que se apresenta principalmente com a dificuldade de socialização e de linguagem, exige mais dela e, principalmente, imprimiu ainda mais o amor materno.

Marluce é toda amor quando fala do filho: “Quando me perguntam se o autismo mudou o que sinto por ele, respondo que sim; meu amor por ele aumentou mais”, afirma, categórica, sempre gesticulando e passando a mão pelo cabelo preso em um rabo de cavalo. “Ele é tudo na minha vida; amo com todo o coração.” E, de amor, ela parece entender. Apaixonada e grávida após quatro meses de namoro com o Ênio “pai”, saiu de Itambé, também na zona norte, para se casar e viver com ele em Macaparana.

Em Macaparana, já grávida de Ênio, Marluce vendia DVDs de filme e música na calçada diante da oficina do sogro, seu Zé Pequeno, onde o marido trabalha com o pai, no centro da cidade. Começou atuando como camelô apenas aos sábados, depois, passou a vender de segunda a sábado, 12 horas diárias, das 5h às 17h. Com o bebê recém-nascido, parou com as vendas até o menino ter um ano; depois, retornou. Mas precisou parar de vez para se dedicar ao filho. Ágil, gostava – e até tem saudade – do comércio na cidade, que tem a economia fincada principalmente nos pés de cana-de-açúcar e de banana.

Também no centro macaparense, não tardou a bater na porta do Canto Mãe Coruja, uma simpática casa de largas janelas e pisos de ladrilhos coloridos localizada em uma das avenidas principais, para acompanhamento e orientação na gestação. Mensalmente, ia ao médico e ao Canto, onde ganhou o *kit* dado às mulheres que comparecem pelo menos a sete visitas ao ginecologista durante a gestação.

Marluce conta que a gravidez foi tranquila, mas, quando lembra do parto, não pode dizer o mesmo. Começou a ter contração na madrugada da Quarta-feira de Cinzas, em 2011, e precisou se dirigir a Goiana, município polo da Mata Norte e sede da XII Geres, que compreende dez municípios e uma população de mais de 311 mil habitantes. Sem a dilatação necessária, só teve a criança no fim da tarde do dia seguinte em uma cesariana.

De início, Marluce não lembra de haver notado nada de diferente no filho, primeiro e único. “Ele andava, brincava, falava e comia de tudo”, afirma, resumindo: “Tranquilo como toda criança”. Ela reparou os primeiros sinais do transtorno quando ele estava com 2 anos: “Ele foi parando de falar, se afastando da gente”. Viu o filho mudar o comportamento, mas pensou ser apenas uma fase, até que a cunhada, Vivaldina, vizinha de casa, leu, por acaso, na carteira de vacinas do menino, anotadas características do autismo e mostrou para Marluce. “Não sabia desse problema”, diz, recordando o dia em que percebeu, entre as letras, sinais que viraram tão próprios do filho, a única criança até hoje no Programa Mãe Coruja Pernambucana de Macaparana diagnosticada com o transtorno. Ano passado, o programa acompanhou 335 gestações no município de quase 24 mil moradores.

Preocupada, Marluce procurou o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf) e se voltou ainda mais para o Canto Mãe Coruja, que a direcionou para todos os profissionais da área de saúde necessários para o diagnóstico do autismo (foi ao pediatra, psicólogo, fonoaudiólogo e neurologista). “O Mãe Coruja foi meu pé e minha mão. Ajudou a procurar os vários médicos; conversou comigo, orientou... Queria saber como lidar com essa nova situação”, afirma Marluce, que, a partir dali, parou com o trabalho de vendedora ambulante. E Ênio, aos 3 anos, teve o diagnóstico finalizado: sim, possui autismo. Além da dificuldade em se socializar e se comunicar, o autista costuma ter alto grau de irritabilidade, déficit cognitivo, dificuldade de concentração e baixa tolerância à frustração. O menino tem muitas dessas características, além de um problema intestinal que também é comum em pessoas autistas.



O Canto Mãe Coruja a direcionou para os profissionais necessários ao diagnóstico do autismo



Marluce conta que a brincadeira predileta de Ênio é organizar objetos, podem ser carrinhos de brinquedo, frascos de desodorante ou de perfume – costuma fazer filas com esses itens. “Deixar tudo em ordem”, define a mãe. Também gosta de assistir a DVDs de música. Se gosta de uma cena, para o disco e volta para revê-la várias vezes. Marluce e “Mô”, como chama o marido, não poupam esforços para fazer o filho feliz. Na casa em que moram, no topo de uma ladeira alta e íngreme de Macaparana, podem ser vistas capas de DVDs espalhadas pelo sofá, pelo *rack*, pelo chão da sala e do quarto onde Ênio dorme com os pais. O menino tem seu próprio quarto, mas a mãe, por causa da “rataria” que circula por um terreno baldio próximo, preferiu, por segurança, deixar o filho junto de si. Os planos são de uma nova casa, que será alugada em breve. A família também possui *notebook* “com gavetinha” onde Ênio coloca e tira os DVDs que deseja ver.

*Marluce e Ênio
Júnior continuam
recebendo todo o
apoio do programa*



A chegada de Ênio Júnior uniu ainda mais a família



Ênio também gosta de dançar e costuma “quando quer, chamar a mãe para bailar”. Com “painho”, como o chama, a brincadeira é ficar sobre suas costas, na cama, pulando “de cavalinho”. Mas nem sempre o menino está tranquilo; por vezes, há crises de choro que levam Marluce a buscar entendimento e ajuda de psicólogos – no dia da entrevista, por exemplo, ela havia ido ao Canto relatar e procurar conselho da psicóloga Mariza Coutinho de Farias, uma das técnicas de monitoramento do programa no município.

O autismo, porém, não afastou Ênio da escola. No recreio, costuma se divertir – sorrindo sozinho – ao observar os coleguinhos brincando. No ano de 2016, ele completa a alfabetização no Centro Educacional Mariano Cavalcanti, uma pequena escola particular onde estuda pela manhã e cuja mensalidade é paga pelos pais. “No Canto, me ensinaram como conseguir os benefícios a que Ênio tem direito”, explica Marluce, cuja rotina de médicos com o filho é intensa. A cada 15 dias, vai com ele a um especialista – psicólogo, psiquiatra, fonoaudiólogo ou gastroenterologista.

A ex-camelô vai costumeiramente ao Canto Mãe Coruja, onde também recebe ajuda prática – outra técnica do Canto, a economista doméstica Amanda Cavalcanti, por exemplo, é quem costuma trazer do Recife o remédio manipulado que Ênio usa para o problema no intestino, a pedido de Marluce –e, claro, acolhimento para o cotidiano desafiador. Um desses desafios foi a festa de aniversário de 5 anos do filho. De início insegura, Marluce foi em frente e, na calçada lateral da residência, espalhou mesas enfeitadas com motivos automobilísticos e comemorou os 5 anos de Ênio junto a cerca de 30 convidados, entre parentes, amigos da família, colegas da escola e a professora, Franciele. Sim, porque outra paixão do menino são os carros. Na escola, a garotada já sabe: quando alguém leva um carrinho já entrega para Ênio. E, em casa, ele não se furta a um passeio de automóvel – muitas vezes, o pai o leva no carro do avô pelas ladeiras da cidade.

Cida

Enfeites para dar ânimo e renda

“Minha mãe sempre dava conselho dizendo: ‘Filha, é bom trabalhar para você’. Por isso, quero trabalhar e renovar mais. Fazer cursos para aprender mais”





*Cida com a filha
Lauany*

Vende-se picolé. A placa, afixada no gradil do terraço, já mostra aos transeuntes que, naquela casa laranja claro, no alto de uma ladeira e em frente a um bananal, é mais que uma simples residência. Informal, o comércio impera no imóvel, que também abriga a produção da pernambucana Cida Marques. Aos 32 anos, a mãe de Leonardo, 11 anos, e Lauany, 4, desde 2015 cria e comercializa enfeites de festa feitos com emborrachado (EVA), na cidade de Macaparana, município da zona da Mata Norte de Pernambuco.

A força empreendedora tem genética e endereço certos. A genética veio da mãe, Maria Dolores Ferreira, de 67 anos, a dona da casa que, desde os 9 anos, começou a trabalhar. Foi canavieira e também teve banca na feira da cidade, a 84 km do Recife. Precisou criar a filha, Cida, sozinha. O marido, como conta, foi embora quando a menina tinha 9 anos. Hoje aposentada, Maria Dolores faz da casa uma espécie de loja de guloseimas – na sala, estão expostos para venda pipoca, chiclete, doce de leite e paçoca.



“Minha mãe sempre dava conselho dizendo ‘Filha, é bom trabalhar para você’”, atesta Cida, que se viu dando os primeiros passos do empreendedorismo a partir do Canto Mãe Coruja, localizado no centro de Macaparana, o tal endereço já citado. Cida começou a frequentar o Canto quando engravidou de Lauany: “Ia sempre que podia”. A gestação foi tranquila, assim como o parto, que foi normal. Como o programa acompanha mães e filhos até os 5 anos, Cida seguiu frequentando o espaço, que também incentiva a educação e a geração de renda, visando a melhorar a qualidade de vida da família. Logo ela tratou de aprender a ler e a escrever, no programa de Educação de Jovens e Adultos. Depois, passou a frequentar os cursos promovidos no Canto Mãe Coruja. Participou de todos os cursos promovidos no espaço desde 2010. As aulas, oferecidas pela Secretaria de Micro e Pequena Empresa, Trabalho e Qualificação, são profissionalizantes para as mulheres do município, que têm, nas plantações de cana-de-açúcar e de banana, sua principal fonte de renda.

Um dos cursos realizados por Cida foi o Cozinha Brasil, que reuniu 86 mulheres em 2014. O curso tem como proposta a alimentação saudável por meio do reaproveitamento de alimentos e da utilização de produtos da terra, de baixo custo, para promover também a geração de renda. “Foi muito bom, viu?!”, lembra, com uma expressão bem típica dos moradores da região e que costuma repetir. Mas foi a Oficina de Construção de Brinquedos com Material Reciclável, dada em 2015, que fez emergir a arte e a força de empreendedo-

ra daquela Cida que, quando criança e adolescente, brincava de fazer patinhos com o barro comprado na feira da vizinha Timbaúba. Com emborrachados à mão, transformou, junto com as 18 colegas do curso, latinhas de cerveja em bonecos com bracinhos, e caixas de sapato em vaquinhas. “Senti que ali era a minha praia, meu foco”, lembra a expansiva Cida. As aulas, que duraram 60 horas distribuídas em cerca de dois meses, aconteciam no Canto três dias na semana, à tarde, das 13h às 16h.

Aos 32 anos,
a mãe de
Leonardo e
Lauany cria e
comercializa
enfeites festivos

O curso foi o estopim para que a Cida, sempre sorridente e expansiva, tomasse a frente para ganhar o próprio dinheiro. Não que ela nunca tivesse trabalhado – foi empregada doméstica por um cerca de um ano e meio. Depois das aulas, ficou para trás uma Cida que se definia como uma “pessoa desligada, que ficava só em casa...”. Agora, sente-se renovada e estimulada. “O curso foi uma atitude em minha vida. Tinha vontade de fazer as coisas, mas não tinha ânimo”. O ânimo realmente chegou para ela: depois da oficina de brinquedos, participou também de cursos sobre empreendedorismo, controle financeiro e

Cida mostra o que aprendeu nos cursos promovidos pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana



vendas. “Lá, eles ensinam a administrar o dinheiro, gastar certo, guardar uma reserva, o que antes eu não fazia”, conta. E enumera as qualidades: “Mostram como fazer os produtos bons, limpinhos. Tudo mais organizado”. Ela realmente se empolga ao falar das aulas: “O curso é muito bom. Os professores têm paciência para ensinar”.

Cida aprendeu, aprimorou e tratou de colocar em prática tudo o que absorveu nas aulas. Começou a fazer enfeites para festas de aniversário e batizados. A encomenda pode ser feita diretamente a ela, mas expandiu os horizontes co-





*Dona Dolores
é um modelo
para a filha*

merciais para além do bananal que um fazendeiro mantém no terreno do outro lado da rua e montou um perfil em uma rede social com fotos dos produtos. É via internet que ela recebe a maior parte dos pedidos, feitos, em sua maioria, por mulheres, que pedem enfeites inspirados em desenhos animados. Os lucros até agora não são muitos, mas são um estímulo. “Lucro 18, 20, 25 reais. Preciso de um xampu e não vou mais pedir ao meu marido, né? Ganhar o seu dinheirinho, mesmo pouco, é bom”, atesta, sorrindo, orgulhosa.

A casa já sente a mudança de atitude da filha de dona Dolores. Se, na sala, a mãe expõe os produtos que vende pendurados na estante de madeira escura



e nas paredes verdes, dividindo espaço com dez fotos de santos e mais de dez esculturas religiosas, além de um pé de alho (“Para cortar a inveja”), Cida não faz muito diferente na residência em que mora com os filhos e o marido. As produções de Cida também ocupam espaço na sala apertada da casa, erguida no mesmo terreno e logo atrás da casa de dona Dolores. Sobre a pequena mesa quadrada de mármore, estão o *notebook*, para divulgar os trabalhos; tintas; tesouras; cola com *glitter*; estilete; emborrachados e pistola de cola quente. A produção é feita à noite, depois que a filha, Lauany, dorme. “Prefiro o silêncio. Com ela dormindo, é o melhor período para trabalhar”, explica.

Envolvida cada vez mais na produção manual, Cida mal lembra que, quando criança, desejou ser professora. Hoje, quer aprender cada vez mais e trabalhar para si mesma, produzindo os enfeites, “porque é isso que gosto de fazer”. “Quero trabalhar e renovar mais. Fazer cursos para aprender mais.” Ouvir Cida falar é empolgante. Maquiada e de sandália de salto alto para as fotos que ilustram este texto, ela sorri o tempo todo. “Me sinto bem fazendo os enfeites; é uma terapia”, garante a artesã. Questionada sobre qual conselho daria a quem quer apreender, ela afirma: “Aconselho. É tão bom a gente ser independente!”.

A artesã culpa a crise econômica pela qual o Brasil passa para a baixa nas encomendas. “As pessoas não encomendam mais por causa da crise; muita gente desempregada”, diz. Apesar do aperto financeiro, no entanto, Cida segue com os investimentos. Sempre com o incentivo da mãe e o apoio do marido, Everaldo, que trabalha fazendo bicos em serviços gerais. Quando vê um produto finalizado, ele costuma elogiar dizendo, orgulhoso: “Amor, gostei. Faça mais”. Cida Marques faz e quer mais. Sempre confiante e animada, vislumbra um futuro melhor. “Tenho esperança que o Brasil vai melhorar”, diz. E avisa: “Porque só tô começando”.

Angerleide

Superação à base de doces e salgados

“Eu me sinto bem cozinhando. Tira a tristeza da minha mente; me concentro ali, no que estou fazendo”





No caminho da coxinha, há uma estreita estrada de barro cheia de poças. No caminho do churro, há um riacho ao lado e mais de uma dezena de fruteiras. No caminho do salgadinho de queijo, há cachorros, galinhas e um casal de patos. Convivendo entre o bucólico e o moderno, o espírito empreendedor de Maria Angerleide da Silva percorreu e estabeleceu todos esses caminhos depois de entrar pela porta do Canto Mãe Coruja de Palmares, na zona da Mata Sul de Pernambuco.

Angerleide mora na tranquila zona rural de Palmares

A história da mulher de 32 anos residente na zona rural de Palmares mistura paixão, morte, dor, família, natureza, empreendedorismo, dom e muito amor. Mãe de Allana Beatriz, hoje com 3 anos e meio, Gê, como é conhecida, se voltou com afinco para os salgadinhos e docinhos depois que o marido foi assassinado quando a filha tinha 1 ano e 5 meses de idade. Era uma noite de sexta-feira quando Alexandre Santana, então com 22 anos, foi executado jun-



to com um cunhado, quando voltavam de um jogo no bairro do Quilombo 2, e entrando para a cruel estatística de 3.434 homicídios naquele ano de 2014, em Pernambuco, segundo números do programa Pacto Pela Vida. O rapaz, que teria envolvimento com drogas, recebeu “de quatro a cinco tiros” segundo Gê. Depois da tragédia, a tristeza a envolveu.

A dor era visível em Gê. Além do semblante triste, emagreceu: passou de 53 para 48 quilos. O sofrimento não passou despercebido pelas profissionais do Canto Mãe Coruja do município, localizado a 128 km do Recife. A palmaresense havia começado a frequentar o espaço, um imóvel pequeno localizado em frente ao Mercado da Sulanca, no bairro Modelo, a partir dos três meses de gestação de Allana. No início, não achara que estava grávida e só aos três meses, após ultrassom, ficou ciente da gestação. A partir daí, foi mensalmente ao Canto, assim como centenas de outras mães e gestantes – só nos quatro primeiros meses do ano de 2016, o programa atendeu 1.953 mulheres de segunda a sexta-feira, das 7h às 17h. “Ela ganhou tudo de lá; foi enxoval, banheira”, lembra a mãe de Gê, Maria Auxiliadora, conhecida como Dora.

Mais magra e em meio às lágrimas constantes depois da morte do marido, Angerleide recebeu apoio e orientação no Canto para participar dos cursos profissionalizantes oferecidos pelo programa em parceria com a Secretaria de Micro e Pequena Empresa, Trabalho e Qualificação. Nada mau para a jovem mulher que, desde a adolescência, gostava de fazer salgadinhos para as festas da família. Na época, ela também enfrentava, além da própria dor, o sofrimento de dona Dora, que estava depressiva por causa de problemas conjugais, hoje superados. O curso de lancheteria ministrado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) caiu como uma luva para Gê. Três vezes na semana, das 13h às 17h, entre outubro e novembro de 2013, ela foi às aulas, que aprimoraram o sabor e a textura de seus salgadinhos. “Aprendi dica de como unir mais a massa do pastel de forno”, exemplifica Gê, uma das 14 mães que participaram das aulas dadas na carreta do Senai estacionada no Mercado da Sulanca, bem diante do Canto Mãe Coruja.



Só nos quatro primeiros meses de 2016, o programa atendeu 1.953 mulheres de Palmares

“Os cursos profissionalizantes são uma possibilidade de as mulheres atendidas no Mãe Coruja poderem aprender uma atividade prazerosa e que proporcione, ao mesmo tempo, a geração de emprego e renda, garantindo assim mais autoestima e sentimento de produtividade”, observam as técnicas do Canto Mãe Coruja de Palmares, Luzia Félix e Lucinery de Holanda.

O pastel do forno é apenas um dos muitos produtos que a mãe de Allana hoje faz e comercializa na casa em que mora com parte da família, nas terras do Engenho Santa Fé, localizado a cerca de 6 km do centro de Palmares. Na residência cercada de verde há pés de carambola, caju, azeitona, acerola, coco, manga, jambo, goiaba, banana, atemoia, macaxeira..., a família cria galinhas e um casal de patos, que vivem soltos pelo quintal de terra batida onde antes funcionava a casa de farinha do engenho. No local, ainda existem parte do maquinário e as marcas no chão da grande roda. O lugar é tão emblemático entre os moradores da terra – quase 75 famílias – que o avô de Gê, o guarda-chaves do trem, Severino Bezerra da Silva, é até hoje conhecido como Biu da Farinha.

Na cozinha onde convivem em harmonia micro-ondas e uma grande jarra de barro para armazenar a água, Gê fritava bolinhos de queijo coalho e churros; assa pastelões, minitortas, biscoitos, enroladinhos, bolos de rolo e queijadinhas. Tudo sob a supervisão de dona Dora: “Eu recomendo que ela não bagunce muito”; e da pequena Allana.

Os salgadinhos e docinhos já ajudam na economia da casa, onde vivem Gê, Allana, seu Biu da Farinha, dona Dora e mais uma nora e um neto dela de 8 anos. O entra e sai é constante na residência, que tem os quatro quartos e o corredor divididos por leves cortinas de pano. São parentes vindo conversar, ajudar no trato com seu Biu, que, aos 91 anos, já não anda nem enxerga – e também vizinhos e clientes de Gê. Depois do curso, ela se especializou mais na culinária e passou a vender com constância os pratos. As vendas são para os vizinhos das terras, a que se tem acesso por um pequeno caminho de barro, geralmente empoçado





por causa das chuvas. São também para encomendas na cidade de Palmares e na vizinha Joaquim Nabuco – lá, Angerleide preparou os salgadinhos da festa dos professores do colégio municipal em que estudou.

Para a vizinhança, Gê, que terminou o ensino médio, costuma vender salgadinhos todos os finais de semana. Na sala, em um móvel ao lado da estante da TV, ela expõe os quitutes em uma estufa, adquirida recentemente com o dinheiro do comércio. Costuma colocar à venda coxinhas, salgadinhos de queijo e cachorros-quentes. Em dias de jogos, nas tardes de domingo, oferece os salgadinhos no campo de futebol que tem próximo à casa, do outro lado da BR 101. Vai com a filha e uma prima, levando os alimentos em uma embalagem de

*Angerleide
descobriu uma
nova profissão
graças ao
Programa
Mãe Coruja
Pernambucana*



plástico transparente com tampa branca. Lá, fica em um banco improvisado sob uma frondosa amendoeira.

Além do lucro financeiro em torno de 120% sobre os produtos, os salgados e doces trouxeram mais paz e felicidade à viúva Gê. “Eu me sinto bem cozinhando. Tira a tristeza da minha mente; me concentro ali, no que estou fazendo”, diz a cozinheira, de touca branca na cabeça. As técnicas do Canto Mãe Coruja também atestam a mudança, lembrando como ela havia chegado desmotivada, desacreditada de si e do mundo e amedrontada diante da vida após a morte do marido. “Ela cresceu como pessoa e como profissional; e aprendeu que não está só e que, apesar dos problemas, a vida não é estática e, sim, dinâmica; que aquilo que não tem solução hoje, amanhã terá. E que só depende de nós para mudar a realida-



*Três gerações da
família da pequena
Allana*

de”, observam Luzia e Lucinery, do Canto Mãe Coruja, que a impulsionaram a persistir. “Ela encarou sem medo o desafio e foi em frente.”

Nessa caminhada, Angerleide agora planeja também se dedicar ao artesanato. Ela até já enveredou por essa trilha: mesmo não tendo feito o curso ainda, enfeita chinelos de plástico com miçangas e faz abajures e vasos tendo como base colheres de plástico que, em vídeo na internet, aprendeu a cortar da forma correta. Sim, porque a tecnologia chegou à casa de seu Biu da Farinha. Ao lado da linha férrea desativada e do riacho que corre por ali, chegam os dados nos celulares de Gê e dos parentes. Só há um detalhe: dentro de casa, o sinal só pega junto à parede da frente – problema nenhum para uma família que vive unida e que tem a natureza como companheira.

Silvana, Simone e Luclécia

Círculos contra a depressão

“Contar alivia;
colocava para fora o
que estava sentindo...
Era a que mais ia
ao Canto. Hoje estou
outra pessoa”

Simone Maria da Silva





Depressão puerperal: os sintomas são semelhantes aos da melancolia, porém mais acentuados e incluem: choro e irritabilidade, distúrbios no sono e do apetite, sentimentos de tristeza, de desesperança e de impotência que persistem. Dificuldade de criar vínculos com o bebê, incapacidade (ou falta de vontade) de tomar conta de si mesma e do bebê; esquecimento. Aversão e raiva da criança, que pode ser acompanhada por impulsos de tentar machucar ou até matar a criança.*

A definição da depressão pós-parto está em várias publicações médicas, mas as pernambucanas Silvana, Simone e Luclécia não precisaram recorrer aos livros para tomar conhecimento desse transtorno psíquico. Elas o sentiram na pele e, por algum tempo, rejeitaram seus filhos. O problema psicológico não é o único elo entre as três: todas são moradoras do Agreste de Pernambuco, deram à luz em 2014, se apoiaram mutuamente, compartilharam experiências e foram atendidas – ainda o são – pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana no município de Casinhas, a 131 km do Recife, na divisa com a Paraíba, e um dos vinte que integram a II Geres.

As histórias dessas casinhenses ainda têm mais em comum. Assim como a maioria dos 13.766 moradores do município, elas moram na zona rural de Casinhas, que tem sua economia calcada na agropecuária e que foi desmembrada há apenas 21 anos de Surubim, localizado a 15 km e 64 lombadas de distância. Todas vêm de famílias de pequenos agricultores – 87% da população mora no campo, espalhada em 35 distritos (ou sítios, como chamam). Silvana, Simone e Luclécia viviam em sítios próximos e, grávidas, conheceram o Programa Mãe Coruja Pernambucana por meio do Círculo de Educação e Cultura atuante no sítio de Vila Nova. Lá, o Círculo funciona na sede do Programa Saúde da Família e, para reunir as mães e seus filhos, as coordenadoras precisam sair pelas estradas íngremes de barro que formam a paisagem e interligam os sítios. “Se a gente ficar no Canto [Canto Mãe Coruja] o dia todo, não consegue captar mãe nenhuma”, afirma a psicopedagoga Claudenice Lourenço, uma das coordenadoras do programa em Casinhas junto com a pedagoga Carmen Lúcia Valença, que corrobora: “A realidade aqui é muito diferente: a maioria mora na zona rural e não tem feira, por exemplo, para congregar os moradores”. Em 2015, o programa atendeu 173 mães gestantes no município. Foram a chamada “busca ativa”, a consciência de uma boa gestação e a amizade que levaram as três mães ao Canto Mãe Coruja.

Primeiro veio Simone Maria da Silva, em 2013. Hoje com 28 anos, a moradora do sítio Bengalas chegou ao programa no início da segunda gravidez. Uma gestação planejada pela dona de casa e pelo vigilante, Gilson Gomes, que já eram



Acompanhada pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana, Luclécia é feliz ao lado do marido Maurício e da filha Emily

pais de Emannuela Mayara, na época, com 8 anos de idade. Apesar de desejar muito ser mãe novamente, a dona de casa entrou em depressão duas semanas depois do nascimento de Jhonatan Miguel, em março de 2014. A sensação era de desamparo e solidão. “Chorava dia e noite sem parar”, conta. Para completar: “Amamentava e sentia medo de estar só”. Recordar faz os verdes olhos de Simone se encherem de lágrimas: “Lembrar dói”, resume.

Como já havia dado à luz antes, Simone sabia que não estava bem. Assim como ela, que estudara até a oitava série, o Programa Mãe Coruja Pernambucana também observou a mudança e tratou de encaminhá-la ao psicólogo e a estimulá-la a desabafar. Simone recebeu, em casa, visitas de profissionais do Círculo de Educação e Cultura de Vila Nova duas a três vezes ao mês. A tristeza era tamanha que chegou a se mudar de casa, em busca de mais pessoas por perto. “Contar alivia; colocava para fora o que estava sentindo...”, relembra. O apoio e as conversas eram mesmo um estímulo. “Eu era a que mais vinha ao Canto. Até para sair, conversar”, explica Simone. Ela calcula que a depressão pós-parto durou cerca de um ano. Hoje, tomando antidepressivo e tendo retornado à antiga casa, afirma, feliz: “Hoje estou outra pessoa”.

As conversas de Simone mostraram à colega do Círculo de Educação e Cultura, Silvana Alves Pinheiro, 31 anos, que ela não estava sozinha. Moradora do sítio São Domingos, a também dona de casa passou por depressão profunda depois de ter o primeiro filho, Jamilson Júnior, em 2009. Naquela época, mal engravidara e o marido, Jamilson Antônio do Nascimento, 32 anos, se mudara para São Paulo à procura de trabalho como motorista. Desconhece o que a levou ao transtorno,

*Silvana caminha
com os filhos
Jamilson e Maria
Gabrielly*



mas, assim como Simone, ela se sentia só. E mais: sofrera bastante até a criança nascer, de cesariana. Como seu caso era complicado, foram quatro dias entre maternidades de Casinhas, Surubim, Caruaru – onde foi internada com eclampsia – e Recife, onde, enfim, foi operada. Durante todo esse difícil processo, ela contou com o apoio do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Mal o bebê veio ao mundo, nasceu a depressão em Silvana, ainda na sala de parto da Maternidade Barros Lima, no bairro da Encruzilhada, na capital pernambucana. “Quando vieram mostrar a criança, mandei tirar. Não queria saber dele”, diz, com sinceridade. Ela recorda que, no quarto em que ficava com outras mães, suas companheiras a orientavam a cuidar do bebê, mas as frases “entravam por um ouvido e saíam pelo outro”. “Deixava chorando; não dava de mamar.”

Silvana deixou a maternidade levando o propósito de dar o menino a alguém. Não deu. Chorava muito e se imaginava matando a criança: “Imaginava ele pendurado no mosquiteiro ou a avó espremendo ele com o cotovelo”. A família temeu que o pior acontecesse e se revezava na casa, fazendo companhia. Durante o dia, ora era a irmã, Sílvia, ora a avó, Severina. À noite, um dos primos dormia com Simone. A médica que a atendeu encaminhou-a ao psicólogo e começou o tratamento. Sem rodeios, diz que levou “quase um ano para gostar do menino”. Chegou a ir a São Paulo para que o pai conhecesse Júnior e passou sete meses por lá. Voltou, assim como o marido.

Uma vez o casal novamente em Casinhas, Silvana engravidou. Dessa vez, procurou o Programa Mãe Coruja Pernambucana – à época da primeira gestação, ainda não havia o programa no município. Foi uma fiel frequentadora das reuniões no posto do PSF de Vila Nova, que fica a cerca de 7 km da sede do município e para onde ia, animada, duas vezes por semana, caminhando quase um quilômetro entre subidas e descidas de barro e onde foi acompanhada durante todo o pré-natal de Maria Gabrielly, nascida em setembro de 2014. Com o acompanhamento próximo de profissionais da saúde e contando com as conversas semanais com as colegas do Canto Mãe Coruja, ela conseguiu não passar pelo transtorno de novo. E, se durante a gestação do filho se sentia sozinha, hoje, comemora a presença do pequeno Júnior em casa. “Faz companhia; é o homem da casa”, define ela, cujo marido só vê nos fins de semana porque, nos outros dias, ele trabalha na capital pernambucana.

Júnior foi e é figura constante nos Círculos de Educação e Cultura de Vila Nova, onde se reúnem cerca de dez mulheres regularmente. O garoto, quando não está na escola, acompanha Simone. Lá, brinca com outras crianças que também são levadas pelas mães.

Além do filho e de Maria Gabrielly, Simone levou ao Círculo a então vizinha, Luclécia Maria Ferreira da Silva, assim que a garota, então com 17 anos, engravidou. Vaidosa como geralmente são as adolescentes, Luclécia engravidou após três anos de casamento com o motorista Maurício, sete anos mais velho. A gestação não foi planejada, “mas seja o que Deus quiser”, pensou na época em que se viu grávida.

Filha e neta de agricultores – plantam feijão e milho –, a mais velha de quatro filhos de Maria de Fátima e Edmilson lembra que a gestação, acompanhada durante os nove meses pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana, foi “ótima”. Ia animada aos círculos junto com outras cinco grávidas: “Vinha de barrigão andando quase uma hora e meia”, conta, sorrindo. Se a gestação foi tranquila, o mesmo ela não diz do parto. Com batom vermelho claro nos lábios para as fotos deste livro e um sorriso tímido, Luclécia fala da dificuldade do nascimento da filha. A exemplo da amiga Simone, Luclécia passou por atendimentos hospitalares em quatro municípios entre Pernambuco e Paraíba até chegar a Caruaru, onde teve Emily em uma cesariana.

Vítima de infecção intestinal, a bebê ficou hospitalizada por cerca de dez dias. Começou ali um tormento para a mãe que, quando criança, não gostava muito de brincar de boneca. Luclécia enumera as angústias: “As dores que senti; o peito inflamado, muito tempo no hospital”. “Não aguentava dar de mamar”, lembra. Costumava também chorar muito e, entre lágrimas, ameaçava saltar da janela do quarto, no primeiro andar do hospital. Não era raro dizer: “Mainha, eu vou pular”.

A partir de visita puerperal de técnicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana, não tardou o diagnóstico: depressão. A adolescente, então, recebeu o acompanhamento de profissionais e, nove dias após o retorno à casa em que morava com a avó, a agricultora Josefa, conhecida como Rita ou Ritinha, aceitou tomar a filha pela primeira vez nos braços. Profissionais do Canto Mãe Coruja estavam no dia e registraram o encontro, que fez marejar os olhos da coordenação. Meses depois, tirou foto com a filha, sorridente. “Mas era uma risada falsa”, confessa.

Passado um ano e meio do nascimento de Emily, Luclécia conta que, com o passar dos meses, aprendeu a amar a filha. O apoio da mãe foi também fun-

A partir da visita de técnicas do programa, a adolescente recebeu o acompanhamento de profissionais



damental para a garota. Dela, ouviu a frase que nunca esqueceu: “A sua filha é tudo para você; é sua família”. Hoje, Luclécia veste a filha com roupas iguais às dela. No dia destas novas fotos, estava de *short* jeans e uma blusa de alças com estampa de oncinha, mesma padronagem da blusinha da filha. A adolescente já havia, inclusive, comprado um outro tecido, azul de bolinhas brancas, para um “macaquito” para si e outro para a filha. Também exibiu sorrisos, que classificou como verdadeiros.

Morando em uma casa erguida no terreno dos sogros, em Matinadas, distrito da vizinha cidade de Orobó, Luclécia está mais distante dos Círculos de Educação e Cultura de Vila Nova, localizada a vinte minutos de carro e quase dez reais de passagem, porém ainda vai ao local, mesmo sem tanta frequência. Quando questionada sobre a possibilidade de ter mais filhos, não titubeia: “Só daqui a dez anos; Emily vale por dez”, diz, sorrindo. Agora pretende terminar os estudos, para os quais retornou, aos 19 anos, na oitava série. E espera um futuro diferente para a filha: “Gostaria que ela estudasse, trabalhasse, viajasse”. Nos planos de viagem, sonha voos maiores – e conjuntos: “Que ela viajasse e me ligasse dizendo ‘Tô aqui e vou pegar você para passear’”.

* Trechos retirados das publicações *O que esperar quando você está esperando* e *Psiquiatria básica*

*Três amigas unidas
pelo Programa
Mãe Coruja
Pernambucana*

Márcia

Uma valente
na paisagem
sertaneja

“O Mãe Coruja foi muito importante, ajudou com o *kit* do bebê, com as palestras...Agora, quero trabalhar, arrumar um meio de vida”





“Ó que estrada mais comprida, ó que légua tão tirana...” O trecho da música de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira bem poderia definir os muitos caminhos que compõem Carnaíba, cidade sertaneja do também compositor Zé Dantas, um dos principais parceiros de seu Lua. Localizada no chamado Alto Sertão do Pajeú pernambucano e distante 417 km do Recife, Carnaíba se espalha por mais de 427 km² compostos principalmente de vegetação do semiárido e de chão de terra batida marrom, onde vivem menos de 20 mil pessoas, uma densidade populacional de fazer inveja à capital do Estado, somente 43,42 habitantes/km² – Recife tem mais de 7 mil habitantes/km² em uma área que é metade do município sertanejo. E é percorrendo 17 km em uma dessas estradas de barro praticamente desertas que se chega a Márcia Muniz, uma aguerrida mãe, desempregada, agricultora e presidente da Associação dos Agricultores do Sítio Lagoa Caroá.

Não, Márcia Muniz não é sertaneja, apesar de todo o cenário descrito. Nem tampouco pernambucana. Afinal, não precisa ter nascido e se criado em um dos muitos sertões brasileiros para ser valente. “A gente tem que se virar nos trinta”, resume a paulista Márcia, ainda com o sotaque que evidencia seu êxodo incomum de sair do centro econômico do País para se embrenhar pelo sertão que faz a divisa entre Pernambuco e Paraíba. E para uma das cidades cujo IDH é de 0,583, considerado muito baixo, enquanto o município em que nasceu e viveu por muitos anos, Osasco, ostenta um índice alto, de 0,776.

A mudança não parece haver causado estranheza à paulista Márcia. Com o ensino médio completo, trabalhava como assistente administrativa quando, junto com o marido, um carnaibano do povoado de Lagoa do Caroá, decidiu tomar o rumo para o sertão, em 2008. Nessa época, o casal já tinha Larissa, nascida em 2002 – hoje a garota tem 14 anos e, com um leve retardo mental, estudou somente até a sétima série e ajuda a mãe em casa. Sempre corajosa, Márcia permaneceu na comunidade quando o casamento chegou ao fim e, como costuma dizer, se “virou nos trinta”. Trabalhou em uma fábrica de polpa de fruta – hoje fechada –, casou-se novamente, virou agricultora e foi escolhida presidente da Associação dos Agricultores de Sítio Lagoa do Caroá.

Todos os rumos de Márcia frutificaram. Do segundo casamento, nasceu Michelly, em novembro de 2015. A gestação foi uma surpresa para ela e até para o médico que a acompanhava. Quando a menstruação atrasou, ouviu simplesmente do profissional que era a “menopausa”, que teria chegado já aos 41 anos. Mas, com cinco meses, a gestação foi, enfim, confirmada. A partir daí, a mulher magra de ar dinâmico passou a frequentar o Canto Mãe Coruja localizado na Secretaria de Saúde de Carnaíba, no centro da cidade.



*Márcia Muniz
trocou São Paulo
pelo sertão
pernambucano*

O município é um dos cinco atendidos pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana no Alto Pajeú – os outros são Iguaracy, Itapetim, Santa Terezinha e Solidão. Todos coordenados pela X Geres, que compreende mais sete municípios. “O critério de escolha foi epidemiológico. Além disso, esses eram os municípios onde, de acordo com estudo regional feito pela Secretaria de Saúde, havia maior taxa de mortalidade infantil, igual ou superior a 25 óbitos por mil crianças nascidas vivas por ano”, explica Wilson Rodrigues, coordenador do programa na X Geres. Desde que o programa chegou à região, em 2010, a taxa de mortalidade caiu, em alguns municípios, como Itapetim e Iguaracy, para menos de 14 óbitos por mil crianças nascidas vivas por ano de acordo com números de 2011, e foram assistidas 3.803 mulheres e 3.660 crianças. “O Mãe Coruja foi muito importante, ajudou com o kit do bebê, com as palestras... afinal, depois de treze anos, a gente ‘estranha’ a gravidez”, diz, bem-humorada, Márcia, que, durante a gestação, recebeu orientações sobre gestação, amamentação e cuidados com a criança, entre outros temas tratados pelo Canto Mãe Coruja, tanto em palestras com várias mães quanto em conversas individuais com as técnicas do programa.

Natural do município vizinho de Afogados da Ingazeira, onde fica a sede da X Geres, Michelly foi um dos 152 bebês nascidos em 2016 e assistidos pelo programa. Com perímetro encefálico de 31 cm, a recém-nascida entrou na lista de casos suspeitos de microcefalia notificados pelo Estado de Pernambuco. A notificação segue o parâmetro utilizado pelo Ministério de Saúde, desde março de 2016, que coloca o perímetro encefálico inferior ou igual a 31,5 cm para meninas como de risco. Aos 6 meses de idade, no entanto, a bebê, cuja aparência não aponta para a microcefalia, não tinha ainda passado por todos os protocolos necessários para entrar na lista de suspeita descartada. A demora nos exames deixou a mãe irritada. Além da incerteza sobre a saúde da filha, Márcia reclamou dos gastos com o transporte. Morando distante, cada viagem para consulta em Serra Talhada lhe sai caro – nas últimas semanas, ela calcula haver gastado cerca de 400 reais com viagens.



A articulação com os setores da saúde e as várias secretarias é um dos desafios do Canto Mãe Coruja. “A gente busca que as políticas públicas aconteçam porque, às vezes, não acontecem”, desabafa a psicóloga Emanuella Genésio, uma das técnicas de monitoramento e avaliação do Programa Mãe Coruja Pernambucana em Carnaíba, e que tem mais da metade das mais de 1.200 mulheres cadastradas desde 2010 morando na extensa zona rural do município – são mais quatro povoados (ou sítios) afora Lagoa do Caroá.

*Maria Clara e
Maria Débora
também são
acompanhadas
pelo Mãe Coruja*



Outro fruto germinado por Márcia Muniz foi sua atuação como agricultora e sua força para lutar pela vila onde mora, que reúne mais de cem famílias. O caminho até o local é uma estrada de barro na qual pouco se vê movimento, ladeada de plantações que, no mês de maio de 2016, se encontravam verdes, apesar do baixo índice pluviométrico da região. Na principal rua do sítio, onde ainda se pode encontrar um carro de boi circulando, senhoras e senhores debulham o feijão verde no mormaço da tarde.

Em uma das extremidades da rua, no alto, fica a casinha modesta de Márcia, em um terreno de 1,2 hectare. Na frente, uma varanda de cimento batido onde repousa uma das seis enxadas da família. Sob a sombra de uma catanduva, encontramos a agricultora sentada conversando com a vizinha de sítio Rejane de Souza. Em cadeiras de balanço de ferro com tiras de plástico, elas compõem uma paisagem familiar, rodeadas pelas meninas (as duas da paulista: Larissa, 14 anos e Michelly, 6 meses; e as três da pernambucana: Maria Clara, 4 anos; Maria Débora, 2; e Maria Cecília, de 9 meses). Ao lado delas, galinhas e os cinco vira-latas que Márcia cria, todos devidamente com nome: Tataco, Tião, Titica, Sereia e Rebeca.

À frente da Associação de Agricultores da Lagoa Caroa desde 2012, Márcia leva as demandas da comunidade junto ao IPA. As reuniões da associação acontecem sempre nas tardes de domingo, das 14h às 16h, na Escola Martiniano Martins, na vila. Nessas horas, Márcia busca a calma. “Lidar com o ser humano é preciso paciência”, ensina ela, contando que, nesse tempo, as maiores conquistas foram cisternas instaladas no vilarejo, favorecendo muitas famílias. Agora sua principal reivindicação é a construção de um poço. Afirmo presidir a associação porque não tem ninguém para fazê-lo, mas que planeja permanecer no cargo somente até março de 2017.





A paulista tem muito para fazer em sua vida pessoal: precisa cuidar das filhas e das plantações de feijão e de milho que possui ao lado da casa, tarefas em que conta com a ajuda do pai de Michelly, de quem se separou. Também quer levar adiante a ampliação da cozinha e a construção de um quarto para as meninas – a obra já começou e acontece ao lado da residência. Vivendo com recursos do Bolsa Família, quer ir além do plantio e dos afazeres de casa. “Quero trabalhar, arrumar um meio de vida”, se determina. Afinal, “tem que se virar nos trinta”.

*Márcia com as
filhas Larissa e
Michelly*

Missileide, Carla e Vânia

Artesanato
para enfeitar
o futuro

“Se não fossem
as meninas
(do Programa
Mãe Coruja
Pernambucana)
aqui, não tinha
futuro”

Geissa Carla





Que pode uma boneca de pano, um par de chinelos com *strass*, ou mesmo um tic-tac com laços? São com objetos assim, de ingênua beleza, que três mães sertanejas se tornaram empreendedoras. Moradoras do Alto Pajeú, no Sertão de Pernambuco, Missileide, Geissa Carla e Vânia têm a mesma faixa etária – entre 25 e 30 anos – e, diferente de muitas mulheres da região, começaram a, literalmente, “enfeitar” o presente com trabalhos artesanais em busca de um futuro mais abundante. Com bonecas de pano, chinelos de borracha customizados e enfeites para cabelo e para a casa, esse trio quer ganhar dinheiro e melhorar economicamente a vida de suas famílias, moradoras das cidades de Itapetim e de Iguaracy. A distância de quase 100 km entre os dois municípios tem como elo entre as mulheres o Programa Mãe Coruja Pernambucana, que atua na região e no qual as sertanejas alinhavam os pontos do empreendedorismo. Foi em cursos promovidos pelo programa que elas começaram a fazer trabalhos manuais e, a partir daí, a vender seus produtos.

“O curso é muito importante porque elas podem se profissionalizar”, afirma a professora Genézia Dayanna, uma das técnicas de monitoramento do Canto Mãe Coruja de Itapetim, município distante 423 km da capital de Pernambuco, cuja economia é baseada principalmente na agricultura e pecuária e onde não há uma agência de trabalho. No Canto Mãe Coruja, que chegou ao município em 2010 e hoje ocupa um simpático imóvel com vitral colorido na parede da frente, no centro da cidade, 33 mães participaram dos cursos de bonecas e de brinquedos reciclados ministrados pelo Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (Sest/Senat) ano passado.

Mãe de Isabela, 11 anos; Mariana, 10; e Letícia, 5, e grávida de Noemi, Missileide Limeira da Silva, 28 anos, foi das 20 que foram às aulas para confecção de bonecas de pano ainda em 2014. A partir do curso, ministrado nas tardes de maio e junho, a filha de agricultores que nunca havia tido remuneração, começou a ganhar dinheiro.

“Eu só sabia fazer crochê. Mas, com o incentivo do curso, aprendi a fazer boneca e comecei a vender”, fala a sorridente Missileide, que, até então, tinha a família totalmente sustentada pelo marido, o entregador Eudivan de Almeida, 30 anos. As primeiras bonecas, no entanto, foram para deleite da família: grávida, fez as três primeiras, que medem em torno de 30 centímetros de comprimento, para enfeitar a parede do quarto da pequena Noemi. “Achei fácil; é feito





tudo na mão”, resume ela. Depois de decorar o quarto, tratou de produzir para fora. Levou as bonecas seguintes na loja de calçados de uma prima para vender e começou a receber os primeiros reais de lucro.

A produção de Missileide é realizada à tarde, na ampla cozinha da casa localizada na Vila Miguel Arraes, na entrada de Itapetim. O horário é o mais tranquilo do dia, depois que as quatro meninas almoçam e se dedicam às tarefas escolares. Sim, porque Missileide é uma danada na organização: criou um cronograma de tarefas para as filhas, que pregou na parede da cozinha, e um “Canto da Tarefa” – com esse nome mesmo fixado sobre um pano colorido –, no qual as meninas estudam. Com o lucro das bonecas, ela já realizou compras. “É bom ganhar o próprio dinheiro; não ficar só dependendo do marido. Porque, por exemplo, o marido dá um dinheiro e, se for dar um presente pra ele, é ele pagando, né?”,

Bonecas de pano, feitas por Missileide, já fazem sucesso em Itapetim

raciocina. Por falar em presentes, a artesã comprou, com seu próprio dinheiro, calçados novos para toda a família no fim de 2015. Missileide, que comemora também a aquisição da pistola de cola quente para a feitura dos objetos, sonha agora abrir um armarinho com suas próprias produções.

Separadas por 91 km de Missileide, Vania Alexandre da Silva, de 26 anos, e a amiga Geissa Carla da Silva Xavier, 27, têm praticamente o mesmo sonho. Amigas, nascidas e criadas na pouco povoada Iguaracy – população estimada em pouco mais de 12 mil habitantes em uma área que chega a mais de 838 km² –, Vânia e Carla, como é mais conhecida, buscam no artesanato um futuro com mais recursos. A construção desse desejo veio a partir das idas aos Círculos de Educação e Cultura realizados no Canto Mãe Coruja instalado em uma rua tranquila atrás da Igreja Matriz do município. Casadas, mães de filhos únicos e fazendo “bicos” como babá e faxineira, as amigas começaram a frequentar o espaço a partir da gravidez. Primeiro foi Carla, que teve o simpático Gabriel em 2012. Depois, veio Vania, grávida de Anny Eyloá, nascida no ano seguinte.

Durante as gestações e, principalmente depois, elas fizeram do Canto Mãe Coruja um espaço frequente de aprendizado. “Todo dia a gente se encontra aqui”, diz, sorrindo, Carla. O local também tem uma parceria forte com o IPA, que garante frutos para os lanches diários das mães e crianças que frequentam os Círculos de Educação e Cultura. A comida é farta no local. No dia da nossa conversa, havia quilos de polpa de fruta, inhame, melão, macaxeira, batata-doce, melancia e verduras.

“O Círculo é uma forma de empoderar a família”, atesta Wilson Rodrigues, coordenador regional do Programa Mãe Coruja Pernambucana no Alto Pajeú. As palavras dele são alicerçadas: afora as orientações, uma vez por semana, são ministradas aulas de artesanato para as mães. “Além da aprendizagem e do conhecimento, elas podem criar uma renda”, observa a educadora do Canto Mãe Coruja de Iguaracy, Elânia Santino da Silva que, prendada, tomou para si o ensino do artesanato às mães cadastradas no programa. Já ensinou a transformar

Durante as gestações e, principalmente depois, elas fizeram do Canto Mãe Coruja um espaço frequente de aprendizado



*Arte de fazer
bonecas de pano
transformou a vida
de Vânia*

embalagens de leite em bolsas; vidros de azeite e copos de extrato de tomate em vasos; garrafas PET em porta-bijutérias... “Tudo o que aprendo na internet ensino aqui; fazer artesanato é uma terapia.”

Repassar o conhecimento parece ser mesmo o lema do Canto Mãe Coruja de Iguaracy. “Eu gosto de tudo, desde o momento que a gente senta e faz nossas atividades. Passando conhecimento uma para outra. Porque não adianta aprender e o conhecimento ficar parado”, atesta Carla, que praticamente vai todos os dias ao Canto. Lá, ela fez também curso, dado pelo Sest/Senat, de reaproveitamento de alimentos e de customização de chinelos e de roupas. Um ponto ressaltado pela mãe sobre o curso é a gratuidade: “Só aprender sem ter que gastar já é uma maravilha!”.

Morando a cinco casas do Canto, Vânia vai quase toda semana até lá. “Só não venho quando tenho preguiça”, admite, mas completa: “Gosto das jornadas porque aprendo mais e mais”. Com o programa, realizou o curso de customização de chinelos, que define como seu “novo amor”. Tomou tanto gosto pelo ofício que chegou a ministrar aula para as mães do programa Leite de Todos, da prefeitura do município. “Fiquei feliz por passar essa experiência para as mães, que fizeram *pros* seus filhos.”

Ainda produziu e vendeu alguns pares, porém não foi adiante porque não teve mais recurso para adquirir o material necessário: “Aqui as coisas são mais caras”, reclama.

Apesar das dificuldades financeiras, Vânia sonha em montar um negócio próprio para comercializar os chinelos – até lá, expõe no seu perfil em rede social. Carla também quer o mesmo, tanto que, quando faz um produto, tira a foto e põe o produto à venda na internet, no seu perfil na rede social. “Se não fossem as meninas [do Programa Mãe Coruja Pernambucana], aqui não tinha futuro”, diz Carla, humildemente. “A aula de artesanato é um diferencial e um incentivo como fonte de renda porque não há muito emprego no interior”, observa a enfermeira Bruna Almeida, uma das técnicas do Canto Mãe Coruja.





Vânia com a filha
Anny Eyloá

Mazé

Nasce uma bem-sucedida manicure

“Os cursos proporcionam às mães não ficarem dependentes financeiramente. Se não fosse o Mãe Coruja aqui...”





Primeiro, vieram, na infância, os desenhos de florezinhas e casinhas nos cadernos escolares; na adolescência, o desejo de cursar arquitetura; depois, as pinturas de ursinhos e de crianças nos panos e toalhinhas da filha. Desses traços, da noção de estética e de um curso organizado pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana, nasceu a empreendedora Mazé, apelido da sertaneja Maria José Rodrigues, moradora da pequena e tranquila cidade de Dormentes, localizada a 649 km de Recife, no extremo oeste de Pernambuco, limite com o Estado do Piauí. Aos 27 anos e mãe de Heloíse, de 5 anos, tornou-se uma bem-sucedida manicure e hoje é dona de equipado salão de beleza dedicado principalmente aos cuidados e à pintura das unhas dos pés e das mãos.

O ofício de manicure foi sendo construído cliente a cliente, plano a plano, depois que Mazé, no fim de 2011, realizou o curso de manicure promovido pelo Canto Mãe Coruja de Dormentes. Com as aulas, ministradas em um salão de beleza no chamado centro velho, Mazé vislumbrou uma profissão. “Eu vi que eu tinha o dom [de manicure]”, afirma. Na época, Heloíse tinha 1 ano e, para ir ao curso, Mazé deixava a filha com a mãe, a agricultora Maria do Socorro, 47 anos, que mora com ela, na residência também localizada no centro novo.

O curso no salão de beleza foi o quarto feito por Mazé desde que se cadastrou no Programa Mãe Coruja Pernambucana, que tem seu Canto Mãe Coruja instalado a apenas um quarteirão da casa dela. Mazé procurou o programa logo no primeiro mês de uma gestação planejada por ela e pelo marido, o agente de endemias Alfredo Novais da Silva, 38 anos. Ainda grávida, participou de aulas de torta e de decoração de bolo no próprio Canto Mãe Coruja. Com Heloíse ainda bebê, realizou mais um curso e aprendeu a fazer fuxico. “Eu ficava procurando se tinha uma identificação com uma dessas ocupações”, recorda. Essa identificação aconteceu quando passou a cuidar e pintar unhas. Não que ela já não fizesse isso, mas só para as primas e parentes. Também lembra de, na infância, já brincar com o esmalte da mãe, quando ainda morava no sítio Maxixeiro, a cerca de 9 km da residência na cidade e onde os pais plantavam milho e feijão e criavam ovelha e galinha. Mudou-se para a área urbana com a mãe aos 10 anos, depois que o pai, Venâncio Miguel, morreu vítima de câncer aos 38 anos.

Filha única e com a mãe vivendo da pensão e da roça, Mazé sempre almejou uma profissão. Completou o ensino médio e sonhava ser arquiteta. “Mas nem em Petrolina tem arquitetura...”, lamenta, referindo-se à cidade polo da região, que congrega uma população estimada de mais de 330 mil habitantes e que fica a cerca de 150 km de distância de Dormentes. O desejo de projetar e desenhar imóveis e ambientes foi adaptado à realidade e, aos poucos, ela começou a de-



senhar sua nova realidade. Durante a gravidez, desenhou e pintou os panos do berço e as toalhas de Heloíse, que receberam também bico feito pela avó, em um trabalho a quatro mãos. Sentindo-se segura com as aulas de manicure, começou a atender clientes em um canto da sala da casa.

Era início de 2012 e, naquela época, calcula haver investido cerca de 250 reais na aquisição dos primeiros materiais para o trabalho: comprou alicate, espátula, esmaltes, cadeira e uma caixa para colocar os esmaltes. No início, atendia cerca de cinco clientes por semana. Organizada e focada em prosperar, Mazé foi, pouco a pouco, estruturando o salão que ergueu no canto es-

*Por intermédio
do Programa
Mãe Coruja
Pernambucana,
Mazé encontrou
sua vocação*



*Mazé, em seu
salão, onde as
fotos da filha
Heloise ganham
lugar de destaque*



querdo do jardim da casa, com porta de vidro transparente para a calçada. Para ampliar o negócio, pegou parte de um empréstimo tomado pelo sítio da mãe e começou a obra. Passados quatro anos, o espaço, que tem ar-condicionado, oferece até wi-fi gratuitamente para a clientela. E se, no início, no canto da sala, atendia cerca de cinco pessoas por semana, hoje, a média é em torno de vinte. Todas devidamente agendadas. O horário é marcado muitas vezes por aplicativo de mensagens do celular, mas ela também mantém páginas em redes sociais.

Com o salão, que está prestes a ganhar a placa de Belíssima Designer, Mazé praticamente não tem mais tempo para aulas. “Recebi convites para mais cursos no Canto Mãe Coruja, mas não tinha mais tempo”, diz. Ela, no entanto, avalia que as aulas foram importantes. “Se não fosse o Mãe Coruja aqui [em Dormentes], não tinha como fazer em Petrolina porque seria muita despesa”, admite ela. Dona Socorro é só elogios à iniciativa da filha: “Foi bom; ela não tinha outro trabalho”, diz, comentando que a filha hoje contribui nas finanças da casa. Observação parecida é feita pela enfermeira Karla Sá, técnica do Canto Mãe Coruja e uma das clientes de Mazé. “Os cursos proporcionam às mães não ficar dependente financeiramente”, diz. Ela chama também a atenção pelo orgulho das participantes: “A gente vê a satisfação delas fazendo os trabalhos”.

A satisfação e o orgulho de Mazé são notórios com o salão: na camiseta polo que vestia, trazia estampada no peito a logomarca do salão. O espaço, porém, não se resume só ao serviço de manicure: ela também lava, hidrata e seca cabelos. E mais: uma vez por mês, o salão recebe uma especialista em *design* de sobrancelha e uma cabeleireira. O movimento, claro, é maior próximo ao fim de semana e em vésperas de grandes festas na cidade, que tem uma população estimada de pouco mais de 18 mil habitantes. Para o Caprino Show, exposição de caprinos e ovinos no pátio de eventos da cidade, com *shows* gratuitos de estrelas da música nacional, em maio de 2016, ela não teve direito ao descanso dominical como de costume: começou a atender no sábado anterior, trabalhou no domingo e seguiu assim, das 6h até quase 21h, até o sábado do evento. Ela, porém, não lamenta o serviço maior em épocas festivas nem tampouco deixa de se divertir: “Só vou

Durante a gravidez, Mazé desenhou e pintou os panos do berço e as toalhas de Heloíse

cansada”. Afinal, é o sucesso do empreendimento que está garantindo um faturamento mensal bem satisfatório. “Graças a Deus, o salão tem dado muito certo”, festeja o marido, responsável por apanhar a filha na escola na maioria dos dias enquanto a esposa está fazendo unhas.

Apesar da falta de tempo, Mazé quer ampliar sua atuação e pretende frequentar cursos de cabeleireiro, sobrancelha e limpeza de pele. “Pretendo viver de estética”, diz a dormentense de olhos cor de mel. Enquanto não participa de novas aulas, trata de enveredar ainda mais pelas unhas. Ela mesma pinta desenhos em películas para adornar as unhas das clientes. São flores brancas, amarelas, rosinhas, borboletas, lacinhos, corações... Desenhos que ela também fazia quando criança e que lembram os que pintou para os lençóis da filha. Heloíse parece seguir os passos da mãe e gosta de desenhar, além, claro, de passear na bicicleta cor-de-rosa na calçada da quadra poliesportiva perto da casa e de brincar com a *poodle* Belinha. Também curte o salão da mãe. “Gosto de ver pintando a unha, quero aprender”, afirma. Para logo avisar: “Mas quando crescer quero ser veterinária!”. E sai correndo.





*Com o apoio da
família e do Mãe
Coruja, Mazé vem
transformando
sonhos em
realidade*

Cezicleide

Sonhos que
nascem com
os filhos

“A gente se sente bem lá (no Programa Mãe Coruja Pernambucana); aprende coisa que não sabe sobre a gravidez, sobre doença que a gente não sabe”





Sonhos megalomaniacos não pertencem à miúda Cezicleide, mas projetos possíveis integram os desejos cotidianos da sertaneja de Cabrobó, a 531 km da capital pernambucana. Com uma deficiência física que a deixou com apenas 1,30 m de altura, a mãe de Jhennyffer Gleicyele, de 3 anos, sonha seguir morando junto à menina e à mãe na cidade sertaneja vizinha à Bahia, “trabalhar em casa de família” e acompanhar a educação e o futuro da filha. Às vésperas de completar trinta anos, Cezicleide também espera retomar os estudos, interrompidos há quase uma década.

Mas falar de sonhos com a tímida Cezicleide não é fácil. Inicialmente, ela se resigna em dizer que os seus sonhos se resumem a cuidar e dar estudo à filha: “Meu futuro quero ver nela. Porque acho que já não tenho mais futuro porque parei de estudar”. Impactante, a frase não passa despercebida pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana. O programa tem incentivado constantemente a sertaneja a participar do projeto Educação de Jovens e Adultos. “Já estou vendo a matrícula dela e de outras mães”, conta a pedagoga Maria Zuleide da Silva, uma das professoras dos Círculos de Educação e Cultura do Canto Mãe Coruja. No município desde 2009, o programa funciona em uma ampla casa de esquina em uma das vias principais da cidade, a 11 de Setembro.

Os círculos têm sido um ponto de convivência e de aprendizagem para Cezicleide, que só chegou ao Canto Mãe Coruja no oitavo mês de gestação. A partir dos três meses do nascimento de Jhennyffer Gleicyele, ela passou a frequentar os encontros com assiduidade. Nas tardes das segundas e quartas-feiras, Cezicleide deixa a filha na creche e vai ao Círculo de Educação e Cultura, que funciona das 13h às 18h no Cras localizado na rua paralela à casa em que mora na Vila Projetada do bairro da Subestação. Lá, recebe orientações sobre assuntos da maternidade, da mulher e de assistência social. “A gente se sente bem lá; aprende coisa que não sabe, sobre a gravidez, sobre doença que a gente não sabe”, diz. A professora Zuleide atesta sua participação: “Ela é bastante participativa; não é faltosa”.

No Programa Mãe Coruja Pernambucana, Cezicleide seguiu além das palestras. Participou de cursos de empreendedorismo de bonecas de pano, enfeites de emborrachados e preparação de sucos. Os enfeites podem ser vistos espalhados pelo quarto dela e da filha e também na sala, na estante da TV junto a uma escultura dos santos Cosme e Damião. São bonecas, um pintinho e um aparador de porta em forma de caracol. Em um vaso de vidro branco, está um buquê de flores emborrachadas, confeccionado durante as aulas. Não se arriscou a produzir mais após a aula: “A fôrma é muito cara”, justifica.

Dentre os cursos realizados, o de preferência dela foi o de preparação de sucos. Das aulas, faz, para os almoços da família, suco de couve, limão e cenoura. Ajudando a mãe, a agricultora Leoniza Alves, 54 anos, com o trabalho de casa, Cezicleide diz curtir as tarefas domésticas, seja na arrumação ou na cozinha, e conta fazer muito bem peixe torrado e baião de dois. Nessa hora, ela deixa escapar o sonho de ser empregada doméstica. “Queria trabalhar em casa de família porque gosto de arrumar casa e de cozinhar”, diz ela, que, por causa do problema no corpo, recebe há cerca de uma década o Benefício de Prestação Continuada de Assistência Social (BPC), do Governo Federal.

A deficiência física – cifose acentuada da coluna vertebral – Cezicleide encara com naturalidade. “Sempre encarei de frente. Se foi uma coisa que Deus deu, é porque quis”, afirma, contando que nunca fizeram brincadeiras com ela na escola

Além de cuidar da filha, Cleide adora cozinhar



A família e o Programa Mãe Coruja Pernambucana ajudaram Cleide a ser uma mãe melhor



Cezicleide participou de cursos de bonecas de pano, enfeites de emborrachados e preparação de sucos

ainda hoje se confunde com os nomes dos oito filhos, todos nascidos de parto normal. Afora Genivaldo e Cenilton, que fogem à regra, os demais são “Cezi”: Cezivaldo, Cezinaldo, Cezimar, Cezineide e Cezinildo, além de Cezicleide.

Mesmo tímida, Cleide é a vaidade em pessoa. Para qualquer saída de casa, seja para deixar a filha na creche ou participar dos Círculos de Educação e Cultura, só vai maquiada. O estojo de maquiagem é trocado a cada três meses. Para o dia, delineador nos olhos, sombra e batom claro ou *gloss* nos lábios. “*Blush* só para a noite porque, de dia, o calor atrapalha”, ensina. Também tem os longos cabelos pretos na chapinha, que faz todo dia, principalmente na franja, que coloca para o lado esquerdo. A vaidade é tanta que até já rendeu uma piada entre os familiares: “Ela vai morrer maquiada” (risos).

A pintura no rosto, claro, fica mais caprichada em dias de festa ou eventos à noite. Nessas ocasiões, Cleide também maquia as amigas. Animada, Cleide confessa: “Gosto de sair. E muito”. A mãe dela é sabedora disso. Tanto que, apesar de preferir morar na roça, mantém a residência na pequena rua de casas simples porque a filha prefere a cidade: “Gosto mais daqui porque tem pra onde sair”, justifica Cleide. Um dos programas da jovem mulher foi ver o revezamento da Tocha Olímpica, que passou por Cabrobó e foi carregada por 18 participantes, no final da manhã de 27 de maio. Quando não tem muito passeio, a opção é ficar sentada com as amigas da rua em frente à casa pintada de um azul pálido. Em cadeiras de plástico sob um fícus, Cleide e as amigas conversam e observam o movimento da rua de terra onde as filhas brincam livremente.

ou na rua. A deficiência de Cezicleide é única na família formada por Leoniza e pelo também agricultor José Givaldo da Silva, 67 anos. Dona Leoniza, que costuma ainda ir para a roça de cebola e feijão onde ganha por diária, conta que a gestação foi sem intercorrência e o parto normal, e que a caçula das filhas mulheres começou a apresentar a deformidade por volta dos 6 anos. “Mamãe conta que eu, bebezinha, tinha caído da cama”, arrisca Cezicleide, a “Cleide”. Sim, porque ela integra uma família de “Cezis”: “Coisa do pai”, conta, rindo, a mãe, que

Quando tem tempo, Cleide também navega pela rede social. “Mais à tarde, quando não vou ao Círculo e Jhennyffer está na creche”, comenta, sob o olhar reprovador da mãe. “Tem hora que me falta paciência para isso!”, desabafa dona Leoniza. Cleide nem liga para a reclamação materna, mas ela, sim, anda impaciente com a Justiça, onde move processo de reconhecimento de paternidade da sua filha junto a Wilson Lima Gomes. Ela conta haver namorado



dois meses com ele, que é de Juazeiro do Norte (CE) e que, como vendedor de crediário, trabalhava em Cabrobó. Quando engravidou, ela diz que o namorado aceitou a gestação, porém foi se afastando aos poucos. Em fevereiro de 2013, Jhenyffer veio ao mundo, em uma cesariana, no Hospital Dom Malan, em Petrolina, distante quase 200 km de sua cidade. Saudável, a filha recebeu leite do peito da mãe até os 3 anos.



Regivânia

Comércio doce
em comunidade
quilombola

“O Cozinha Brasil
foi o meu preferido
porque foi o começo
de tudo. Agora,
quero outros cursos,
de confeitaria e de
salgados”





Regivânia Torquato dos Santos integra várias estatísticas sociais brasileiras. Sertaneja, mãe adolescente, quilombola. Mãe coruja. A jovem moradora do município de Santa Maria da Boa Vista, na região do Sertão do São Francisco, perto da divisa com a Bahia, abre um sorriso largo junto à animada família da Comunidade Quilombola Inhanhum e declara que, apesar de não haver planejado a gravidez, foi a pequena Sofia, hoje com menos de 2 anos, que lhe abriu os caminhos das receitas, panelas, doces e empreendedorismo. “Sem ela, não teria conhecido nada”, afirma, categórica, a iniciante no empreendedorismo que a desviou da trilha do trabalho na roça da família.

A roça na família Torquato vem de séculos e remonta à miscigenação de escravos, índios e brancos no sertão pernambucano cortado pelo Rio São Francisco. No chão de cascalho do imenso município da Boa Vista, como os moradores Santa Maria da Boa Vista chamam a cidade, ou nas ilhas do grande rio, há plantações variadas, seja de legumes, verduras ou frutas. Regivânia tem pais, irmãos e marido trabalhando nos roçados. Até hoje, Luzinete, 52 anos, e Raimundo, 56, pais dela, vão plantar e colher. Seja “em Pernambuco” – como definem o local que fica no solo do continente –, seja “na ilha”. No caso, a ilha é Missão Velha, localizada a cerca de 200 m da casa dos pais de Regivânia. Para chegar lá, o caminho entre a residência simples na Comunidade Quilombola Inannhum é abrindo porteiras de outros produtores, adentrando um alto bananal entremeado por pés de graviola e laranja, até alcançar os dois botes estacionados à beira do rio, sob a sombra de uma frondosa ingazeira. Mais 100 m rio adentro, e se chega a mais plantações de banana, arroz, feijão, melão, cebola, batata e coentro.

Nesse cenário bucólico, Regivânia participou do processo casa-escola-roçado também vendendo, pelas ruas de Boa Vista, de porta em porta, o coentro colhido pela família. Para fincar ainda mais os pés na terra, começou a namorar um agricultor. Engravidou de Maria Sofia no relacionamento com Romário Carvalho Mateus, quatro anos mais velho e morador da também boa-vistense Cupira, uma das 42 outras comunidades quilombolas do sertão pernambucano. Como tantas outras jovens que integram o percentual de 12% das brasileiras que se tornaram mães entre 15 de 19 anos, ela parou os estudos – cursou até meados do ensino médio.



*Regivânia, uma
cozinheira de
“mão cheia”*



Começou, então, a trilhar outros caminhos, a partir da gestação. Pegava o caminho de altos e baixos de cascalhos ladeado por plantações, bodes e até porquinhos no meio da estrada para chegar a Boa Vista, onde, no centro, comparecia mensalmente ao Canto Mãe Coruja. Lá, recebeu orientações sobre a gravidez, prevenção e “muitos papezinhos e livros” sobre assuntos relativos à saúde, família e maternidade.

Depois do nascimento de Sofia, que veio ao mundo em um parto normal, Regivânia seguiu frequentando o Canto e passou a participar de todos os cursos oferecidos pelo espaço. O primeiro foi o Cozinha Brasil: “Foi o meu preferido porque foi o começo de tudo”, conta animada. Depois, vieram uma oficina de prepara-



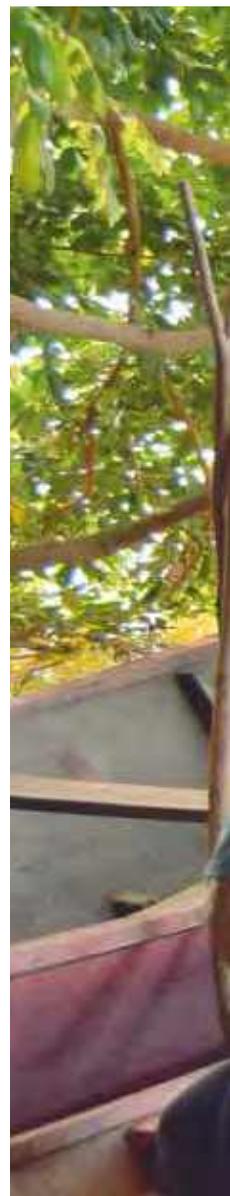


*Família
Torquato vem da
miscigenação
de escravos, índios
e brancos no sertão
pernambucano*

ção de sucos e uma de doces artesanais – todos devidamente certificados. Nas aulas de doces, aprendeu a fazer trufas de chocolate em aula dada pela colega Nice. “Ela foi fazendo e eu observando...” Da observação, nasceram, das suas mãos, várias trufas que começou a fabricar em 2015 e a vender pela comunidade quilombola. Todas de chocolate, mas com recheios variados: coco, brigadeiro, maracujá... Já chegou a vender 80 unidades em um mês, a preços que variam de 1,25 a 2 reais, dependendo do tamanho do bombom. Comercializa na escola da comunidade – fez propaganda entre os alunos – e na vizinhança, formada por cerca de 50 famílias. O dinheiro é usado para comprar novamente o material e tem um lucro de 40%. Como precisa da geladeira para endurecer o doce, prefere fazê-lo na casa dos pais. “A geladeira lá de casa não *tá* muito bem”, diz ela, que se divide entre a casa dos Torquato e a casinha com o marido, em Cupira.

“Os cursos são uma forma de desenvolver habilidades para as mães, e elas perceberem que têm potencial e que são capazes de fazer o mesmo que outras que já sabem. É também uma forma de ingresso no mercado e de não ficar na dependência”, observa a professora e psicopedagoga Silvana de Alencar Cruz, técnica do Canto Mãe Coruja de Santa Maria da Boa Vista. Lizete, a mãe de Regivânia, é só orgulho da filha, a penúltima de sete. “Era o que mais desejava para ela: que participasse dos cursos”, afirma a mãe, que já recebeu na comunidade aulas de bordado; tanto que um pano com flores vermelhas adorna o som instalado na sala. Dona Lizete também vende cocada, pipoca e bombons entre os vizinhos enquanto se reveza com os afazeres da casa e da roça. O apurado das vendas – tanto da mãe quanto da filha – fica em um pequeno vasilhame sobre uma das geladeiras da residência. Apesar de a cozinha ser espaçosa, a cocada é feita no quintal, ao fundo, em um grande fogão a lenha, pegada por seu Raimundo nos matos perto. Lá também é cozido o feijão: “Para manear com o bujão”, explica seu Raimundo.

As trufas de Regivânia são feitas preferencialmente à noite, quando ela já colocou a filha para dormir. Trabalhar com o doce, diz, permite um cuidado maior com a filha, que com 1 ano e 9 meses, ainda mama. “Vou parar a amamentação quando ela fizer 2 anos”, avisa a mãe, sorrindo. “Em casa, a gente vê o que o filho *tá* fazendo, pode cuidar mais”, observa ela, que costumava levar a criança ainda bebê para a roça. Enquanto aguava a plantação, deixava a filha sentada sobre as palhas da bananeira. “Ela ficava tirando todas as flores”, conta, sorrindo.





Sem planos próximos de futuros filhos: “Deus me livre!”, Regivânia exclama rápido quando questionada sobre essa possibilidade, para emendar com: “Só quando essa aqui crescer”, referindo-se a Sofia em seu colo. Regivânia quer, sim, mais aulas: “Queria outros cursos, de confeitaria e de salgados”, afirma, sonhando com o dia em que poderá usar as fôrmas já compradas para assar “rabinho de tatu”, como o salgadinho canudinho é conhecido na região.

*Os Torquatos
mantêm uma roça
na ilha Missão
Velha, no meio do
Rio São Francisco*

Maria Auxiliadora

Primeiro, o
susto, depois,
a vitória

“A esperança
reacendeu quando
procurei o Mãe
Coruja em Boa Vista
porque escutei que
lá ajudavam no
encaminhamento
médico... Hoje estou
feliz demais”





Os apoios da família e do Programa Mãe Coruja Pernambucana têm sido fundamentais para Auxiliadora

Auxiliadora nunca tinha ouvido a palavra, tampouco sabia seu significado. Que dirá, então, das consequências? Mas, desde julho de 2015, quando realizou uma ultrassonografia morfológica, o termo “hidrocefalia” entrou na sua vida e ganhou forma, olhos, sorriso e muito amor com o nascimento de Ítalo Bernardo dois meses depois. Hoje, a expressão virou corriqueira na vida da agricultora Maria Auxiliadora Adriano Barros, 34 anos, e de toda a família dela, residente em uma das 47 agrovilas do Projeto Fulgêncio, erguido nos confins da extensa zona rural do município de Santa Maria da Boa Vista, no sertão pernambucano do São Francisco, vizinho ao Estado da Bahia. Do total desconhecimento sobre a doença à dor e ao desespero da ameaça de uma gravidez interrompida e do risco de morte do filho, ela comemora os 8 meses do menino, que pouco se mexe e passa grande parte do tempo nos braços da mãe. Uma vitória da vida para quem recebeu um prognóstico de quem “não teria noção nem de respirar nem de comer”.

“Hoje estou feliz demais. Muito feliz”, festeja Auxiliadora. A gestação foi toda de sobressaltos para a pernambucana que foi para Boa Vista com os pais e irmãos na década de 1980, da cidade vizinha de Belém de São Francisco. A mudança para a agrovila de número 42 aconteceu depois que o roçado onde moravam foi desapropriado para a construção da barragem de Itaparica, forçando o deslocamento de quase 45 mil pessoas de sete municípios de Pernambuco e Bahia. Casada com o também agricultor Francisco Barros, o Tico, e com já três filhos, Auxi, como é chamada, confessa que a gravidez pegou a todos de surpresa. “Pobre é difícil planejar”, justifica.

A gestação foi confirmada na 21ª semana, em ultrassonografia realizada após ela ir ao posto do PSF do projeto agrícola e ser encaminhada para exame na sede de Santa Maria da Boa Vista, queixando-se de atraso na menstruação e dor “no pé da barriga”. Mais espanto ainda ela teve quando, ao ser constatada a gravidez, foi solicitada uma nova ultrassonografia mais detalhada, a morfológica. Realizado em Petrolina, o exame constatou o problema no feto: hidrocefalia. “Não sabia o que era; nunca tinha ouvido falar”, lembra. Perguntou, então, se era algo grave e ouviu um “muito grave” como resposta. Veio na lotação chorando os quase 60 km do caminho de volta.

O assombro diante do termo médico para designar o acúmulo excessivo de líquido dentro do crânio, causando aumento da pressão no cérebro, só fez aumentar em nova visita ao posto do PSF localizado na agrovila 43. Lá, ouviu que o filho não resistiria: “Ele não vai ter noção de respirar, nem de comer. O caso é muito grave e ele não vai sobreviver”, lembra a mãe. No PSF mesmo, foi orien-







tada a interromper a gravidez, que estava na 22ª semana, e recebeu o encaminhamento para o procedimento, que seria em Petrolina. Retornou “sem chão” à casa de dois quartos onde mora com o marido e filhos. “A notícia de um aborto tirou todas as esperanças”, recorda. Chorou bastante e chegou a sonhar com várias crianças deficientes e se perguntava: “Qual tipo de deficiência meu filho tem?”. Nesse período, começou um novo processo, de desapego – se antes toda a família alisava a barriga, a ordem ali era se distanciar, para não sofrer – e também não fez o pré-natal nem tomou as vitaminas necessárias.

Já em Petrolina, a esperança reacendeu quando o obstetra solicitou a opinião de um segundo médico. Nesse momento, Auxiliadora procurou o Programa Mãe Coruja Pernambucana em Boa Vista porque escutara que “elas ajudavam no encaminhamento médico”. E ajudaram. Em nova consulta, ouviu, na cidade polo econômico da região, que o filho teria chance de sobreviver e que havia tratamento para a hidrocefalia, com cirurgia para implantação de válvulas na cabeça para escoar o excesso de líquido. Saiu da consulta com uma cesariana programada para a 38ª semana. “Foi um alívio ouvir tudo aquilo!”, lembra, emocionada. Nesse momento, tratou de comprar umas mudas de roupa para o filho, uma toalhinha... afinal, já estava com quase 34 semanas. Nessa contagem regressiva para o parto, voltou ao PSF da agrovila e, novamente, ouviu do médico que, sim, a interrupção da gravidez seria necessária. Na 35ª semana, voltou ao Hospital Dom Malan, em Petrolina, e, após algumas horas de indecisão, foi feito o parto. Ítalo Bernardo nasceu com 3,04 kg de peso, 45 cm de altura e perímetro cefálico de 42,5 cm. Não só respirou como se alimentou, mamando. Ficou na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) por 24 dias, quando passou pela primeira cirurgia, para a colocação de um dreno visando a escoar o excesso de líquido, que é eliminado pela bexiga.

De lá para cá, foram realizadas mais duas cirurgias em Bernardo, todas envolvendo as válvulas, colocadas internamente na cabeça e com um longo “cano” que passa pelo abdome até a bexiga. Recém-nascido, ele mamou até os 2 meses (apesar de todos os esforços) e hoje se alimenta, entre outras coisas, de banana e verduras machucadas e de uma mistura de leite e cereal próprios para bebês, na mamadeira. O bebê é assistido por fisioterapeuta e nutricionista em Boa Vista e por neurocirurgião e pediatra em Petrolina. Cada ida a um dos profissionais é um verdadeiro périplo. Afinal,

Auxiliadora tem outros três filhos: Fernanda, Gustavo e Hilary





de onde mora até Boa Vista são 60 km, e boa parte deles em estrada de barro; para Petrolina, são mais 120 km – o que implica em sair às 4h da manhã com o marido levando-os de motocicleta em estrada de barro até o povoado de Caraíbas, onde pegam a lotação. Um problema vivido por muitas das mães corujas da região: quase 70% delas vivem na zona rural de Santa Maria da Boa Vista. Desses trajetos, Auxi volta extenuada porque, na moto, leva o filho suspenso, além de sacola e da sombrinha para proteger do sol nas ruas até o hospital. Para ajudar nos gastos, principalmente com fraldas, desde os 7 meses de idade Bernardo recebe benefício do Governo Federal.

Para a retirada do benefício e os encaminhamentos médicos, Auxi contou com ajuda e orientação do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Com os cuidados intenso com o caçula, hoje, raramente visita o programa: “É muito difícil sair”. Ela divide os afazeres domésticos com a filha mais velha, Fernanda, 15 anos. Pela manhã, Auxiliadora e Fernanda se revezam entre os cuidados com Bernardo e o serviço da casa, à tarde, Fernanda vai para a escola onde estuda o segundo ano do ensino médio e tem planos de cursar faculdade de Ciências Contábeis. Os outros dois filhos – Gustavo, 9; e Hilary (achou o nome de Hillary Clinton bonito), 7 – estudam pela manhã, respectivamente, na quinta e segunda séries do ensino fundamental. Quando retornam da escola, correm para junto do irmão, que observa tudo movendo os olhos sem mexer a cabeça e fica sonolento grande parte do tempo, uma das características da doença.

Apesar da familiaridade já adquirida com a hidrocefalia, os irmãos gostariam de conhecer outras pessoas com a doença, desejosos de que Bernardo “corra logo”, como conta a mãe. Entre as quase 8 mil crianças cadastradas no Programa Mãe Coruja Pernambucana atendidas pela VIII Geres, na qual Boa Vista está inserida, há o registro de uma outra criança com o problema. O menino vive no povoado quilombola de Serrote, a cerca de 80 km da agrovila 42, já está com 6 anos e mostrou uma boa evolução, convivendo com o dreno e frequentando a escola regular.

Muitas vezes, Auxiliadora, que cursou o ensino médio e também trabalhava na roça com o marido, fica com Bernardo no alpendre diante da casa, coberto com palha de coqueiro. Lá, conversa com as cunhadas e vê a movimentação no amplo quintal onde há pés de manga, limão, acerola, pinha, laranja e goiaba. No espaço, podem ser vistos também galinhas, um porco, a cabra





Carol e o burro Canário, responsável por puxar a carroça que leva Tico para o roçado de meio hectare onde ele hoje planta banana pacovan. Uma montanha de tijolos também ocupa uma parte do quintal. A meta é fazer uma outra casa, que não seja tão perto da estrada que dá acesso à agrovila para que não suba tanta poeira e prejudique o pequeno Ítalo Bernardo. Vindo para almoçar em casa entre os dois turnos na plantação, o pai é amoroso com o filho. “Ele dá muita risada”, conta, orgulhoso, ele, que é responsável por, durante a noite, quando os demais filhos dormem, preparar a mamadeira para o caçula: “Oxi, tem que ajeitar!”.

Auxiliadora e toda a família reside em uma das 47 agrovilas do Projeto Fulgência

Inês

Cinco encontros afetivos

“Se não fosse esse suporte... Sei não... Talvez eu não tivesse hoje o sorriso dela”





Nos últimos oito anos, a história da, hoje, pedagoga Inês Maria dos Santos, nascida e criada em Parnamirim, no sertão central de Pernambuco, confunde-se com a do Programa Mãe Coruja Pernambucana no município. Nesse período, a vida de Inês sofreu profundas transformações, alternando momentos tristes e felizes. Mas, toda vez que o caminho dela parecia ficar mais difícil, ela cruzava com o programa. Foram cinco encontros que ajudaram a tornar os momentos bons maiores do que os mais complicados.

O primeiro encontro com o Programa Mãe Coruja Pernambucana aconteceu, muito provavelmente, no momento mais difícil para Inês, quando ela perdeu Maria Rita, a primeira filha, que morreu poucos dias depois de nascer. Os impactos do episódio foram tão profundos que ela tem dificuldades de lembrar dos detalhes. “Apagou muita coisa da memória.”

Inês nasceu e foi criada em Parnamirim, sertão de Pernambuco



Era o ano de 2008, o Programa Mãe Coruja Pernambucana ainda estava em fase de implantação em Parnamirim, quando Inês teve uma pré-eclâmpsia. Chegou a ser internada no Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), no Recife. Mas os cuidados não foram suficientes e a criança acabou morrendo.

A volta para casa não foi fácil. Destroçada por dentro, Inês acabou entrando em depressão. “Era muito triste ver o quarto dela todo arrumado e vazio.” Sentia que havia entrado em um beco sem saída quando foi procurada pela equipe do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Mesmo sem estar grávida ou ter filhos, Inês foi convidada e aceitou participar dos cursos que passaram a ser ministrados pelo programa no município.

Além do conteúdo ministrado nos cursos, foram as conversas, a troca de experiências e a afetividade que encontrou no ambiente do Canto Mãe Coruja que atraíram Inês. Sentindo-se acolhida, ela foi ficando e curando as feridas. Novos caminhos começavam a se abrir. Ela estava preparada para o segundo encontro com o Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Foi quando, em 2009, engravidou novamente. Mais uma vez de uma menina. Dessa vez, porém, a gestação teve o acompanhamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana. “Tive todo o apoio e deu tudo certo.” Maria Clara nasceu saudável, cercada de cuidados e amor. E assim continuou, com mãe e filha sendo assistidas pelo programa.

Em 2010, ela teve seu terceiro encontro com o Programa Mãe Coruja Pernambucana. Mais uma vez, quando ela precisava. Só que, dessa vez, Inês não estava grávida. A mãe de Maria Clara foi contratada para ensinar nos Ciclos de Educação e Cultura. Uma experiência rica, tanto do ponto de vista profissional quanto pessoal, que a levou por outros caminhos. Assim, motivada com o novo trabalho, Inês voltou a estudar, entrou e concluiu o curso de Pedagogia.

A experiência como professora dos Círculos de Educação e Cultura durou seis anos (que é o tempo permitido pela legislação para esse tipo de vínculo profissio-







*O Canto Mãe
Coruja é como
uma segunda casa
para Inês*

nal). Mas foi tempo suficiente para marcar profundamente a vida de Inês. “Com as alunas, o acolhimento foi tão profundo que viramos uma família”, explica ao afirmar que a maioria dos vínculos construídos no período ainda são mantidos até hoje.

O quarto encontro de Inês com o Programa Mãe Coruja Pernambucana aconteceu em 2013 e tem nome: Maria Paula. A gestação também foi acompanhada desde o início pelo programa. O curioso é que, dessa vez, Inês experimentou os dois lados do processo, como mãe e como parte da equipe. O parto, em Ouricuri, foi tranquilo e, até hoje, Maria Paula segue sendo cuidada pelo programa.

Já no final de novembro de 2015, uma “simples” catapora em Maria Clara, a filha mais velha, quase causa uma nova tragédia na vida da família de Inês. Por conta da doença, a menina teve infecções causadas por uma bactéria resistente, que chegou a paralisar seus rins, com o quadro evoluindo para o coma. Precisou ser atendida no hospital de Ouricuri, cidade que fica a cerca de 60 km de Parnamirim.

Mesmo em Ouricuri, a coisa não caminhava bem. Foi quando entrou no circuito a equipe do Programa Mãe Coruja Pernambucana para auxiliar nos encaminhamentos, na articulação entre as instituições de saúde, na organização do transporte para levar ao hospital mais adequado para receber o caso de Maria Clara e, não menos importante, no apoio afetivo.

Mesmo assim, a batalha foi dura. Maria Clara foi transferida para Caruaru. Passou Natal e Ano Novo internada. Ficou 22 dias na UTI, depois mais 14 dias na pediatria (ainda em Caruaru) e outros 10 dias já de volta no hospital de Ouricuri. Hoje, ainda faz acompanhamento mensal no Hospital Barão de Lucena, no Recife, também com o apoio do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Na opinião de Inês, a atuação do programa foi fundamental para salvar a vida da filha. “Se não fosse esse suporte... Sei não... Talvez eu não tivesse hoje o sorriso dela.” Inês também faz questão de ressaltar o apoio que teve da família. A mãe, por exemplo, ficou com Maria Paula, a filha caçula, durante todo esse tempo difícil.



A experiência
como professora
dos Círculos
de Educação e
Cultura marcou
profundamente a
vida de Inês



O episódio com Maria Clara serviu para aproximar ainda mais Inês do marido, que, na época, também passava por um momento pessoal complicado, já que estava desempregado. “A gente conhece as pessoas nos momentos difíceis. E ele foi companheiro. Enquanto pai, foi excelente”, lembra.

Hoje, com as filhas bem de saúde e o marido empregado (trabalha nas obras de transposição do Rio São Francisco), Inês agradece o fato de o Programa Mãe Coruja Pernambucana ter surgido na sua vida. “Para mim, isso aqui é uma família.”

*Maria Clara é uma
aluna dedicada*

Maria de Lurdes

A felicidade entre sonhos e festas

“Eu faço qualquer coisa para não deixar que falte nada para meus filhos. No futuro, eu vou ensinar o que aprendi no Mãe Coruja para a minha filha”





O aniversário de 5 anos de Gustavo Araújo Lima fez o maior sucesso entre os amigos e familiares que moram em Trindade, no Sertão do Araripe, em Pernambuco. Os convidados ficaram impressionados com a qualidade dos enfeites, o capricho na decoração, o sabor dos docinhos e, principalmente, o sabor do bolo. A alegria do aniversariante só não era maior do que a da mãe, Maria de Lurdes. Afinal, foi ela quem preparou tudo com as próprias mãos.

Maria de Lurdes descobriu o talento para organizar festas infantis há pouco tempo. Tudo começou justamente quando engravidou de Gustavo. Isso porque, durante a gestação, ela se cadastrou no Programa Mãe Coruja Pernambucana e passou a ser acompanhada pelas “meninas”, como chama carinhosamente as técnicas que trabalham no programa.

O carinho com as “meninas” do Canto Mãe Coruja se justifica. Embora tenha se cadastrado apenas na gravidez, Lurdes já trabalhava há dois anos no programa, cedida pela Secretaria de Saúde do município, à qual era vinculada. Começou como auxiliar de serviços gerais e continua hoje como recepcionista.

Curiosa e dedicada, Maria de Lurdes entrou em todos os cursos profissionalizantes oferecidos regularmente pelo programa na cidade. Aprendeu, entre outras coisas, a trabalhar com bijuterias, customização de roupas e a fazer arte com feltro e emborrachado.

As novas habilidades vieram em boa hora. Aos 38 anos, com dois filhos (além de Gustavo, ela é mãe de Tayná, de 10 anos) e com o marido, Márcio José, desempregado, Lurdes teve que assumir mais efetivamente as despesas da casa. A renda extra, fundamental para complementar o orçamento doméstico, veio das encomendas para as festas infantis.

Além da decoração, Lurdes faz os docinhos. Habilidosa nos trabalhos manuais, ela também tem se mostrado competente nos “negócios”. Assim, os pedidos têm crescido e ela já anda até se queixando que tem faltado tempo para dar conta das encomendas. A reclamação sobre a quantidade de trabalho, porém, é feita com um visível tom de orgulho. “Eu faço qualquer coisa para não deixar que falte nada para meus filhos. No futuro, eu vou ensinar o que aprendi no Mãe Coruja para a minha filha”, complementa.

Mas a importância no Programa Mãe Coruja Pernambucana na vida de Maria de Lurdes não foi apenas material. O programa também teve papel fundamental no lado afetivo, psicológico e, até mesmo, cidadão da jovem mãe. A certeza disso vem quando ela compara as suas duas gestações. Entre a primeira, há cerca de dez anos, quando nasceu Tayná, e essa última de Gusta-



*Lurdes
trabalhando em
casa, e ao lado
das “meninas” do
Canto Mãe Coruja*



vo, muita coisa mudou. Para melhor, segundo ela. “Na primeira, tinha muitas dúvidas. Na segunda, recebi toda a orientação.”

Lurdes conta que as orientações se estendiam até o plano pessoal, quando necessário. “As meninas perguntam como está a vida em casa, a relação com o marido, essas coisas. No meu caso, elas chegaram até a chamar Márcio, com quem estou casada há oito anos, para conversar e orientar. Elas explicaram que a mulher fica mais sensível quando está grávida.”

Depois da conversa no Canto Mãe Coruja, Lurdes garante que a relação conjugal ficou muito melhor. “Márcio passou a ser mais atencioso, a dar mais carinho. Ele passou a entender melhor como a gravidez funciona e interfere na sensibilidade das mulheres.”

Para ela, a ajuda do programa foi marcante até na hora de buscar os seus direitos e informações básicas, ainda que mesmo em uma simples consulta médica. “Antes [do Programa Mãe Coruja Pernambucana] era como se a gente não enxergasse direito. Eu não tinha coragem de fazer perguntas. As enfermeiras também não explicavam. As meninas [técnicas do Canto Mãe Coruja] orientaram, disseram quais perguntas eu deveria fazer.”

Agora com 5 anos, Gustavo está chegando na idade limite para continuar cadastrado no programa e Lurdes diz que já está começando a sentir saudades. Mas a experiência de participar do Programa Mãe Coruja Pernambucana, tanto como mãe quanto como profissional, também ajudou Lurdes a se conhecer melhor e a traçar novos objetivos na vida. Na verdade, uma coisa está relacionada com a outra.

Lurdes já fala no futuro: “Descobri que tenho um dom, que é ajudar as pessoas”. Por isso, ela traçou um plano muito claro para a sua vida: “Vou ser assistente social. Assim que Márcio arrumar um emprego, entro na faculdade”.

Para Lurdes, a ajuda do Programa Mãe Coruja Pernambucana foi marcante





Maria Givaneide

A arte de
superar
obstáculos

“Através da cultura,
as crianças vão
crescer com um
pensamento mais
rico e longe dos
problemas”





Quem vê Maria Givaneide sorrindo, cantando e dançando coco não imagina os percalços que passou na vida. Essa arcoverdense de 34 anos poderia ser uma mulher triste e amarga. Mas, contrariando as adversidades, ela escolheu a alegria representada na música e na cultura de seus ancestrais. Dessa forma, vive de bem com o marido, Anderson, e as filhas, Maysa Rhaiana e Ana Lilian, cercada de amigos e satisfeita com o que faz.

Só que nem sempre foi assim. “Vivia chorando pelos cantos”, lembra com ar pesaroso, para depois soltar uma bela risada. Dois fatores foram decisivos para transformar aquela Givaneide triste, “estressada com a vida”, como costumava dizer, na mãe e esposa alegre. Um foi o encontro, ainda adolescente, com o samba de coco. O outro foi a descoberta, anos depois, quando estava grávida, do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Por sorte, as duas coisas surgiram quando ela mais precisava. Coco e Mãe Coruja complementaram-se. Um potencializou o outro e, juntos, mudaram a vida de Givaneide e das pessoas que a cercam. Mas, antes de contar essa metamorfose, é preciso conhecer o início da história.

Givaneide com a filha caçula, Ana Lilian

Givaneide nasceu em uma família de pequenos agricultores em Arcoverde, sertão pernambucano. Na infância, compartilhou com sete irmãos uma vida de privações, um pai pouco afetivo, violento até, e uma mãe batalhadora e dedicada aos filhos. Se quase não cita o pai, da mãe fala o tempo todo, e com orgulho. De dona Terezinha dos Anjos herdou o amor pelo samba de coco, a garra para superar obstáculos e um boa dose de bom humor.

O primeiro grande obstáculo surgiu quando ainda tinha 4 anos de idade. Em uma simples brincadeira de roda na escola, ao lado da irmã, caiu e teve o braço esquerdo deslocado. Como não teve atendimento médico imediato (só foi atendida dias depois, quando a família percebeu que a coisa era mais grave do que imaginavam), acabou ficando, de forma definitiva, com os movimentos seriamente limitados.

Pouco depois disso, mais um desafio. Por volta dos 6 anos de idade, enquanto os irmãos e vizinhos brincavam correndo de um lado para o outro, a menina, que ainda se adaptava à limitação dos movimentos do braço, teve que passar cerca de três anos dentro de casa, sem poder andar, por conta de uma febre reumática.

Com o tempo, recuperou a mobilidade das pernas, mas não a sorte. Aos 10 anos, novamente na escola, foi atingida por uma “pedra” de giz arremessada por um colega. O objeto a acertou bem no olho e, em consequência disso, Givaneide perdeu a visão esquerda. Assim, a menina triste começou a se re-



*Sede do centenário
grupo Samba de
Coco das Irmãs
Lopes*



trair mais ainda na sua timidez. Aos 16 anos, caminhava para uma depressão quando, seguindo os passos da mãe, passou a fazer parte do centenário grupo Samba de Coco das Irmãs Lopes.

A partir desse momento, um novo mundo se abriu. À medida que “se soltava”, Givaneide espantava a tristeza e descobria um sentido para a vida. Passou a ter convivência social e, mais segura e desinibida, conheceu Anderson da Silva Monteiro, primeiro namorado e atual marido. As coisas estavam, evidentemente, melhores para Givaneide. Mas uma agitação interna, algo que ela não



sabe explicar direito e define com “estresse com a vida”, ainda a incomodava.

Foi quando, há sete anos, Givaneide engravidou. Ao fazer o pré-natal, conheceu o Programa Mãe Coruja Pernambucana e, de cara, foi participar do Círculo de Cultura e Educação. Foi outro salto de qualidade na vida da nova mamãe. Quando Maysa nasceu, encontrou uma mãe bem mais preparada para o desafio que se apresentava.

Cerca de três anos depois, uma nova gravidez. Só que, dessa vez, as coisas foram mais complicadas. Durante a gestação de Ana Lílian, veio a notícia devastadora da morte de dona Terezinha. A pancada foi grande. Grávida, com o marido desempregado e sem a mãe, Givaneide não resistiu e acabou entrando em depressão.

A força para “sair do fundo do poço” Givaneide encontrou no Programa Mãe Coruja Pernambucana e nos laços afetivos construídos com as profissionais e com as outras participantes. Além do Ciclo de Cultura e Educação, ela participou dos cursos profissionalizantes oferecidos pelo programa. Descobriu algumas habilidades que nem sabia que possuía.

Aprendeu a fazer velas, bolos e a usar esses conhecimentos para melhorar sua vida familiar. Aos poucos, voltou a sorrir.

No embalo da recuperação, ganhou ânimo para estudar. Concluiu o Magistério e já está inscrita no Enem. Quer cursar Pedagogia para exercitar o que ela acredita que é um dom seu: “trabalhar com crianças”. Enquanto as aulas na faculdade não vêm, ela vai exercitando sua habilidade com as crianças como pode. Um exemplo disso foi quando ela juntou duas de suas paixões e organizou a Ciranda do Mãe Coruja com os filhos das participantes do programa.





Com a Ciranda Mãe Coruja, Givaneide teve oportunidade de dividir com outras pessoas a experiência positiva que teve ao unir a afetividade do programa com as tradições culturais. Ela acredita que: “Através da cultura, as crianças vão crescer com um pensamento mais rico e longe dos problemas”.

Um exemplo de como a cultura tem uma importância central para a vida de Givaneide está no local em que ela passa grande parte do tempo. No Samba de Coco Irmã Lopes ela se sente realizada e, como também acontece no Canto Mãe Coruja, acolhida. Tem uma relação de mãe e filha com a Mestre Severina, responsável pelo grupo. Graças às muitas apresentações, feitas principalmente nos períodos juninos e natalinos, conheceu o Recife e outras tantas cidades pelo Nordeste. Já participou até da gravação de um CD, o *Anda a roda*, lançado em 2014.

No mesmo local em que fica a sede do Samba de Coco Irmã Lopes funciona também o Museu Ivo Lopes. A instituição, mantida com muita dedicação por Mestre Severina, preserva a centenária história da dança de coco em Arcoverde, levada à cidade pela família Lopes. Mas também existe uma outra história escondida ali. Muito dos elementos que ajudaram Givaneide a formar sua personalidade estão nas paredes do museu; são as dezenas de objetos, instrumentos e imagens – inclusive fotos de sua mãe, Terezinha, que mostra com orgulho. Por isso, é fácil entender quando ela diz que pertence àquele lugar.

O samba de coco fez Givaneide se descobrir socialmente, entender sua história e a que mundo pertence, trazendo alegria e abrindo horizontes. O Programa Mãe Coruja Pernambucana, por sua vez, a fez se descobrir como mulher, compartilhar suas histórias e a olhar para dentro, para a família. Trouxe paz à alegria.

A melhora na qualidade de vida de Givaneide e da família, claro, foi notada e comemorada pelo marido, Anderson, que, segundo ela faz questão de destacar, foi um grande companheiro nos momentos difíceis. Ele ficou tão satisfeito com o Programa Mãe Coruja Pernambucana que até defende a criação do “Pai Coruja”. Mas, para ele, “a patroa feliz é o que importa”.

*No Samba de
Coco Irmã Lopes,
Givaneide se sente
realizada*

Elis

Uma história de amor e dedicação

“A mãe tem que ser fonoaudióloga, fisioterapeuta. Tem que estar presente o tempo todo”





Foto: Leônia Carvalho

Quem chega na casa de Antônia Elislândia para visitar a pequena Elaine, na sertaneja cidade de Parnamirim, irá encontrar uma típica mamãe coruja. O tratamento de “princesinha”, o capricho nas roupas e enfeites e, principalmente, o brilho nos olhos ao falar da filhinha de 7 meses mostram o quanto aquele bebê é querido. No celular, dezenas de fotos (a maioria ao lado do carinhoso papai Osvaldo) e vídeos com as pequenas conquistas diárias – como uma virada na cama ou o esboço de um sorriso – são mostradas aos visitantes com orgulho.

Tanto orgulho dos pais por coisas aparentemente triviais para qualquer bebê tem explicação. Elaine foi a primeira criança nascida em Parnamirim diagnosticada com microcefalia relacionada à infecção da mãe pelo zika vírus. Assim, cada uma dessas pequenas conquistas vem acompanhada de muito esforço, dedicação e, claro, amor da família.

Cada pequena conquista vem acompanhada de muito esforço, dedicação e amor

A rotina de Elaine é puxada. Ela faz fisioterapia (semanalmente com um profissional e, diariamente, com a mãe), fonoaudiologia e consultas a cada dois meses em Petrolina, que fica a 185 km de distância. Isso fora os tantos outros cuidados comuns a todos os bebês. Embora ainda mame, o que é muito bom, ela já complementa a alimentação com frutas e papinhas. Geralmente acorda durante a madrugada e, na maioria das vezes, chorando muito. Não é incomum trocar o dia pela noite.

Para dar conta de um dia a dia tão puxado, Elis, como Antônia Elislândia é chamada pelos mais próximos, parou de trabalhar. Formada em Letras, ela dava aula até engravidar. “A mãe tem que ser fonoaudióloga, fisioterapeuta. Tem que estar presente o tempo todo.” Agora, as despesas da casa, que por sinal aumentaram, ficam por conta apenas de Osvaldo. Muito provavelmente Elaine terá direito a um benefício por conta da sua condição, e o orçamento doméstico voltará a se equilibrar.

Nesse vai e vem de salas de espera e consultas médicas, de informações que precisam ser buscadas e decisões a serem tomadas surgem muitas dúvidas e, em alguns momentos, bate certa insegurança. É aí que entra outro personagem importante na história de Elaine, Elis e Osvaldo: o Programa Mãe Coruja Pernambucana. “É um apoio muito importante. Sempre que tenho uma dúvida, ligo para elas. Me sinto mais segura”, fala Elis, referindo-se à equipe do Canto Mãe Coruja de Parnamirim.

O programa também ajuda na busca por profissionais e especialistas adequados para o caso de Elaine, ou para a própria Elis. “As meninas [equipe do Canto Mãe Coruja] já me perguntaram se eu queria um psicólogo. Eu disse que não pre-



Foto: Leônia Carvalho





Foto: Leônia Carvalho

cisava. Eu estou bem. Não preciso de psicólogo. Na época, eu disse a elas que queria mesmo era um fisioterapeuta para Elaine”, lembra.

A participação de Osvaldo, como marido e como pai, tem sido muito importante desde o início do processo. Elaine nasceu no dia 29 de novembro de 2015 e confirmou o diagnóstico, já esperado desde os cinco meses de gestação após um dos exames do pré-natal. Apesar de, naquele momento, ainda haver alguma dúvida sobre a possibilidade da microcefalia, a notícia acabou sendo um baque para Elis. “Chorei muito. Mas Osvaldo sempre se manteve tranquilo, dando força.”

Foi a primeira vez que Elis ouviu falar em microcefalia. O assunto estava começando a entrar em evidência no Brasil e ela mergulhou na internet em busca de informações. A relação com o vírus da zika, doença que ela teve entre os três e quatro meses de gestação, veio depois. “Só fui ouvir falar de zika perto do parto.”

À medida que os exames iam confirmando as suspeitas iniciais, Elis e Osvaldo passavam a entender melhor o desafio que teriam pela frente. O tempo preparava e fortalecia o casal.

Fora o fato de ter tido zika, a gestação seguiu sem outras complicações. Elaine nasceu de parto normal na Maternidade Mãe Coruja, que fica na vizinha cidade de Ouricuri. “Chegamos às 4h30. Às 5h ela nasceu”, lembra com emoção, do dia que mudou completamente sua vida.

Sete meses depois, Elis fala e se porta como uma mulher forte, bem resolvida com a vida. Basta um primeiro encontro com ela, seguido de alguns minutos de conversa, para perceber que Elaine tornou a mãe e o pai, além de corujas, pessoas ainda melhores.

Osvaldo, como marido e como pai, tem sido muito importante desde o início do processo

COMITÊ DE ACESSORAMENTO

Ana Elizabeth de Andrade Lima
Coordenadora do Programa Mãe Coruja
Pernambucana e
Diretora de Políticas Estratégicas do
Programa Mãe Coruja Pernambucana
Secretaria de Saúde

Alessandra Debone de Sousa
Secretaria de Saúde

Ana Maria de Lima Oliveira
Secretaria de Saúde

Cristina Pinheiro Rodrigues
Secretaria de Saúde

Eveline D'Andrada Cruz
Secretaria de Saúde

Keduly Vieira Gadelha
Secretaria de Saúde

Lusanira Maria da Fonseca de Santa Cruz
Secretaria de Saúde

Maria da Conceição Silva Cardozo
Secretaria de Saúde

Marta Cristina Santos Wanderley
Secretaria de Saúde

Tânia Maria de Andrade Lima
Secretaria de Saúde

Virgínia Maria Holanda de Moura
Secretaria de Saúde

Rita de Kássia Pontes Silva
Secretaria de Educação

Bernadeth de L. Gondim
Secretaria de Desenvolvimento Social,
Criança e Juventude

Maria Adélia Gonçalves
Secretaria de Desenvolvimento Social,
Criança e Juventude

Wedja Santana da Silva
Superintendência de Segurança Alimentar
e Nutricional
Secretaria de Desenvolvimento Social,
Criança e Juventude

Lúcia Helena Dias F. da Costa
Secretaria de Micro e Pequena Empresa,
Trabalho e Qualificação

Hélida Campos Pereira Lima
Secretaria de Planejamento e Gestão

Maria Cecília Cabral
Secretaria de Planejamento e Gestão

Lia Veras
Secretaria da Mulher

Daniel Saboya Paes Barreto
Instituto Agronômico de Pernambuco
Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária

Edivânia Vidal
Programa do Leite
Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária

Daniëlle de Belli Claudino
Gabinete do Governador

GERÊNCIA DE MONITORAMENTO DO PROGRAMA MÃE CORUJA

Virgínia Maria Holanda de Moura
Gerente de Monitoramento do Programa
Mãe Coruja Pernambucana

Alessandra Debone de Sousa
Coordenadora de Acompanhamento do
Programa Mãe Coruja Pernambucana

Ana Maria de Lima Oliveira
Coordenadora de Acompanhamento do
Programa Mãe Coruja Pernambucana

Eveline D'Andrada Cruz
Coordenadora Técnica do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres

Keduly Vieira Gadelha
Coordenadora de Ações Intersetoriais

COORDENAÇÕES TÉCNICAS DE SAÚDE DAS REGIÕES DE SAÚDE - Geres

Keduly Vieira Gadelha
Coordenadora de Ações Intersetoriais
I Regional de Saúde - Geres

Valmir Correia de Melo
Coordenador Técnico de Saúde do Programa
Mãe Coruja Pernambucana das Geres
II e XII Regional de Saúde - Geres

Jozelma Maria Araújo Silva
Coordenadora Técnica do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres
III Regional de Saúde - Geres

Catarina Souza Almeida
Coordenadora Técnica do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres
IV Regional de Saúde - Geres

Izeni Teixeira Pimentel
Coordenadora Técnica do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres
V Regional de Saúde - Geres

Raquel Neposiano da Silva Lima
Coordenadora Técnica do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres
VI Regional de Saúde - Geres

Maria Helena de Sousa Leite
Coordenadora Técnica do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres
VII Regional de Saúde - Geres

Angélica Mayumi Eguchi
Coordenadora Técnica do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres
VIII Regional de Saúde - Geres

Leônia Carvalho de Moura
Coordenadora Técnica de Saúde das Geres
IX Regional de Saúde - Geres

Wilson Rodrigues da Silva
Coordenador Técnico do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres
X Regional de Saúde - Geres

Ana Cristina de Freitas Alencar
Coordenadora Técnica do Programa Mãe
Coruja Pernambucana das Geres
XI Regional de Saúde - Geres

GERÊNCIA DE ARTICULAÇÃO INTERSETORIAL

Marta Cristina Santos Wanderley
Gerente de Articulação Intersetorial

Alissandra Regina Siqueira Oliveira Marciano
Coordenadora de Acompanhamento do
Programa Mãe Coruja Pernambucana

Edna Maia de Souza
Coordenadora de
Recursos Humanos

Daniel Saboya Paes Barreto
Administrador do Sistema Mãe Coruja

Marta de Melo Macedo
Assistente Administrativo

Nadjane Cavalcante da Silva Burkhardt
Assistente em Saúde

Noêmia Siqueira Garcia
Assistente Administrativo

Reginaldo Manoel de Sales Júnior
Assistente Administrativo
Volmer Souza de Sá
Assistente Administrativo

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E ARTE

Gustavo Burkhardt
*Coordenador de Ações
Intersetoriais*

Iramaraí José Vilela de Freitas
*Coordenador de Ações
Intersetoriais*

GERÊNCIA TÉCNICA DE PESQUISA

Ana Elizabeth de Andrade Lima
*Mestra em Saúde Pública
Especialista em Medicina de Família e
Comunidade*

Lusanira Maria da Fonseca de Santa Cruz
*Gerente Técnica de Pesquisa do Programa
Mãe Coruja Pernambucana*

Cristina Pinheiro Rodrigues
Médica Sanitarista

Maria da Conceição Silva Cardozo
*Coordenadora Técnica de Pesquisa do
Programa Mãe Coruja Pernambucana*

Tânia Maria de Andrade Lima
*Médica e Professora da Universidade Federal
de Pernambuco*

PROFISSIONAIS DOS CANTOS MÃE CORUJA PERNAMBUCANA

Técnicos de Nível Superior

CANTOS MÃE CORUJA – I Geres

Fabiana Amorim Torres
Joulianne Barbosa Pereira
Município de Araçoiaba

CANTOS MÃE CORUJA – II Geres

Carmem Iumatti Valença
Claudeneice Lourenço da Silva
Município de Casinhas

Izabella Cristina de Arruda Moura
Marta Valéria da Silva
Município de Cumaru

Claudecyta Maria Carvalho da Hora
Lúcia Laurinda de Souza
Município de Salgadinho

CANTOS MÃE CORUJA – III Geres

Daniella Maria Pereira de Lima
**Erika Fernanda Montenegro de
Oliveira**
Município de Amaraji

Claudia Alves de Freitas
**Vasti Maria Barbosa Gomes de
Souza**
Município de Catende

Helba Patrícia Pires de Carvalho
Margarida Cecília de Barros Barbosa
Município de Cortês

Ana Paula Barbosa da Silva
Carla Cardinalle Bezerra da Silva
Município de Jaqueira

Eliane Dias da Silva
Shirley Uchôa Paes Martins
Município de Joaquim Nabuco

Alexiana Inácia de Carvalho Sales Santos
Wlademir Bernardo de Souza
Município de Lagoa dos Gatos

Maria Quitéria Freitas da Silva Moraes
Rômulo Patrício Silva Bezerra
Município de Maraiá

Lucinery Silva de Holanda Vasconcelos
Luzia Félix dos Santos Silva
Município de Palmares

Diana Maria da Silva
Edvanilda Marinho Pereira
Município de Quipapá

José Ricardo Pereira
Rivane de Vasconcelos Costa
Município de Rio Formoso

Antônio Carlos Ferreira Cavalcante
Cláudia de Fátima dos Santos
Município de Xexéu

CANTOS MÃE CORUJA – IV Geres

Lucia Karlla Borba de Sousa Monteiro
Maria Aparecida de Vasconcelos Queiroz
Município de Agrestina

Ana Karla Gouveia Regis Fraga
Priscilla de Melo Macedo
Município de Belo Jardim

Michelle Regina Albuquerque Silva
Monica Alves Correia de Aquino
Município de Bonito

Alice Azevedo e Souza
Maria Goretti Monteiro
Município de Camocim de São Félix

Daniely de Almeida Pontes Sena
Taiza Maria de Almeida Andrade
Município de Ibirajuba

Alexandra Vivieane Batista
Glaucy Naiany Cordeiro de Barros Arruda
Município de Jataúba

Gabriela Arruda Reinaux Pontes
Josefa Verônica de Oliveira Silva
Município de Jurema

Érica Daniely Mariano Monteiro
Silvânia de Lima Cristóvão
Município de Panelas

Miriam Pessoa Souto Maior
Patrícia Carneiro Araújo dos Santos
Município de Riacho das Almas

Ana Cláudia de Castro Nunes Soares
Fabiana Waléria dos Santos Silva
Município de Sairé

Esmeralda das Dores Santos
Santana
Wilitiusa Abreu Spinola
Município de Sanharó

Ângela Soares Silva de Vasconcelos
Janaina Barbosa Ferreira Santana
Município de São Caetano

Verônica Myriam Gonçalves Leitão
Viviane Mota dos Santos
Município de Tacaimbó

Dicla Bezerra de Almeida
Município de Vertentes

CANTOS MÃE CORUJA – V Geres

Elianne de Oliveira Araújo
Wdlândia Karoline da Silva Araújo
Município de Águas Belas

Alecsandra Brandão Cardoso
Claudia Alves da Cruz Melo
Município de Angelim

Irabele Guedes de Oliveira
Karla Oliveira Ramos de Souza
Município de Bom Conselho

Célia de Oliveira Lima
Michelle Karine Lima
Município de Brejão
Graziela Maria Gonçalves Metódio
Maria Teresa Fernandes Cintra
Município de Caetés

Claudia Regina de Freitas
Janaina Tércia da Silva
Município de Calçado

Aline Cordeiro Cavalcante
Simone de Moraes Simões
Município de Canhotinho

Amanda Pimentel Pontes
Vânia Gisele Gomes da Silva
Município de Capoeiras

Carla Calado de Vasconcelos
Natálye Fernanda Leão da Silva
Município de Correntes

Erika Kataline Albuquerque Lima
Kátia da Silva Araújo Notaro
Município de Garanhuns

Aricherlla Ramos Lucena Araújo
Roberta Cassandra Vasquez de
Freitas
Município de Iati

Edvaneide Silvério Martins
Renata Juliano dos Santos
Município de Itaíba

Maria Tereza da Costa Bezerra
Ferreira
Silmara Vieira dos Santos
Município de Jucati

Angélica Sabrina dos Santos
Azevedo
Edjane Maria da Silva
Município de Jupí

Isabel Cristina de Melo Almeida
Pollyana Jorge Novaes Bantim
Município de Lagoa do Ouro

Natalywood Inácio da Silva
Prycilla Inácio da Silva Diniz
Município de Lajedo

Maria Ester de Souza Moraes
Maria Sueli Pimentel de Santana
Município de Palmeirina

Maria Celia Almeida de Lima
Maria Cícera Carvalho Gomes
Município de Paranatama

Alex Diniz Silva
Município de Salóá

Jailma Dantas de Souza
Joselma Gomes Calado
Município de São João
Elizabeth Costa Ferreira de Sousa
Mirella Godoy Silvestre
Município de Terezinha

CANTOS MÃE CORUJA – VI Geres

Djane Patrícia de Araújo
Tarcísio Albuquerque Moraes
Município de Arcoverde

Karine da Silva Monteiro
Sandra Valéria do Amaral Lira
Município de Butique

Débora Bandeira do Nascimento
Rocha
Marília Pereira Lopes
Município de Custódia

Jannine Gomes Oliveira
Joselvânia Maria Andrade Oliveira
Município de Ibimirim

Ana Paula Batista Cardoso
Mariana Ferraz N. Gomes de Lima
Município de Inajá

Alexsandro da Silva Santos
Carla Samara Silva Santos
Município de Jatobá

Janice Cordeiro Rodrigues Bezerra
Waléria Sayão Maia de Melo
Município de Manari

Dayse Albuquerque Cavalcante
Fernanda Braz Macedo Brederodes
Município de Pedra

Lívia Carolline Gomes de Lima
Lisboa
Maria Roseli Oliveira
Município de Petrolândia

Alessandra Inojosa Leandro
Anamim Leite da Silva
Município de Sertânia

Soraia Leal Torres
Município de Tacaratu

Virgínia Freire da Rocha
Município de Tupanatinga

Katiúcia Dantas Cavalcante
Milane Monteiro da Silva
Município de Venturosa

CANTOS MÃE CORUJA – VII Geres

Cássia Simone Gondim Sales
Magalhães
Emanuella Nunes da Valões
Município de Mirandiba

Adriana Carvalho de Sá Bezerra
Marlene Gonçalves Torres de
Andrade
Município de Terra Nova

CANTOS MÃE CORUJA – VIII Geres

Gicélia Maria dos Santos
Raimunda dos Humildes Rodrigues
 de Macedo
Município de Afrânio

Sara Carvalho de Araújo Gonçalves
Município de Cabrobó

Karla Tatiana Carvalho e Sá Alves
 da Cruz

Marcos Kleber Alves da Cruz
Município de Dormentes

Fabiola Bezerra de Sá
Mailza Alves Damasceno Valgueiro
Município de Lagoa Grande

Ana Maria de Araújo Santos
Mauri Célio Alves Santana
Município de Orocó

Claudia Regina Pereira de Souza
Cybelles Roriz Leite Ferraz
Município de Petrolina

Girilândia César dos Santos
Silvana de Alencar Santos
Município de Santa Maria da Boa Vista

CANTOS MÃE CORUJA – IX Geres

Ediane Alencar De Miranda
Joyce Caetano Laurentino
Município de Araripina

Elainne Guimarães Coriolano
Sâmia Pedroza De Holanda
Município de Bodocó

Ana Cristina Moreira dos Santos
Edna Maria Lôbo Cruz
Município de Exú

Maria Selma de Caldas
Marline Sandinara
Cavalcante Nelo
Município de Granito

Jasiana Pereira da Silva
Rebeca Manuelli Alves Gonçalves
Município de Ipubi

Lucely Galiza de Alencar Bento
Maria Gildene dos Santos
Município de Moreilândia

Ângela Valéria Xavier de França
Fabiana Carvalho de Souza
Município de Ouricuri

Fabiana Teles Ramos
Renailda Silva de Oliveira
Município de Parnamirim

Newilton Gois de Araújo
Tânia Maria Coelho Lins
Município de Santa Cruz

Isabel Mª Saraiva do Amaral
Maria do Socorro Duarte da Silva
Município de Santa Filomena

Erlene Luna Teles
Mércia Celiana Barros Delmondes
Município de Trindade

CANTOS MÃE CORUJA – X Geres

Emmanuela Alves Genésio
Geovanna Acioly de Moura
Município de Carnatiba

Bruna Caroline Xavier de Almeida
Maria Aparecida de Lima Silva
Município de Iguaraci

Genésia Dayana Pires Leite de Souza
Lucrécia Moreira da Silva
Município de Itapetim

Allyne Leite Nunes Brito
Juliana Araújo do Nascimento
Município de Santa Terezinha

Johanna Paulla Malaquias
 Guimarães

Roberta Jeanne Santos da Silva
Município de Solidão

CANTOS MÃE CORUJA – XI Geres

Aline Araújo da Silva Sá
Auricléa de Moura Souza
Município de Betânia

Maria Edileuza Serafim De Lima
Maria Rita Duarte Rodrigues de
Lima
Município de Calumbi

Joseilma Maria Araújo da
Silva Novaes
Nadice Pereira dos Santos Correia
Município de Carnaubeira da Penha

Daniely Cristina Terto Carvalho
Priscila de Lima Vargas Carneiro
Município de Flores

Pedro Roldão de Almeida Sá
Município de Floresta

Maria das Neves Silva
Maria de Fátima Sá Campos
Município de Itacuruba

Mayanna Sobreira Tavares
Rodrigues
Renata Socorro Pereira de
Figueiredo
Município de Santa Cruz da Baixa Verde

Maria Cecília Andrade Medeiros
Simone Cecília Da Silva Lima
Município de São José do Belmonte

Juslayne Crystiane Nogueira Silva
Maria do Socorro Alencar
Município de Serra Talhada

Kally Patrícia de S. Ferreira
Maria Gomes de Pádua Bezerra
Município de Triunfo

CANTOS MÃE CORUJA – XII Geres

Flora Luiza Pereira do Nascimento
 Freire
Maria Betânia Guimarães
Município de Aliança

Josoilma Lino de Carvalho
Nilcilene de Fátima Santos da
Silveira
Município de Condado

Eriberto José Pereira da Silva
Jailde Rosa dos Santos
Município de Ferreiros

Amanda da Fonseca Cavalcante
Mariza Coutinho de Farias
Município de Macaparana

Gerard José da Silva
Sandra Karla Braz de Freitas
Cavalcanti
Município de São Vicente Férrer

Documentos consultados

Para a realização deste livro, além das entrevistas e pesquisa de campo, foram consultados vários documentos, apresentações e trabalhos técnicos produzidos ao longo dos anos pela equipe do Programa Mãe Coruja Pernambucana. De alguns foram extraídos dados, de outros, declarações ou, devido a precisão e relevância, até mesmo trechos completos. O certo é que sem eles essa obra não seria possível.

- 1) Monitoramento - Programa Mãe Coruja Pernambucana/ dezembro 2015
- 2) Relatório de Gestão do Programa Mãe Coruja Pernambucana/ 2015
- 3) Relatório de Gestão do Programa Mãe Coruja Pernambucana/ 2015 / Coordenação de Comunicação e Arte
- 4) Relatório de Gestão do Programa Mãe Coruja Pernambucana/ 2015 / IX Região de Saúde - Ouricuri
- 5) Normas legais do Programa Mãe Coruja Pernambucana
- 6) Manual do Programa Mãe Coruja Pernambucana
- 7) Protocolo Operacional do Programa Mãe Coruja Pernambucana
- 8) Documento de candidatura do Programa Mãe Coruja Pernambucana ao Prêmio da ONU 2014
- 9) Diagnóstico IX Geres 2008
- 10) Manual de Implantação do Programa Mãe Coruja - IX Geres

CANAL YOUTUBE

<https://www.youtube.com/channel/UCNAB42pELwdzIli5U891o1Q>

BLOG

<http://www.maecoruja.pe.gov.br>

FACEBOOK

Programa Mãe Coruja PE

INSTAGRAM

MÃECORUJAPE

Supervisão Geral: Evaldo Costa e Anelise Timm

Edição: Sérgio Miguel Buarque

Projeto Gráfico: Luiz Arrais

Fotos: Iramaraí José Vilela de Freitas

Revisão: Ab Aeterno Produção Editorial

Diagramação: Luiz Arrais / Sebastião Corrêa

Tratamento de imagem: Sebastião Corrêa

O texto deste livro foi composto em
Velino Text, Steelfish e Futura.

O papel utilizado para o miolo é Couché fosco 115g/m²
e para a capa é Supremo 250g/m².

Companhia Editora de Pernambuco – junho de 2017.



Uma revolução silenciosa vem ajudando a mudar a realidade de milhares de pessoas em Pernambuco. Em uma década, o Programa Mãe Coruja Pernambucana tem contribuindo efetivamente para o bem-estar de gestantes e crianças na primeira infância, estimulando o fortalecimento dos vínculos afetivos entre mãe, filho e família. O sucesso do programa criado em 2007 deve-se a uma concepção inteligente, a um processo de implantação bem feito, a uma gestão eficiente e, sobretudo, a uma forma diferenciada de olhar, enfrentar e resolver os problemas encontrados nessa exitosa caminhada. Agora, chegou a hora dessas histórias serem contadas e desse conhecimento acumulado ser compartilhado. Além de servir como instrumento de divulgação e documentação do programa, este livro também cumpre a função de ser uma importante ferramenta de consulta.

